



**Gabriela Viol Valle**

**Interações através de comentários no *YouTube*  
frente à temática do feminismo**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem do Departamento de Letras da PUC-Rio como parte dos requisitos parciais para obtenção do grau de Mestre em Letras/Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Maria das Graças Dias Pereira

Coorientadora: Profa. Renata Martins Amaral

Rio de Janeiro,  
Fevereiro 2022.



**Gabriela Viol Valle**

**Interações através de comentários no *Youtube*  
frente à temática do feminismo**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa  
de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da  
PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora  
abaixo assinada.

**Profa. Maria das Graças Dias Pereira**  
Orientadora  
Departamento de Letras – PUC-Rio

**Profa. Renata Martins Amaral**  
Co-orientadora  
Departamento de Letras – PUC-Rio

**Profa. Dra. Liliana Cabral Bastos**  
Departamento de Letras – PUC-Rio

**Profa. Tânia Mara Gastão Saliés**  
UERJ

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

## Gabriela Viol Valle

Graduou-se em bacharel e em licenciatura em Letras – Português Literaturas (UFRJ). É especialista em Português para Estrangeiros (UFF). Graduou-se também em Psicologia e atualmente é mestranda em Psicologia (UFES). Suas áreas teóricas de interesse de estudo são Linguística Aplicada, Sociolinguística Interacional, Antropologia Linguística, Representações Sociais e Português para Estrangeiros. E as áreas temáticas são as que versam sobre feminismo/feminilidade e masculinidades.

### Ficha Catalográfica

Valle, Gabriela Viol

Interações através de comentários no *Youtube* frente à temática do feminismo / Gabriela Viol Valle ; orientadora: Maria das Graças Dias Pereira ; co-orientadora: Renata Martins Amaral. – 2022.

143 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2022.

Inclui bibliografia

1. Letras - Teses. 2. Comentários na interação virtual. 3. Debate sobre gênero. 4. Feminismo. 5. Netnografia. 6. YouTube. I. Pereira, Maria das Graças Dias. II. Amaral, Renata Martins. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. IV. Título.

CDD: 400

*Para os meus pais João e Mônica, para minha irmã Isabela, para minha avó Izabel  
meus maiores apoiadores e incentivadores nos estudos e por todo o amor,  
paciência e compreensão pelas minhas ausências.*

*Para o meu companheiro de vida Alexandre, por todo o amor, ajuda, cumplicidade,  
paciência. Por tanto me incentivar e me inspirar a crescer cada vez mais como  
pesquisadora e por valorizar a minha voz.*

## Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer **a todas aquelas que lutaram** para que eu pudesse estar aqui escrevendo esse texto hoje. Ocupar o lugar que ocupo hoje de mulher, estudante, pesquisadora é resultado de muita luta, a qual deve sempre ser lembrada e reconhecida.

Aos meus pais, **João e Mônica**, e à minha irmã, **Isabela**, que, mesmo sem entenderem a dimensão do quanto a academia me faz crescer, sempre me apoiaram e me incentivaram a seguir nos estudos em um país em que a educação não está em primeiro lugar. Por se orgulharem de mim e por estarem felizes, junto comigo, por eu estar conquistando, aprendendo e sempre buscando melhorar.

Ao meu companheiro de vida, **Alexandre**, por ser meu maior incentivador e a pessoa que mais vivencia e entende meus questionamentos diários, que me dá espaço e apoio para conversar, reclamar, buscar, acreditar, querer. Por compreender meus momentos de estresse e de ausência mesmo estando tão perto. Por ter me incentivado a fazer o curso de Letras e por ter me feito ver a grandeza que é experimentar o meio acadêmico. E por estar comigo. Sempre.

À minha avó, **Izabel**, por valorizar o meu trabalho, por sempre me apoiar nos estudos e, principalmente, por compreender as minhas ausências e sempre deixar claro que “sabe que eu preciso estudar”.

À minha querida professora-orientadora **Maria das Graças Dias Pereira**, por ter me aceitado como orientanda e por ter me acolhido. Pelos ensinamentos, pela atenção, dedicação e por todo apoio e incentivo para que eu conseguisse continuar na minha desejada caminhada acadêmica de uma forma crítica, mas prazerosa. E por acreditar em mim.

À minha co-orientadora **Renata Martins do Amaral**, pela parceria, pelo apoio, pela compreensão e por ter me recebido muito bem no nosso grupo de pesquisa.

À minha primeira orientadora da graduação, **Danúsia Torres dos Santos**, por ter me incentivado a tentar o mestrado na PUC e por ter me feito ver o meio acadêmico como eu desejo que ele seja visto por todos. Por todos os ensinamentos, pela atenção, pelo acolhimento e paciência comigo.

Um agradecimento muito especial ao meu amigo e grande parceiro dessa jornada acadêmica e que foi um grande presente desse mestrado, **Lucas Felipe de Oliveira Santiago**. Agradeço demais por ter feito do mestrado um processo mais leve e divertido. Por compartilhar não só trabalhos, mas também nossas vitórias, alegrias e angústias. Por estar sempre disposto a me ajudar, por toda biblioteca compartilhada e, principalmente, pela paciência de me ter pedindo o mesmo texto várias vezes. Por todo apoio e incentivo durante todos os processos do mestrado, desde as disciplinas até a escrita final da dissertação.

Às professoras **Tânia Mara Gastão Saliés, Liliana Cabral Bastos e Atmiza Torres Vieira**, por aceitarem participar como banca examinadora da minha pesquisa. Agradeço de antemão, pelas contribuições que serão dadas.

A todos que fazem parte do grupo de pesquisa **Linguagem, Cultura e Trabalho** por me receberem muito bem e por todas as contribuições nas nossas reuniões, desde a decisão do tema da dissertação até o tema do projeto de doutorado.

À **Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC- RJ)** por ter me dado a oportunidade de me inserir na academia, ao **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)** e a **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil - (CAPES)** - Código de Financiamento 001 - por me proporcionar a bolsa de fomento e possibilitar a realização do meu mestrado.

## RESUMO

Valle, Viol Gabriela. Pereira, Maria das Graças Dias (Orientadora); Renata Martins do Amaral (co-orientadora). **Interações através de comentários no YouTube frente à temática do feminismo**. Rio de Janeiro, 2022. 143 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O foco do presente estudo são interações através de comentários em um vídeo do *YouTube* que aborda a temática do feminismo. O objetivo principal da pesquisa consiste em analisar debates sobre gênero na rede social, mediante comentários de um vídeo. A base teórico-analítica apoia-se em abordagens na interface de ordem interacional entre a Sociolinguística Interacional, a Análise da Conversa e a Antropologia Linguística. Da Sociolinguística Interacional, são importantes os conceitos de Goffman de *footing*, face, gerenciamento de impressão e performance. Da Análise da conversa, são utilizados os conceitos de formulação e *accounts*. Da Antropologia Linguística, são consideradas as concepções de indexicalidade e escalas. A metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativista e netnográfica. A análise dos comentários, a partir do vídeo do *YouTube* selecionado na pesquisa, foi feita em dois momentos. No primeiro, os comentários versam sobre a pluralidade do feminismo. Há diferentes participações no fluxo da interação, com relações de concordância, discordância e indagações. No segundo momento, os comentários indicam manifestações interacionais conduzindo a um debate sobre gênero, com os direitos dos homens e a busca pela igualdade de gênero. Na ordem micro, os participantes trazem a ordem macro, dicotomizando o feminismo, em seus alinhamentos. Nas análises, nota-se que o meio termo dificilmente surge na interação. Há posturas de ataques e contra-ataques, que ora defendem o feminismo, ora questionam e reforçam o patriarcado.

**Palavras-chave:** comentários na interação virtual; debate sobre gênero; feminismo; netnografia; *YouTube*; patriarcado.

## ABSTRACT

Valle, Viol Gabriela. Pereira, Maria das Graças Dias (Advisor), Renata Martins Amaral (Co-advisor). **Interactions through comments on YouTube on the topic of feminism.** Rio de Janeiro, 2022. 143 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The focus of the present study is interactions through comments on a *YouTube* video that addresses the issue of feminism. The main objective of the research is to analyze debates about gender in the social network, through comments on a video. The theoretical-analytical basis is based on approaches in the interactional order between Interactional Sociolinguistics, Conversation Analysis and Linguistic Anthropology. From Interactional Sociolinguistics, Goffman's concepts of *footing*, face, impression management and performance are important. From Conversation Analysis, the concepts of formulation and accounts are used. From Linguistic Anthropology, the concepts of indexicality and scales are considered. The research methodology is qualitative and interpretive, with a netnographic nature. The analysis of the comments, based on the YouTube video selected in the research, was carried out in two moments. In the first, the comments are about the plurality of feminism. There are different participations in the flow of interaction, with relationships of agreement, disagreement and questions. In the second moment, the comments indicate interactional manifestations leading to a debate on gender, with men's rights and the search for gender equality. In the micro order, the participants bring the macro order, dichotomizing feminism, in their alignments. In the analyses, it is noted that the middle ground hardly appears in the interaction. There are postures of attacks and counter-attacks, which sometimes defend feminism, sometimes question and reinforce patriarchy.

**Keywords: comments on virtual interaction; gender debate; feminism; netnography; *YouTube*; patriarchy.**



# SUMÁRIO

## Prelúdio: “Desobediência epistêmica” - a importância da mulher na pesquisa

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
1.1 O foco do estudo	14
1.2 A motivação e a relevância do estudo	15
1.3 A contextualização e as perguntas da pesquisa	15
1.4 Os objetivos	16
1.5 A abordagem teórica e metodológica	17
1.6 A organização dos capítulos	17
<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O FEMINISMO E O PATRIARCADO</b>	<b>19</b>
2.1 Sobre as concepções de feminismo	19
2.2 Sobre o patriarcado e suas formas de dominação	24
<b>3. POSICIONAMENTOS TEÓRICOS E ANALÍTICOS</b>	<b>29</b>
3.1 Contribuições de Goffman	29
3.1.1 Performance	30
3.1.2 Face	33
3.1.3 Gerenciamento de Impressão	36
3.1.4 <i>Footing</i>	39
<b>3.2 A interação através de comentários</b>	<b>42</b>
3.3 Análise da Conversa	46
3.3.1 Formulação	48
3.3.2 <i>Accounts</i>	50
3.4 Indexicalidade e Escalas	51
<b>4. METODOLOGIA DA PESQUISA</b>	<b>55</b>
4.1 Natureza da pesquisa	55
4.2 O contexto da pesquisa	56
4.3 O universo da pesquisa	58
4.4 O tipo de participação da pesquisadora	59
4.5 O processo de geração de dados e o recorte analítico	59
4.6 A ética da pesquisa	61
<b>5. A PLURALIDADE DO FEMINISMO NOS COMENTÁRIOS</b>	<b>62</b>
5.1 Construção da ideologia do feminismo	62
5.2 Feminismo ou Femismo?	90
<b>6. DEBATE SOBRE GÊNERO NOS COMENTÁRIOS</b>	<b>110</b>

6.1 Direitos dos homens?	110
6.2 A busca pela igualdade de gênero	119
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>126</b>
7.1 Em busca de entendimentos	126
7.2 Contribuições da pesquisa	129
7.3 Continuando a escrever	130
<b>8. REFERÊNCIAS</b>	<b>132</b>

*Dedico esta dissertação para todas aquelas que em algum momento duvidaram das suas capacidades por serem mulher. Que possamos pesquisar, questionar e refletir sempre que possível. E para as vozes mais altas do que as nossas que tentam nos silenciar, que sigamos a nossa grande Clarice Lispector: “Enquanto tivermos perguntas, e não houver respostas, continuaremos a escrever”*

## Prelúdio: “Desobediência epistêmica” - a importância da mulher na pesquisa

*I'm reppin' for the girls  
Who taken' over the world  
Let me raise a glass  
For the college grads*  
**Beyoncé**

Antes de dar início ao conteúdo da dissertação em si, abro um espaço para reflexão acerca da importância da mulher na pesquisa. Uma frase de Simone de Beauvoir (1949) me faz pensar muito sobre a temática do feminismo: “Ninguém nasce mulher, mas se torna mulher” (p.15). Apesar desse pensamento, entendo que a opressão marcada pelo patriarcado se dá justamente por um falho dogma que perdurou durante muito tempo acerca do “papel da mulher na sociedade”. Embora tenhamos caminhado bastante nos últimos anos no que diz respeito aos estudos feministas, com contribuições de grandes nomes como Mary Wollstonecraft, Simone de Beauvoir, Virginia Woolf, Betty Friedan, Lélia Gonzáles e Angela Davis, e na liberdade de escolha da mulher para “tornar-se” o que quiser, a luta ainda tem um longo caminho pela frente.

O feminismo é construído no cotidiano (ALVES e PITANGUY, 1985) e na reivindicação de ser mulher em uma sociedade majoritariamente patriarcal. Nesse contexto, a marginalização do lugar, da fala e do pensar da mulher não é difícil de acontecer e, em muitos casos, no qual eu também me incluo, percebo-nos lamentando o “ser mulher em uma sociedade machista”. A lamentação é justificada pela sensação de silenciamento e de invisibilidade pela qual passamos. Entretanto, desde que decidi dedicar meus estudos às temáticas que se referem ao feminismo e aos seus desdobramentos, busco transformar a lamentação em valorização acerca do meu lugar enquanto mulher e pesquisadora, entendendo este lugar que ocupo como um espaço de ação, uma vez que, conforme aponta Moita Lopes (2009), fazer pesquisa é fazer política.

Vou utilizar o livro “A metamorfose”, de Franz Kafka (1989), para fazer uma analogia com o lugar da mulher na sociedade. A obra nos faz refletir sobre o lugar e o tratamento de um indivíduo considerado diferente daquilo que se espera

socialmente. O livro fala sobre um menino que de repente se transforma em um inseto. Ele era um ótimo filho, muito trabalhador e o orgulho de sua família. Em dado momento, ele se transforma em um inseto e perde suas características conhecidas e esperadas e acaba sendo excluído socialmente. Tal como Gregor Samsa, o menino que passa por essa transformação, desde o início das reivindicações feministas, a mulher que luta pelos seus direitos sofre as consequências de uma sociedade hegemonicamente masculina, que a julga por não aceitar se encaixar no que é imposto pelo patriarcado.

Traço então um paralelo entre a metamorfose de Kafka com uma expressão proposta por Walter Mignolo (2008): a “desobediência epistêmica”. No processo de “tornar-se mulher”, diferente do “nascer mulher”, que vai de acordo com os preceitos sociais naturalizados, é necessária resistência. Conforme salienta Santos (2018, p. 7): “a desobediência epistêmica é capaz de nos colocar num movimento de refazer caminhos, desconstruir saberes e questionar alguns “achados” em nossas pesquisas”, entendo, assim, que o lugar da mulher na academia é um tornar-se desobediente que nos abre oportunidades de pensar, criar e de nos manter em constantes movimentos de busca.

O lugar da mulher no “pensar” e no “construir” não só é recente, como ainda está em constante construção. Sofremos copiosas tentativas de reducionismo, que têm a ver com imposição da linguagem social hegemônica dominante. O poder da teoria crítica feminista está em nos permitir esse aqui e agora, esse eu, esse nós, que está sendo realizado, além de diferentes futuros. Futuros que enxergam o valor dos saberes localizados, os quais não só nos localizam como nos encontram (HARAWAY, 1995).

Portanto, que sejamos desobedientes aos olhos de quem considera a existência de um “nascer mulher” e que possamos contribuir socialmente na luta de uma sociedade equitativa e que nossos saberes sejam localizados, valorizados e que esta pesquisa possa ser mais uma contribuição não só para a academia como também para possíveis reflexões e pensares sobre a luta política-social-epistemológica dos feminismos. E que nessa busca, valorizemos os polissíndetos de ser mulher e pesquisadora e mãe e filha e esposa e..., pois não precisamos nos restringir a um único papel, que muitas das vezes, nos é imposto.

# 1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação analisa interações através de comentários feitos em um vídeo no *YouTube*. O vídeo versa sobre o feminismo e os direitos dos homens e a escolha desse material como fonte de dados para esta pesquisa é pautada na compreensão de que discutir sobre esse movimento é um dos passos que enriquece e amplia o alcance das mulheres no meio social.

Desse modo, pontuo nas seções seguintes o foco, a motivação e a relevância do estudo, a contextualização e as perguntas da pesquisa, os objetivos, a abordagem teórica e metodológica e a organização dos capítulos.

## 1.1 O foco do estudo

O foco do presente estudo são interações através de comentários em um vídeo do YouTube que aborda a temática do feminismo. Assim, temos como plano central da análise as construções das conversas no ambiente virtual dos comentários do YouTube, que aconteceram diante de discussões que estão diretamente relacionadas ao feminismo.

## 1.2 A motivação e a relevância do estudo

Dentre as diversas formas de comunicação virtual, o recurso de comentários pode ser uma rica fonte de dados para compreendermos como se cria um cenário interacional virtual, bem como de que modo os comentários se desenvolvem e como seus usuários tendem a atuar nesse contexto. Desse modo, dois aspectos principais motivaram o desenvolvimento da presente pesquisa, sendo eles: o aumento das interações virtuais e a intensificação da luta feminista.

Nos últimos anos, tivemos uma grande ascensão das tecnologias de acesso à internet e de circulação de informações. Diversos aplicativos que promovem interação social através das redes ficaram muito famosos e já fazem parte do dia a dia de muitas pessoas, não sendo diferente para nós brasileiros. Assim, a internet tem se tornado um grande espaço para pesquisas e reflexões para que consigamos compreender melhor o seu funcionamento e os novos paradigmas sociais que per-

meiam a atualidade (BARTON e LEE, 2013). Dentro do contexto virtual, assuntos relacionados ao âmbito social mostram-se presentes, dentre os quais está incluído o feminismo. Discutir sobre gênero é algo fundamental para compreendermos como são construídas as relações em sociedade. Por isso, pesquisar o feminismo no ciberespaço torna-se relevante na medida em que pode nos fazer refletir sobre aspectos interacionais que surgem juntamente com as novas tecnologias e com as novas formas de comunicação.

### **1.3 A contextualização e as perguntas da pesquisa**

O contexto desta dissertação se dá em um cenário polêmico, levando em consideração que o feminismo se enquadra como questão social e que é comumente debatido em ambientes públicos (CAVALCANTE, 2017). Dessa forma, acreditamos que o movimento feminista tem função social, uma vez que gerencia conflitos de opiniões divergentes (AMOSSY, 2017), os quais são importantes de serem pautas sociais.

Esta pesquisa compreende que o feminismo não pode ser enquadrado em uma esfera singular (HARDING, 2019), isto é, diversas concepções sobre esse movimento são levantadas e colocadas em pauta quando tratamos sobre assuntos que envolvem as temáticas que circundam o conceito de gênero e de seus desdobramentos.

Assim, entendemos que elementos que envolvem debates de gênero, como o patriarcado e o próprio feminismo, são fundamentais para repercutir como esses tópicos são apresentados e interferem socialmente. Segundo Reguant (2001), por exemplo, o patriarcado representa a ideia de autoridade e liderança dos homens, podendo este ser um aspecto observado em alguns contextos e relações sociais. Outra perspectiva, que também influencia socialmente, é a perpetuação do patriarcado ainda nos dias de hoje, que pode ser motivado pela ideia de que há um lugar determinado para a mulher na sociedade (CISNE e SANTOS, 2018). Em contrapartida, ideologias feministas podem surgir em debates como forma de resistência, na qual há uma luta para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão (HOOKS, 2018). São questões como essas que nos propomos a observar, a fim de pensar sobre temática do feminismo, sobretudo, no ambiente virtual.

Diante de questionamentos sobre interações virtuais e feminismo, as nossas motivações para esta pesquisa surgiram a partir das perguntas:

- (i) Como os indivíduos performam diante de uma situação polêmica nas redes sociais?
- (ii) Como manifestam suas posturas, elaboram suas faces, o que fazem para não perdê-las e para gerenciarem bem suas impressões diante de discussões que dividem opiniões?
- (iii) Como são elaboradas essas conversas?
- (iv) Quais são as justificativas dos indivíduos para explicar e defender os signos semiotizados acerca do feminismo?

#### 1.4 Os objetivos

O objetivo principal desta pesquisa consistiu em analisar interações a partir de comentários de um vídeo do *YouTube*, a fim de investigar como é construída a interação entre os seus usuários. Então, analisamos as posturas dos indivíduos em interação nos comentários do vídeo, o qual traz um debate sobre gêneros a partir da perspectiva de um homem, que é defensor do direitos dos homens, e de uma mulher, que é feminista.

Mais especificamente, a partir de uma base teórico-analítica que se apoia em uma interface de ordem interacional entre a Sociolinguística Interacional, a Análise da Conversa e a Antropologia Linguística, busco:

- (i) analisar como os indivíduos performam na rede social, mediante comentários sobre um vídeo, sobretudo diante dos temas polêmicos ‘feminismo/machismo/direito dos homens’, que instiga o processo de interação;
- (ii) observar como os indivíduos se constroem, como se colocam na interação e se eles se alinham publicamente ou não aos discursos dos outros, analisando como e quais são as faces criadas nos cenários de interação, bem como de que forma buscam gerenciar suas impressões e quais recursos utilizam para criar *footings* ou não diante dos comentários dos outros;
- (iii) investigar como são construídos os espaços conversacionais, de modo a perceber em que momentos os indivíduos desenvolvem formulações e justificativas para embasar suas ações e posturas;



(iv) por fim, procuro observar quais signos são semiotizados pelos indivíduos em interação e quais níveis escalares são considerados nesse processo.

## 1.5 A abordagem teórica e metodológica

Como abordagem teórica, da Sociolinguística Interacional, são importantes as contribuições de Goffman ([1985] 2002, 2013, 1980, 1977, [1967] 2012) sobre os conceitos de performance, face, gerenciamento de impressão e *footing* e do contexto virtual interacional de comentários. Da Análise da conversa (AC), utilizamos as noções de formulações (GARFINKEL e SACKS, 1986) e de *accounts* (BUTTNY e MORRIS, 2010; SCOTT e LYMAN, 1968) elaboradas na estrutura conversacional. Da Antropologia Linguística, lançamos mão do conceito de indexicalidade (SILVERSTEIN, 1976; BLOMMAERT E MALY, 2014) e de escalas (CARR e LAMPERT, 2016).

A metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativista, (DENZIN. e LINCOLN, 2006; FLICK, 2009) e netnográfica (KOZINETZ, 2007). A escolha do vídeo selecionado no *YouTube* se deu pela percepção de que a semiotização dos signos relacionados ao masculino e/ou ao feminino demonstra-se dicotômica nos comentários. Então, selecionamos 100 deles para refletir sobre como são apresentadas as noções de gênero e como são construídos debates através de comentários nesse contexto.

## 1.6 A organização dos capítulos

Detalho, a seguir, os capítulos seguintes à introdução, que foram divididos em: contextualização sobre o feminismo e o patriarcado, posicionamentos teóricos e analíticos, metodologia da pesquisa, análise dos dados e considerações finais.

No **capítulo 2**, faço uma contextualização sobre as temáticas do feminismo e do patriarcado. Na primeira seção, trouxe diferentes concepções acerca do feminismo e, na segunda, sobre o patriarcado e suas formas de dominação.

No **capítulo 3**, apresento as teorias que fundamentaram a pesquisa. Início trazendo bases da Sociolinguística Interacional, com contribuições de Goffman acerca dos conceitos de performance, face, gerenciamento de impressão e *footing* e

com reflexões sobre a interação através de comentários, trazendo aspectos que fundamentam esse recorte teórico; em seguida, trago um pouco da Análise da Conversa e, mais especificamente, sobre a formulação em comentários e *accounts*. Por fim, termino este capítulo, apresentando as colaborações da Antropologia Linguística acerca dos conceitos de indexicalidade e escala para esta pesquisa.

No **capítulo 4**, apresento o percurso metodológico do estudo, bem como a natureza, o contexto e o universo da pesquisa; o tipo de participação da pesquisadora; o processo de geração de dados e o recorte analítico; e os preceitos seguidos acerca da ética da pesquisa.

No **capítulo 5**, inicio a análise dos dados, que ficou dividida em dois momentos. O primeiro versa sobre a pluralidade do feminismo nos comentários, sendo dividido em subseções intituladas (i) *A construção da ideologia do feminismo* (seção 5.1) e (ii) *Feminismo ou femismo?* (seção 5.2). O segundo momento, **capítulo 6**, discute sobre debate de gêneros nos comentários e foi subdividido pelas seções (i) *Direitos dos homens?* (seção 6.1) e (ii) *A busca pela igualdade de gênero* (seção 6.2).

Por fim, no **capítulo 7**, apresento as considerações finais da pesquisa, com as subseções intituladas (i) *Em busca de respostas* (seção 7.1), (ii) *Contribuições da pesquisa* (seção 7.2) e (iii) *Continuando a escrever* (seção 7.3), a fim de refletir sobre os aspectos analisados no desenvolvimento deste estudo e sintetizar a sua construção como um todo.

## **2. CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O FEMINISMO E O PATRIARCADO**

As teorias críticas do feminismo buscam refletir sobre modelos sociais hegemônicos do patriarcado que por muito tempo perduraram em diversas sociedades. A presente pesquisa aspira pensar o feminismo como um caminho de possibilidades de uma sociedade menos opressora e mais equilibrada. Para isso, discuto, a seguir, sobre tendências dos estudos feministas e do modelo patriarcal.

### **2.1 Sobre as concepções de feminismo**

Nesta seção, apresento aspectos essenciais do feminismo, visando desconstruir a ideia depreciativa que o conceito de feminismo adquiriu no senso comum social, vinculando-se, inadequadamente e, muitas vezes, a um ideal de supremacia das mulheres. Muito pelo contrário, a trajetória da luta feminista mostra-se fundamental para dismantelar ideologias de embates sexistas.

A palavra feminismo carrega diferentes significados, tendo sua acepção conceitual e histórica. O feminismo, apesar de ser bastante atual, tem suas origens por volta de 1400 com a famosa e pioneira Christine de Pisan (1363-1431) (GARCIA, 2015). A autora escreveu diversas obras, dentre as quais destaca-se o seu livro mais famoso e conhecido como “A cidade das damas”, que defende a figura feminina, modificando a forma como as mulheres eram interpretadas negativamente na época.

O movimento feminista tem diversas influências históricas, tais como a reforma protestante e a revolução francesa. Nomeados de “primeira onda” e “segunda onda”, o movimento foi dividido em dois momentos, os quais foram marcados pelos períodos 1860-1920 e início do ano de 1960, respectivamente (MOLYNEAUX, 1996). O primeiro momento foi marcado por uma reivindicação pelo coletivo das mulheres aos seus direitos enquanto parte da sociedade; e o segundo, foi marcado por duas vertentes, sendo elas a igualitária, que previa a igualdade entre homens e mulheres e a dualista, que dava ênfase às contribuições culturais feministas (PINSKY e PEDRO, 2010).

A caracterização de feminismo ainda é uma questão, uma vez que notamos, de modo geral, divergências na interpretação do termo. No entanto, segundo Garcia

(2015, p. 13) “pode-se afirmar que sempre que as mulheres individual ou coletivamente criticaram o destino injusto e muitas vezes amargo que o patriarcado lhes impôs e reivindicaram seus direitos por uma vida mais justa estamos diante de uma ação feminista”. Dessa forma, podemos dizer que o feminismo se enquadra em um ideal de luta e busca das mulheres para a quebra de determinados paradigmas prescritos pelos princípios do patriarcado, os quais podemos observar facilmente ainda nos dias de hoje.

hooks<sup>1</sup> (2018, p. 17) define o feminismo como “um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão”. O lugar de subordinação da mulher na sociedade é uma questão política, social e econômica (SCOTT, 2019) que está imbricada na história, de modo que a normalização da dominação masculina colocou, e ainda coloca, as mulheres em situação de opressão.

Alves e Pitanguy (1985) elucidam que o feminismo enquanto movimento buscou reconfigurar a assimetria social que designa o papel e/ou o lugar das mulheres em relação aos homens na sociedade. As autoras destacam que o feminismo defende que a dicotomização entre masculino e feminino não deve traduzir uma relação de poder, hierarquia e autoritarismo.

A luta das mulheres para alcançar seus direitos não só enquanto cidadãs, mas também como seres humanos, acarreta atualmente um grande debate de gêneros. A teórica feminista Witting (2019) trouxe contribuições acerca da temática da heterossexualidade como uma das formas de opressão das mulheres diante dos homens. Nesse cenário, há um reforçamento na categorização das mulheres e dos homens como antagonistas, enquanto, na verdade, uma das diligências das mulheres e de algumas correntes defendidas pelo movimento feminista é a não oposição entre os gêneros, mas a igualdade e a garantia dos direitos para todos e todas e o fim da resignação do público feminino na sociedade (BARRET, 1996).

Fazer reflexões sobre o feminismo significa, conseqüentemente, pensar sobre o conceito de gênero e sobre os significados atrelados a ele. Scott (1995, p. 75) explica que “o termo *gênero* torna-se uma forma de indicar *construções culturais* - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”, ou seja, algo construído socialmente. A obra de Scott é de 1995, mas, hoje, pensamos o gênero sob uma perspectiva de multiplicidade, que

---

<sup>1</sup> Ressaltamos que usamos o nome da autora em minúsculo respeitando a sua preferência.

não se restringe ao caráter exclusivamente binário, mulher e homem (BENTO, 2014).

É verdade que o conceito de feminismo gera polêmicas e a justificativa pode ser encontrada justamente nos diferentes enfoques dados a ele. Assim, destacamos a ideia da não existência de um feminismo único, mas de diversos feminismos, na medida em que esse debate tem não só crescido e se intensificado, como tem criado diversas vertentes. Conforme elucida Harding (2019, p. 92), uma vez que “as mulheres e as relações de gênero estão em toda parte, os temas das teorias feministas não podem ser contidos em um esquema disciplinar singular, ou mesmo em um conjunto deles”. É essencial que os diferentes tipos de feminismos sejam esclarecidos e discutidos para que as vozes das mulheres deixem de ser silenciadas e que a hegemonia masculina seja desmistificada.

Dentre as várias concepções de feminismo, temos a visão de Judith Butler que propõe a ideia de performatividade de gênero, isto é, a compreensão de que o gênero não refere-se a ser, mas sim ao fazer, ou seja, “um gênero não é de forma alguma uma identidade estável do qual diferentes ações acontecem, nem seu lugar de agência; mas uma identidade tenuamente constituída no tempo” (BUTLER, 2019, p. 205). Então, entendemos a noção de gênero como algo construído e não previamente determinado, o que nos sugere que a ideologia existente acerca do que se diz ser ‘feminino’ é algo desenvolvido socialmente e, portanto, passível de mudança.

A partir do momento em que consideramos a maleabilidade da construção das aceções vinculadas a um gênero, levamos em conta, também, as diversas questões sociais que inevitavelmente irão interferir nessa construção. Diante dessa perspectiva, Simone de Beauvoir (1949), antes mesmo de Butler, já havia levantado a ideia da concepção de mulher e/ou de feminino como algo elaborado socialmente e não biológico e permanente.

Para além das questões do feminismo que se referem à opressão relacionada ao debate de gêneros, estudos enfocam também outros tipos de subordinação atrelados à posição de subalternidade das mulheres, bem como raça e classe. Autoras internacionais como Angela Davis, Patricia Hill Collins e Audre Lorde, e nacionais, como Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro e Lélia Gonzales, contribuíram para discussões que envolvem o lugar da mulher negra na sociedade.

Kimberlé Crenshaw (2017) sugere o conceito de interseccionalidade, que foi inicialmente proposto na esfera judicial, a fim de que um julgamento não fosse pautado apenas em uma das discriminações sofridas. Os estudos da autora salientam a importância de que a identidade da mulher seja percebida em sua totalidade, ou seja, dando ênfase não só no seu gênero, como também na sua cor, na sua classe e na sua sexualidade.

Arruzza, Fraser e Bhattacharya (2019) discutem sobre a inconveniência do chamado “feminismo liberal” para o alcance das conquistas feministas. Segundo as autoras, essa é uma das concepções vinculadas ao feminismo, mas que influencia negativamente as correntes feministas que buscam conquistar uma sociedade justa para todos. A justificativa se dá pelo fato de que o êxito da comunidade feminina é parcial. No feminismo liberal, questões socioeconômicas que marginalizam determinados grupos de mulheres não são foco de concentração das lutas feministas.

Do mesmo modo que o feminismo liberal, há outros dois termos que também fazem parte desse campo semântico e que parecem trazer resultados negativos para a luta das mulheres: o feminismo radical e o femismo. Segundo Vieira, Machado, Schimidt e Casarin (2016) o femismo é um “comportamento que coloca o sexo feminino em superioridade ao sexo masculino”, estando o feminismo radical na mesma escala. Ambos os conceitos associam uma perspectiva extremista (SILVA, CORREDATO e VERSA, 2015) ao movimento em favor das mulheres, buscando colocá-las, inclusive, em um nível escalar acima de quem não se enquadra, nas perspectivas dessas participantes, como mulher.

As desigualdades sociais como um todo, não só com ou entre o público feminino, têm a ver com as relações de poder impostas pelo capitalismo e precisam ser reconsideradas e reavaliadas, vislumbrando a extinção das relações de dominante e dominado (WAPICHANA, 2019). Assim, a causa feminista prevê relações não excludentes, nas quais a invisibilidade não tenha espaço. Todavia, essa causa precisa ser de todos, pois, enquanto a busca for apenas por uma parcela da sociedade, haverá causas contrárias.

O feminismo é uma ideologia processual e precisa passar por um processo de reflexão antes de ser potencializado na prática (TIBURI, 2018). O debate sobre gêneros, os questionamentos ou defesas acerca do sistema patriarcal têm uma tendência de serem ramificados, sendo tratados como se fossem causas diferentes.

Todavia, conforme defende Titube (2018) em seu livro *O feminismo em comum: para todas, todes e todos*, o feminismo é uma causa única e precisa ser pensada como um todo, de forma analítica e autocrítica.

A complexidade do feminismo e todo o significado social que ele carrega deve ser esclarecido para que não haja interpretações precipitadas que invalidem a sua luta enquanto ação política-econômica-sócio-cultural. O feminismo precisa ser percebido como “um movimento social emancipatório” (GARCIA, 2015, p. 12), pois a limitação desse movimento apenas como “uma identidade pré-fabricada” (HOOKS, 1984, p. 28), que estereotipa a “mulher feminista” (DIAS, 2004), revoga anos de luta das mulheres em busca de uma descategorização hierárquica da dicotomia de gêneros e do longo processo de conquistas da inserção das mulheres nos mais diversos âmbitos sociais.

Boaventura de Sousa Santos cunhou uma expressão que representa e inclui a luta das mulheres, as chamadas “Epistemologias do Sul”. Segundo o autor, a expressão significa a “resistência de grupos que têm sido vítimas de injustiça e opressão e destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado” (SANTOS, 2019, p. 17). O movimento das Epistemologias do Sul se alinha ao feminismo, objetivando a cessação do silenciamento daqueles que compõem os grupos dos oprimidos. Além disso, a proposta de Santos (2019) também presume uma revolução cognitiva, a qual perspectiva que justiça social requer justiça cognitiva, isto é, é necessário que seja dado lugar de reflexão e pensamento para aqueles que, resignados pelo patriarcado, foram/são colocados à margem, sem direito de buscar, como foi feito com as mulheres induzindo-as a acreditarem nisso durante um longo período da história.

Diante dos apontamentos feitos, entendemos que, durante muito tempo, as mulheres “tornaram-se” mulheres em um cenário opressor e majoritariamente patriarcal, no qual o patriarcado e suas ramificações tiveram grande influência na criação da sociedade desigual em que vivemos atualmente, ainda que estejamos em constantes lutas diárias. Apesar de haver diversas concepções<sup>2</sup> de feminismo e desse conceito ser multifacetado, há um consenso entre as correntes de “ultrapassar a estrutura da dominação que afeta a diferença dos sexos” (HITA, 1998, p. 112).

---

<sup>2</sup> Esclarecemos que não serão adotadas todas as vertentes existentes do feminismo nesta pesquisa, temos a intenção de levantar reflexões acerca do feminismo de modo geral em relação ao patriarcado e como isso se reflete em interações virtuais.

## 2.2 Sobre o patriarcado e suas formas de dominação

Nesta seção, abordo a concepção de patriarcado e os atributos que constituem uma sociedade baseada nesse preceito. Verso sobre circunstâncias históricas que acarretaram na construção de sociedades predominadas por convicções patriarcais, que explicam sua presença na atualidade.

Como vimos, a concepção do feminismo, de modo geral, diz respeito à luta contra uma imposição de valores e crenças da sociedade de forma discriminatória, sobretudo para as mulheres. Essa problemática está diretamente relacionada ao que se denomina patriarcado, isto é, um sistema social que é majoritariamente dominado por homens, os quais têm autoridade e assumem cargos de poder. Segundo Reguant (2001 ap. GARCIA, 2015, p. 17) o patriarcado pode ser entendido como uma “forma de organização política, econômica, religiosa, social baseada na ideia de autoridade e liderança do homem, no qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres (...)”.

O patriarcado não é estático, o que significa que não é impossível que uma sociedade cujos ideais são patriarcais seja remodelada. Lerner (2019), importante nome para a causa feminista, esclarece em seu livro “A criação do patriarcado”, uma ideia comum a maioria das pensadoras feministas: “de que o patriarcado como sistema é histórico: tem início na história. Sendo assim, pode ser extinto pelo processo histórico” (LERNER, 2019, p. 38). Desse modo, a resistência feminina representa reconstruir a nossa história, na qual os próximos capítulos não terão apenas homens como protagonistas.

Tradicionalistas justificam a origem do patriarcado pela natureza biológica do sexo masculino, que foi considerado mais forte e mais capaz, seja física, seja intelectualmente. No entanto, há controvérsias na própria história acerca dessas argumentações, visto que muitas mulheres escravas exerciam diversos trabalhos que requeriam esforços tais quais como os homens realizavam (LERNER, 2019).

A priori, o patriarcado se apoia na força da supremacia masculina. Todavia, sua perpetuação foi permitida como um ideal social a partir do momento em que a opressão fez com que as mulheres acreditassem ser incapazes. É a partir disso que o patriarcado e a dominação masculina alcançam sua soberania. Nesse cenário,

o sistema patriarcal só funciona com a cooperação das mulheres, adquirida por intermédio da doutrinação, privação da educação, da negação das mulheres sobre



sua história, da divisão das mulheres entre respeitáveis e não respeitáveis, da coerção, da discriminação no acesso a recursos econômicos e poder político, e da recompensa de privilégios de classe dada às mulheres que se conformam (LERNER, 2019, p. 26).

Em vista disso, o empreendimento para a modificar uma sociedade patriarcal e, conseqüentemente, da opressão das mulheres, é o reconhecimento delas mesmas de que precisam ser cúmplices de suas próprias histórias. Entendemos, assim, que a instauração dos estudos críticos feministas foram e são significativos para criar novas histórias.

A privação da autopercepção das mulheres sobre o lugar em que ocupavam socialmente faz parte das estratégias de coação pré-determinadas no sistema patriarcal. Cisne e Santos (2018) apontam a existência de uma sustentação social do patriarcado, que pode se dar motivada pelo reforço da crença de que a mulher tem um lugar definido e exclusivo para ocupar na sociedade. Antes da constituição de sua ideologia e de sua execução perante as mulheres, estas eram valorizadas por se acreditar que tinham o poderio, por elas mesmas, de procriação (D'EAUBONNE, 1977). Além desse momento, outro marco crucial na história para a conquista das mulheres foi durante o período da revolução agrícola (IOP, 2009). Nessa ocasião, a organização social laboral deu para a mulher um espaço no trabalho, passando a ser de sua responsabilidade a promoção da alimentação. Mumford (1998) explica a justificativa dessa nova demanda para as mulheres fazendo uma analogia entre os processos de gestação e preparo da terra, que requerem a sutileza nos seus desenvolvimentos.

A ideação histórica do patriarcado objetifica a figura feminina, concebendo-a como uma propriedade (GUILLAUMIN, 2014), sob a qual homens têm poder e dominação. Além da perspectiva histórica, estudos trazem, também, diferentes prismas acerca do conceito de patriarcado. Dentre eles, há a visão de dominação atrelada às relações sociais referentes à família (PATEMAN, 1993); à ao Estado (CASTRO e LAVINAS, 1992); ou mesmo como uma forma de ideologia (SAFFIOTI, 1992).

Desse modo, o termo patriarcado, assim como o feminismo, também carrega algumas definições. Entretanto, de uma forma mais ampla, e que se aproxima mais do que debatemos no capítulo anterior, Miguel e Biroli (2014, p.2), no livro *Feminismo e política - uma introdução*, “nos conduzem a compreender o patriarcado como uma forma de organização das relações sociais que impede o fim

das desigualdades”. Então, podemos entender que o patriarcado como ideologia reflete negativamente para que as mulheres consigam conquistar espaços em diferentes esferas sociais, visto que a desigualdade perdura, dando prioridade para a ascensão masculina na sociedade.

Retomando a ideia acerca da compreensão de que os estudos feministas proporcionaram mudanças, estas se deram, a princípio de forma desmembrada, tendo como pilar diferentes visões e objetivos. Apesar disso, destacamos um aspecto em comum que objetivavam as diversas pensadoras feministas: o fim do patriarcado. hooks (2018) esclarece esse pensamento, explicando que

desde seu início, o movimento feminista foi polarizado. Pensadoras reformistas escolheram enfatizar a igualdade de gênero. Pensadoras revolucionárias não queriam apenas alterar o sistema existente para que mulheres tivessem mais direitos. Queríamos transformar aquele sistema para acabar com o patriarcado (p. 19)

A luta das mulheres para acabar com o patriarcado justifica-se pelo fato de que “homens, como um grupo, são quem mais se beneficiaram e se beneficiam do patriarcado, do pressuposto de que são superiores às mulheres e deveriam nos controlar” (HOOKS, 2018, p. 13). Embora o que foi pontuado por hooks (2018) não esteja presente na luta efetiva das mulheres para conseguirem conquistar o seu espaço na sociedade, a falsa ideia de que o feminismo ultrapassa os limites da busca pela igualdade pode ser uma das motivações da dificuldade de desconstruir uma sociedade patriarcal.

O debate sobre a temática do feminismo muito tem colaborado para o desmantelamento de ideais patriarcais, pois, a partir do feminismo, é possível compreender que “não há e nunca houve “homens” genéricos – existem apenas homens e mulheres classificados em gêneros. Uma vez que se tenha dissolvido a ideia de um homem essencial e universal, também desaparece a ideia de sua companheira oculta, a mulher” (HOOKS, 2018, p. 89). A naturalização das posições e papéis divididos de maneira segregatória e direcionada especificamente para homens e para mulheres influencia no lugar em que as mulheres foram colocadas e que ocupam socialmente.

O patriarcado estabeleceu-se pautado na dominação, na privação e na interrupção da progressão da mulher. A partir do momento em que mulheres feministas tomaram consciência desse sistema, elas lutam por mudanças. Assim,

o feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim.

(GARCIA, 2015, p. 13)

Apesar disso, no Brasil, as conquistas das mulheres tiveram início somente na segunda metade do século XX, que foi quando conseguiram caminhar em busca de liberdade e da autonomia, com a criação do Estatuto da mulher em 1962 (IOP, 2009), que lhes garantiam direitos perante à lei. Em relação aos movimentos feministas que se iniciaram em oposição ao patriarcado, destacam-se os que tiveram início na década de 70. Na época, parece ser concordante que existiam duas principais vertentes da corrente feminista. A primeira, inclinada para atuação pública das mulheres, envolvendo questões políticas e de direitos das mulheres; a segunda, por sua vez, preocupava-se com questões mais subjetivas relacionadas ao lugar social da mulher (SARTI, 2004).

Um ponto importante destacado por Garcia (2015, p. 17) é que “a existência do patriarcado não quer dizer que as mulheres não tenham nenhum tipo de poder ou direito”. No entanto, o ponto é que, mesmo que as mulheres tenham conseguido conquistar espaço no mercado de trabalho e na política, ainda há uma grande cobrança em relação às tarefas domésticas e com os filhos, por exemplo. Esse apontamento nos leva novamente para a ideia de que o propósito do feminismo é alcançar equidade.

hooks (2018) salienta a problemática por trás dos grandes debates sociais que envolvem o tema do feminismo. Segundo ela, “(...) a lamentável consequência de desviar nossas energias para infundáveis polêmicas com suas defensoras não feministas: acabamos por dialogar não com outras mulheres, mas com patriarcas” (HOOKS, 2018, p.89). Esse é, inclusive, um dos pontos que pretendemos observar nas interações através dos comentários: quem são os indivíduos que estão debatendo e o que estão defendendo.

O patriarcado não é um problema a nível individual direcionado somente para o direito da mulher ou para a crítica ao homem. O debate acerca da estrutura e do funcionamento desse sistema, bem como de seus reflexos nos indivíduos, levam-nos a pensar contingentes complexos da disposição social (CAMERON, 2018).

Assim, para desconstruir uma sociedade em que o sexismo é institucionalizado, é imprescindível que tenhamos consciência de que o reproduzimos (HOOKS, 2018).

Portanto, a investigação proposta nesta pesquisa justifica-se pela necessidade de que analisemos debates entre os gêneros mediante interações a partir de comentários. O intuito é que possamos refletir sobre a postura dos indivíduos em interação e perceber como os valores do patriarcado são tanto rebatidos quanto replicados, além de observar de que forma as críticas feministas auxiliam como forma de argumentação do lugar da mulher na sociedade, bem como são, por vezes, julgadas pelo sistema patriarcal.

### 3. POSICIONAMENTOS TEÓRICOS E ANALÍTICOS

Esta pesquisa apresenta um caráter de ordem interacional, com foco no micro e no macro (RIBEIRO e PEREIRA, 2002). Embora as interações analisadas não sejam face a face, configuram-se em um contexto de troca muito semelhante, já não mais com diferenciações marcantes na dicotomia *online/offline* (YUS, 2019; JUCKER, 2019).

Para tratar das interações através de comentários como fluxos conversacionais e/ou falas-em-interação, utilizo uma base teórico-analítica com interface entre a Sociolinguística Interacional, a Análise da Conversa e a Antropologia Linguística.

Da Sociolinguística Interacional, trato de conceitos propostos por Goffman (1980, 2002, 2013) e procuro discutir interações sociais virtuais dos indivíduos. Desse modo, baseamo-nos no que o autor discute sobre performance, face, gerenciamento de impressão e *footing*. Da Análise da Conversa, são considerados os conceitos de formulações (GARFINKEL E SACKS, 1986) e de *accounts* (BUTTNY E MORRIS, 2010; SCOTT E LYMAN, 1968). Além disso, da Antropologia Linguística, utilizamos os conceitos de indexicalidade (SILVERSTEIN, 1976) e escalas (CARR e LAMPERT, 2016), a fim de perceber como são correlacionadas as interações com as contextualizações translocais em que elas acontecem.

A seguir, detalho os conceitos de cada área de estudos, buscando fazer relações com as interações virtuais.

#### 3.1 Contribuições de Goffman

Sobre os conceitos de Goffman ([1985] 2002), observamos sua concepção de performance, face, gerenciamento de impressão e *footing* para refletirmos sobre a interação social do “eu” com (o)s outros nos comentários dos vídeos que compõem o nosso corpus de pesquisa, que são o foco da nossa proposta de análise.

A ordem de apresentação dos conceitos foi feita pela compreensão de que a partir da criação de uma performance é que o indivíduo elabora uma face, gerenciando-a bem ou não e, paralelamente, cria *footings* que se alinham ou não aos discursos dos outros indivíduos em interação. Apesar disso, entendemos que o conceito de *footing* é um elemento principal e que se evidencia em nossas análises.

### 3.1.1 Performance

Segundo Goffman ([1985] 2002), alguns fatores são determinantes para que as performances dos participantes sejam desenvolvidas, tais como o cenário e os outros participantes que fazem parte da interação. Para o autor, na criação de suas performances, os indivíduos buscam incutir no seu público que a forma como ele está atuando é genuína. Os indivíduos em suas relações sociais performam de determinadas maneiras, podendo assumir diferentes papéis. Assim, “quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles” (GOFFMAN, ([1985] 2002), p.25), ou seja, no desenvolvimento de uma performance, o participante procura atuar de modo a transmitir para o seu público que a postura adotada foi coerente. Outro aspecto da performance salientado pelo autor é a indispensabilidade de que mantenhamos um desempenho positivo e coerente em nossa atuação, apesar de diversos fatores acabarem fazendo com que nos desviemos de nossas posturas a priori. Desse modo,

Como seres humanos somos, presumivelmente, criaturas com impulsos variáveis, com estados de espírito e energias que mudam de um momento para outro. Quando porém nos revestimos de caráter de personagens em face de um público, não devemos estar sujeitos a altos e baixos. [...] Espera-se que haja uma certa burocratização do espírito, a fim de que possamos inspirar a confiança de executar uma representação perfeitamente homogênea a todo tempo.

(GOFFMAN, ([1985] 2002), p. 58)

Goffman ([1985] 2002) sugere uma perspectiva dramatúrgica de performance, em que, embora entendamos que os participantes estejam assumindo um papel, este é desenvolvido de forma consciente e nos propicia um relacionamento tanto com os outros, como com nós mesmos. Assim, a performance pode ser entendida como uma postura desenvolvida socialmente que produz comportamentos diversos dos atores que estão em cena, bem como variadas interpretações de seus interlocutores, a depender do modo como os atores realizam seus trabalhos de face, suas impressões e seus *footings* na interação.

Os significados construídos nas interações performáticas preocupam-se com o que está acontecendo no “aqui e no agora” (RIBEIRO e GARCEZ, 2002, p. 7), tendo como base fundamental a compreensão de como se desenvolvem as

relações no âmbito social a depender do contexto ao qual a interação está ocorrendo e de seus participantes.

A performance enquanto ação interacional vincula-se a temáticas sociais que nos interessam e que são nosso foco de estudo, como: questões de gênero e seu debate nas redes sociais. Em sua obra “A representação do eu na vida cotidiana”, Goffman ([1985] 2002) propõe uma perspectiva sobre as performances dos participantes na interação social. Com o advento da tecnologia, os ciberespaços tornam-se, também, lugares propícios para a elaboração das performances dos usuários da internet. Slater (2002) propõe que a interação dos participantes nas redes sociais é pautada no pensamento de que o indivíduo é aquilo que ele digita, sendo a digitação interpretada, nesse contexto, como análoga a fala dos participantes em uma interação face a face.

Serra (2006) discorre sobre as concepções de autenticidade e de simulação nas redes sociais. Segundo o autor, as redes podem ser um espaço de liberdade, em que os seus usuários podem mostrar características pessoais e particulares que na interação *offline* não teriam espaço. Há, nesse cenário, a possibilidade de que haja uma linha abissal entre o que o participante diz e a verdade, isto é, os usuários podem mentir sobre informações pessoais (SERRA, 2006). Desse modo, devido ao distanciamento na interação social existente no contexto *online* (RECUERO, 2009), elementos do mundo virtual - como foto, a forma de digitar, uso de emojis - podem ser complementares nas performances dos participantes, ou seja, no modo como eles (re)criam seus “eus”. Esse distanciamento pode facilitar as diversas possibilidades de construção de personagens no ambiente virtual (CARRERA, 2012), uma vez que os participantes têm maior liberdade de compartilhar suas percepções e ideologias.

Com a aproximação dos contextos virtuais aos interacionais face a face, compreender um cenário de interação nas redes significa, também, entender determinados funcionamentos desse âmbito interacional. Uma questão social pertinente e muito discutida é a temática do debate de gêneros. Goffman (1997) propõe o conceito de “genderismos institucionalizados” para refletir sobre a ênfase dada ao sexo para discutir as grandes diferenças sociais de gênero, comumente influenciadas por aspectos culturais. Sendo assim, o autor acredita que o modo como se desenvolvem as relações está relacionado com construções sociais deterministas sobre cada gênero. Então, podemos dizer que as performances de

gênero são produções de base institucional e que, portanto, tendem a seguir *displays*, conforme elucida Goffman (1976), que seriam uma espécie de roteiro, criados com vista a entregar o que o público espera.

Mais tarde, Judith Butler surge na literatura como uma grande referência, trazendo uma nova abordagem para discussões referentes à performatividade de gênero. Segundo a autora, “o gênero é performativo porque é efeito de um regime que regula as diferenças de gênero” (BUTLER, 2002, p. 64), isto é, porque presume-se, no âmbito social, que cada gênero carrega determinados ideais que são naturalizados através da repetição. Butler (2002, p. 69) sugere, ainda, que “é um erro reduzir a performatividade à performance” e faz uma distinção entre os conceitos. Enquanto o primeiro seria referente à ação dos indivíduos em sociedade de forma a seguir o que prescrevem os modelos sociais, a performance seria correspondente a nossa agentividade no mundo.

Retomando a Goffman ([1985]2002), as performances são processos que podem envolver diversos aspectos para a sua elaboração, dentre eles: a realização dramática, a idealização, os controles expressivos, a falsa apresentação e as mistificações. Segundo as explicações do autor, a realização dramática é utilizada para dar ênfase na mensagem que o ator da cena quer transmitir para seu público, de modo a tornar a sua performance significativa; a idealização está relacionada com a imagem que o ator quer transmitir; os controles expressivos seriam a capacidade dos indivíduos de desenvolverem uma coerência expressiva, ou seja, de conseguirem construir a sua performance sem demonstrar discrepância entre seu eu individual e seu eu sociável; a falsa representação seria uma má impressão causada pelo ator em sua performance; e as mistificações seriam um acordo entre o ator e o seu público de evitar acessar determinados aspectos que possam ser constrangedores para o ator.<sup>3</sup>

Portanto, ao analisarmos uma performance, estamos buscando compreender as motivações dos atuentes nas construções de suas cenas, de forma a refletir sobre o modo como eles se apresentam para seus públicos. Assim, procuramos investigar as performances dos indivíduos nos contextos de interação virtual dos dados gerados nesta pesquisa, vislumbrando pensar sobre como esses indivíduos se situam nas interações, quais processos das performances propostos por Goffman aparecem

---

<sup>3</sup> Para ver cada um desses elementos discutidos de forma mais detalhada, ver Valle (2021).



nas cenas. De forma a complementar nossas análises, considerando que a temática dos dados selecionados está relacionada com questões de gênero, levamos em conta, também, as propostas de Butler (2002), a fim de perceber as possíveis influências das definições cunhadas pela autora sobre performance, a qual ela entende como diversas formas de agir no mundo, e de performatividade, isto é, as construções sociais que balizam nossas performances.

### 3.1.2 Face

O conceito de face proposto por Goffman está atrelado ao modo como os participantes constroem uma imagem pessoal em uma interação e atuam na relação com a face do outro. O autor define face "(...) como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesmo através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante contato específico" (GOFFMAN, 1980 p. 76). Assim, entendemos que os participantes elaboram suas faces, a princípio, a partir daquilo que se espera como ação a ser tomada no contexto.

A face abrange um caráter de flexibilidade, no qual uma pessoa pode ter, estar ou manter uma face (GOFFMAN, 1980). Para que a imagem criada perante o público seja positiva, a manutenção da face é um quesito relevante. Goffman (1980) explica que a face é preservada quando a imagem apresentada por um participante é consistente. Nesse cenário, o autor chama a atenção para a importância de que uma face não seja destruída, a fim de evitar conflitos nas relações sociais. Segundo ele, preservar a face é uma condição exigida para a construção de muitas relações, tanto a nossa quanto a dos outros indivíduos com os quais estamos interagindo, “portanto, para impedir o rompimento de tais relações, é necessário que cada membro evite destruir a face dos outros” (GOFFMAN, 1980, p. 104).

Goffman ([1967] 2012) elucida que a construção de significados resulta na forma como os participantes se mostram diante de seu público. Na elaboração da sua imagem perante sua plateia, os indivíduos, para se expressarem, lançam mão de um equipamento padrão que pode tanto ser pensado quanto espontâneo (GOFFMAN, [1985] 2002), que seria a denominada “fachada”. Ao levarmos em conta o cenário de atuação da performance, consideramos a “fachada pessoal” que expõe algumas características dos participantes. Esse tipo de fachada compreende elementos estabilizados, como aspectos raciais, por exemplo, mas também aqueles

que são modificáveis.

Uma interação envolve diferentes perspectivas, de acordo com as vivências e crenças de cada indivíduo que dela faz parte. Então, não é inesperado que divergências surjam no decorrer da convivência social. No entanto, é essencial que os participantes consigam manejar a preservação da face, pois ela neutraliza os chamados “incidentes”, ou seja, conjunturas sociais que constroem significados que ameaçam a fachada (GOFFMAN, [1967] 2012).

Arelado à ideia de fachada, Goffman se alinha ao interacionismo simbólico, proposto por Blumer (1982), o qual, conforme explica Constantino (2017, p. 156), “pressupõe um *self* que não surge inteiramente desde o nascimento do indivíduo, mas que é constituído, principalmente, a partir da alteridade e das relações que esse indivíduo estabelece com outros”. Nesse âmbito, podemos pensar nas questões de gênero que aparecem nos dados da nossa análise, visto que as discussões sobre a temática são formadas, justamente, pelos diversos *selfs* que são construídos durante a vida de cada um dos indivíduos em interação, de acordo com seus respectivos contextos, que nem sempre incluem as mesmas vivências e experiências, resultando, assim, em divergências ideológicas.

Além de Goffman, outros autores também discutem a questão social da construção do *self*, compreendendo-a como simbólica. Thompson (2011) sugere que essa construção está relacionada com a identidade dos indivíduos em interação. Gastaldo (2008) explica que na teoria sociológica, assim como em Goffman ([1985] 2002), o *self* é um conceito central. Perobelli, Nogueira e Couto (2021, p. 320) complementam, ainda, explicando que ele “é compreendido como a instância que está no centro dos processos de elaboração da imagem e que é produto da inter-relação entre sujeitos”.

Mckenna, Green e Gleason (2002) defendem que ambientes digitais são contextos que incitam a construção do *self*, uma vez que a forma como os participantes aparecem e/ou se mostram nas redes pode ser controlado, podendo ser um usuário anônimo, com perfil falso, por exemplo. Essa possibilidade facilita que os usuários apresentem suas posturas e explicitem suas perspectivas sobre o assunto em pauta em uma interação.

Nesse contexto, a interação nas redes sociais traz algumas peculiaridades, que diferem da interação face a face. Portanto, considerando que estamos vivendo cada vez mais em um mundo cibernético, buscamos compreender como se

desenvolvem as interações sociais nesse contexto. Segundo Recuero (2013, p. 58) “sites de rede social também permitem aos atores criar e manter uma "identidade" que pode ser legitimada pelos demais, gerando ainda outros valores, tais como reputação e autoridade”. Desse modo, a autora retoma o que Goffman ([1967] 2012) salienta sobre trabalho de face, que seria o alcance da validação do público acerca dos valores por nós adotados.

As redes sociais promovem interações que demandam participação dos indivíduos que dela fazem parte. Em uma postagem, para que haja interação, é preciso que os participantes contribuam para que a troca seja possível. Nesse cenário, compreendemos as influências mútuas dos indivíduos em uma interação. Baym (2010, p. 106), destaca que “as identidades desencarnadas apresentadas *online* [...] podem ser múltiplas”, muito provavelmente, porque os participantes se adaptam ao contexto interacional ao qual estão inseridos. Então, é importante que pensemos nas construções dos *selves* dos participantes, entendendo que as redes são um ambiente colaborativo (CARRERA, 2012) e que, conseqüentemente, a construção do eu também é (GOFFMAN, [1985] 2002).

Em alguns casos, a influência na elaboração de uma face frente a um determinado contexto social é originada nas construções sociais normativas, ou seja, no que é preconizado como certo e/ou mais bem visto na sociedade. Goffman ([1985] 2002) fala sobre a construção de faces institucionalizadas, as quais são desenvolvidas com base em expectativas sociais estereotipadas. No entanto, nem todos os cenários são unilaterais e o que é considerado como esperado pode atender às expectativas de uma parte do grupo, mas de outra não.

No contexto de análise desta pesquisa, por exemplo, a temática do feminismo apresenta indivíduos com diferentes faces e que defendem, portanto, distintas ideias acerca do que é uma face favorável perante o público. Em casos como esse, em que a cena pode envolver pensamentos dicotômicos entre os atores da interação, elementos da performance podem estar em jogo, tal como a manutenção da face, visto que, diante de questionamentos e de diferentes posturas, os participantes em interação podem não conseguir manter a sua coerência expressiva, apresentando-se de modo inconsistente.

Goffman (1980) esclarece que a face está diretamente relacionada às ações dos participantes em um contexto específico de interação, ou seja, o agir é mediado pela busca da manutenção da face, tanto a própria quanto a dos interlocutores. Os

atores da cena refletem sobre aspectos que possibilitam a preservação da face. Ao refletir, é comum que se perguntem "se eu agir ou não desta forma poderei eu perder ou fazer com que alguém perca a face?" (GOFFMAN, 1980, p.100) e, a depender da resposta, tomam a decisão sobre como se comportar.

Na interação virtual, a reflexão sobre a elaboração da face e sobre o modo de se comportar são mais ponderados, já que, diferentemente de uma relação face a face, apesar das falas serem espontâneas elas têm uma conjuntura diferente de preparação. Além de podermos pensar no que responder e não precisar ter uma resposta imediata, há, ainda, outros recursos que podem controlar a forma como os participantes irão (re)construir suas faces, como a alternativa de apagamento ou edição de comentários, mesmo após serem feitos (v. VALLE, 2021).

Portanto, perceber como se desenvolve os processos de construção de face na interação através de comentários é uma oportunidade de refletir sobre diversos aspectos interacionais que podem influenciar os participantes a atuarem de determinadas formas em suas performances, bem como a assumirem diferentes faces, em busca de gerenciarem suas impressões, conforme veremos na seção a seguir.

### 3.1.3 Gerenciamento de Impressão

Arelado aos conceitos de performance e face, Goffman ([1985] 2002) também propõe a ideia de outro elemento: o gerenciamento de impressão. O autor explica que o gerenciamento de impressões estaria relacionado com o modo como os participantes atuam em um determinado cenário, de modo a manter a sua representação inicial. Segundo ele, em uma interação, os participantes se utilizam de técnicas para manipular impressões de si, as quais procuram evitar que ocorram rupturas das suas representações pessoais (GOFFMAN, [1985] 2002).

Goffman ([1985] 2002) salienta que os indivíduos lançam mão de alguns recursos expressivos para se manifestarem em uma situação. Dentre eles, tem os que são, de fato, transmitidos verbalmente e que podem ser controlados pelos participantes, ou seja, são previamente pensados e deliberados até que sejam expostos; e tem os que são emitidos a partir de "gestos involuntários, intromissões inoportunas, - "faux pas"<sup>4</sup> e cenas" (GOFFMAN, ([1985] 2002, p.19). A esses elementos, Goffman dá

---

<sup>4</sup> O termo está relacionado com uma ação constrangedora, como uma gafe.

o nome de “incidentes”, os quais podem significar rupturas da imagem previamente apresentada pelo indivíduo em uma interação, resultando em complicações no seu processo de gerenciamento de impressão, podendo ocasionar uma perda de face, por exemplo.

Segundo Carvalho e Grisci (2002, p.2), a definição de gerenciamento de pode ser “as várias maneiras pelas quais os indivíduos buscam controlar as impressões que os outros têm a seu respeito, no que se refere a comportamentos, valores e atributos pessoais visando atingir um determinado objetivo”. Assim, entendemos que há uma preocupação em relação à forma como nos mostramos em uma interação, bem como com possibilidades de interpretação do outro em relação a nós diante de um determinado contexto.

Considerar o contexto em que uma interação está acontecendo é fundamental para analisar como os significados são operados e influenciam nos comportamentos das pessoas que estão interagindo, inclusive quais deles podem estar funcionando como uma forma de gerenciar a impressão desses indivíduos naquele dado momento. Então, podemos dizer que o contexto determina o que é entendido como adequado e inadequado em uma situação.

Goffman ([1985] 2002) explica que, apesar do discernimento que estimula comportamentos específicos em contextos específicos, os participantes não agem totalmente de maneira calculada, mas são direcionados a ter ações que estejam de acordo com os grupos aos quais eles pertencem ou com os papéis sociais que lhes são impostos. Nesse cenário, o autor destaca, ainda, que as relações sociais são guiadas por inferências, o que significa que, de um modo geral, espera-se que a expectativa criada em relação às atitudes dos indivíduos em uma interação seja atendida (GOFFMAN, [1985] 2002). Tal expectativa, abrange, inclusive, que esses indivíduos gerenciem positivamente suas impressões.

Entretanto, não é incomum que participantes criem performances em que constroem uma imagem pessoal idealizada, recorrendo a posturas e comportamentos familiares ao grupo com os quais interage e/ou que estejam de acordo com modelos sociais. Ribeiro Falcão e Silva (2010, p. 3) ressaltam que a criação dessa imagem advém do interesse do ator “provocar a criação de expectativas favoráveis com relação ao seu desempenho e, conseqüentemente, à sua aceitação”. Assim, é possível concluir que, muitas vezes, os participantes assumem uma postura idealizada, tendo ações de acordo com padrões criados socialmente, a fim de conseguirem gerenciar bem suas

impressões e, conseqüentemente, alcançarem aprovação do grupo com o qual estão interagindo.

Biar (2015) também esclarece que as inferências que são elaboradas nas interações estão sempre relacionadas às expectativas do público, “de modo que a identidade co-construída na interação seja sempre uma impressão; uma aparência” (p. 116)”. Portanto, uma vez que os indivíduos especulam sobre como a interação se desenvolverá a partir dos elementos que dela fazem parte, bem como o contexto dos seus participantes e a temática discutida, estão pensando também sobre quais estratégias podem utilizar para que consigam construir e gerenciar positivamente suas impressões.

As interações em contexto virtual, embora tenham se assemelhando bastante das face a face, existem algumas particularidades, as quais podem ser favoráveis para o gerenciamento de impressão, uma vez que, nessa conjuntura, os recursos expressivos majoritariamente utilizados são os transmitidos, ou seja, que são verbais (CONSTANTINO, 2017). Assim, é possível que os participantes mapeiem o contexto em que a interação está ocorrendo, bem como percebendo qual o público ao qual uma postagem compartilhada buscou atingir e, portanto, quem são as pessoas que estão presentes na cena, inferindo quais são as características pessoais que cada grupo ou pessoa constrói, quais ideologias defendem etc; analisar a cena antes de inserir-se nela, pode ser fundamental para que o indivíduo consiga ser aceito no contexto interacional.

Na interação virtual, existem também os recursos dos emojis, que podem ser utilizados para expressar, mas, nesse caso, voluntariamente, elementos que face a face seriam considerados como emitidos e não necessariamente planejados. É interessante pensar que, virtualmente, ao utilizar esse recurso, os participantes estão fazendo questão de expressar suas opiniões e suas reações. No entanto, a depender da colocação, esse “incidente” calculado pode ameaçar a face do indivíduo, ocasionando em ineficácia de seu gerenciamento de impressão.

Portanto, investigamos como os participantes performam virtualmente, considerando que esse contexto faz parte do nosso processo de socialização e que se utiliza de alguns mecanismos que são possíveis exclusivamente na internet. Assim, buscamos entender de que modo esses mecanismos são utilizados para possibilitar um bom gerenciamento de impressão nesse cenário.

### 3.1.4 Footing

Goffman (2013) propôs o conceito de *footing* para tratar de formatos de produção e de interpretação, no lugar das concepções de falante e de ouvinte. Para o autor, a forma como um indivíduo age está diretamente ligado ao modo como ele se relaciona não só com os outros, mas também com ele mesmo. Assim, *footing*

representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do "eu" de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção. Passa, portanto, a caracterizar o aspecto dinâmico dos enquadres e, sobretudo, a sua natureza discursiva. Em qualquer situação face a face, os "*footings*" dos participantes são sinalizados na maneira como eles gerenciam a produção ou a recepção das elocuções.

(GOFFMAN, 2013, p.107)

Então, podemos dizer que os *footings* são essenciais em uma interação. Compreender os *footings* permite refletir sobre uma série de fatores que estão envolvidos na interação, como a forma como a pessoa se alinha, destaca uma posição, constrói sua identidade e a do outro no aqui e no agora. Assim, em uma interação cuja temática é o feminismo, como analisamos neste trabalho, por exemplo, as pessoas criam *footings* contra ou a favor desse movimento.

De acordo com Goffman, (2013, p. 108) “os *footings* são introduzidos, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e modificados na interação. Podem sinalizar aspectos pessoais [...], papéis sociais”. Sendo assim, a incorporação de um *footing* em uma interação leva em consideração aspectos específicos do contexto no qual ela está acontecendo.

Além disso, os *footings* não são elementos estáticos, ou seja, por diversos motivos e a depender das especificidades do cenário em que as interações são desenvolvidas, eles podem sofrer alterações, mudando o curso prévio das relações. Portanto, em determinados momentos de uma interação, os participantes podem alterar e/ou renegociar suas performances para se alinharem - ou não - aos discursos dos outros. O alinhamento - ou mesmo o desalinhamento - ao enunciado do outro pode estar relacionado com questões tanto pessoais dos próprios participantes, como questões do grupo em interação.

Desse modo, conforme ressalta Goffman (2013), a mudança de *footing* não acontece aleatoriamente, podendo acontecer, por exemplo, na preocupação com o gerenciamento de impressão. Segundo o autor, os participantes em interação desenvolvem táticas para controlar a percepção que os outros têm sobre eles. Dentre

elas, estão os *footings*, em que os indivíduos avaliam na interação qual é a melhor forma de se colocar para que consigam garantir um bom gerenciamento de impressão diante do público. Assim, normalmente, estamos sempre engajados no desenvolvimento positivo do gerenciamento de impressão, apesar de ser algo que nem sempre acontece, pois depende de vários fatores que só podem ser concretizados na relação do "eu" com o outro (GOFFMAN, 2013), o que inclui o risco de que um *footing* resulte em algo negativo para o participantes na interação, como ameaça à sua face.

O alinhamento àquilo que os indivíduos defendem e/ou acreditam relaciona-se, também, com as relações que são criadas entre os indivíduos na interação. Assim, entendemos que esse conceito está relacionado com a forma como são estabelecidas as relações e com a maneira com que esse processo interfere nos *footings*. Quando um indivíduo pertence ou é incluído - ou excluído - de um grupo, ele, conseqüentemente, alinha-se ou não aos discursos dos outros participantes da interação.

Goffman (2013) ressalta diferentes contextos interacionais, destacando a existência de trocas dialógicas, em formato de conversas, em que os indivíduos presentes na situação atuam como participantes ativos, ora sendo ouvintes, ora sendo falantes; mas pontua também a possibilidade de cenários em que falantes que elaboram sua falas de forma monológica para indivíduos que estão participando apenas como ouvintes, como no caso de discursos políticos e palestras. O autor propõe “oradores e atores como um contraste apropriado para o falante da conversa, os primeiros tendo platéias, os últimos companheiros de conversa” (GOFFMAN, 2013, p. 127). É interessante pensar o lugar do *footing* em ambas as situações; imaginamos que, na conversa, os atores podem se alinhar e/ou desalinhar com os assuntos debatidos e com as posturas apresentadas a todo momento por um e por outro; enquanto os oradores demonstram alinhamentos de *footings* em seus discursos através de referências a outros discursos, a partir de elementos trazidos em sua própria fala.

Então, é possível pensar em um contexto interacional em que os indivíduos criam constantemente *footings*, mas que não necessariamente estão sendo construídos com base nas posturas dos outros participantes que fazem parte da situação em questão na qual estão inseridos naquele momento, mas com posturas



previamente criadas e já estabelecidos socialmente. Desse modo, é possível dizer que os *footings* permitem que os indivíduos se alinhem a ideologias, como, por exemplo, a do feminismo; esse aspecto relaciona-se com a possibilidade de que, nas interações, os indivíduos indexem, conforme veremos mais detalhadamente no capítulo de indexicalidade, seus discursos a outros momentos, lugares e/ou pessoas. Todavia, é válido ressaltar que mesmo tendo um caráter translocal, isto é, uma capacidade de dialogar com aspectos externos da interação em questão, os *footings* são balizados interacionalmente, na medida em que são forjados sempre na relação do eu com o outro.

Goffman (2013), em sua apresentação da proposta de *footing*, dá muita ênfase nos papéis dos falantes e dos ouvintes na interação, visto que a forma como se colocam cada um deles, inclusive, como se alternam em uma conversa para assumir cada um desses lugares, é algo bem específico de contextos face a face. O turno de fala, por exemplo, sair ou entrar em cena está relacionado com a forma que o interlocutor se coloca na interação. Goffman (2013, p. 146) exemplifica-que ao cedermos a palavra numa conversa, estamos assumindo o *footing* do interlocutor, pois abrimos mão do nosso turno para que o outro o assuma. Todavia, na interação por comentários, não há troca ou prevalência de turnos, o que possibilita que todos os participantes que desejem façam parte da interação, pois um mesmo comentário pode ter diferentes participantes e posturas a eles relacionadas. Da mesma forma, um *footing* pode ser explícito por um simples clique nas ferramentas dispostas pelas redes sociais, como no *YouTube*, em que há as opções de pontuar se os participantes “gostaram” ou “não gostaram” tanto do próprio vídeo, quando das posturas dos participantes que interagem nos comentários. Assim, temos outras formas de pensar e analisar os *footings* em contextos virtuais como esses.

Portanto, da mesma forma que Goffman (2013) propõe pensar as relações face a face, bem como de que modo os participantes em interação performam, gerenciam suas impressões, elaboram suas faces e criam seus *footings*, compreender as especificidades de como esses processos acontecem nas redes sociais se torna relevante, visto que as relações *online* fazem parte do nosso cotidiano. Assim, entender como se desenvolve a transição das interações face a face para o mundo virtual é indispensável para pensarmos sobre nossos “eus” na contemporaneidade.

### 3.2 A interação através de comentários

A globalização e a tecnologia têm nos afetado socialmente de uma forma significativa. Considerando que as ferramentas tecnológicas, sobretudo as vinculadas à internet, transportam-nos para diferentes cenários de interação e que estão a cada dia mais presentes no nosso cotidiano, torna-se indispensável que foquemos nossos estudos em compreender e pensar um pouco mais sobre o assunto. O contexto de interação virtual faz parte de nossas relações sociais cotidianas e, por isso, mostra-se um bom campo de investigação para compreender as dinâmicas interacionais entre os participantes, bem como o modo como se dá a construção de suas posturas, suas ideologias e a forma como são retratadas nas redes sociais (v. YUS, 2019; JUCKER, 2019).

Desse modo, com o amplo alcance não só da internet, como também, e inclusive, das redes sociais, entendemos que o funcionamento social tem se modificado progressivamente. Nessa conjuntura, vemos-nos diante de uma realidade em que precisamos nos atualizar todos os dias acerca dos novos recursos e das novidades que surgem no âmbito tecnológico.

Nesse sentido, a Internet não é simplesmente uma tecnologia; é o meio de comunicação que constitui a forma organizativa de nossas sociedades; é o equivalente ao que foi a fábrica ou a grande corporação na era industrial. A Internet é o coração de um novo paradigma socio-técnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos.

(CASTELLS, 2003, p. 287)

Assim, com o avanço da tecnologia, tivemos que repensar e nos adaptar considerando diversas questões que provocam modificações nas nossas relações cotidianas.

Devido ao fácil acesso à internet e, conseqüentemente, à grande circulação de informações, com as quais lidamos nos dias de hoje, muitas vezes, o processo de formação de opiniões tem se baseado em referências nem sempre sólidas. Em contrapartida, o fluxo intenso de informações incentiva a percepção de que somos capazes de construir ideias fundamentadas e produzir argumentações, o que já se reflete claramente nas relações nas redes sociais, por exemplo.

Como salienta Blommaert (2010, p. 4), "a globalização, portanto, é, como

todo desenvolvimento do sistema em que vivemos, algo que produz oportunidades e também restrições, novas possibilidades e novos problemas, progresso e também retrocesso"<sup>5</sup>. Uma das novas possibilidades é a troca entre os usuários das redes sociais, as quais permitem um cenário de interação. Todavia, do mesmo modo, por vezes, essas redes tornam-se lugar de novos problemas e retrocesso, uma vez que podem acabar gerando discursos de ódio e debates díspares nem sempre pacíficos.

Um termo que se tornou conhecido nos estudos sobre as novas tecnologias é o de “mídiação” (FAUSTO NETO, 2008; BRAGA, 2006; HJARVARD, 2012). Esse conceito pode ser compreendido como a influência das mídias nas relações sociais, ou seja, a forma como os aparatos midiáticos podem estar diretamente relacionados social e culturalmente com os modos de viver em uma sociedade em que as tecnologias, a internet e a mídia tornaram-se elementos essenciais e indispensáveis.

Considerando, portanto, a essencialidade das mídias no nosso dia a dia, o que inclui as redes sociais; refletimos sobre o processo de interação através dos recursos remotos. Marques e Guimarães (2018, p. 8) esclarecem que “as redes sociais digitais são capazes de abrigar uma dinâmica de trocas conversacionais *online* que congrega pessoas em atuações distintas a partir de diferentes espaços e temporalidades”. Assim, com a ampliação do acesso às redes, diferentes realidades de vida e de concepções podem se entrelaçar, uma vez que conexões em rede alcançam um público diverso no que diz respeito a locais, raças, gêneros, classes sociais, faixa etária etc.

Em algumas redes sociais, a interação pode acontecer através de comentários (BARTON e LEE, 2013). A ferramenta dos comentários, em determinados casos, pode ser considerada como um mecanismo reconfigurador das interações face a face, em que as pessoas expressam suas opiniões acerca de determinado assunto a partir de um elemento principal compartilhado nas redes. Percebemos esse aspecto nos dados desta pesquisa em que os participantes forjam entendimentos sobre o tema do feminismo a partir de um vídeo publicado no *YouTube*. Assim, como propõem Biar e Paschoal (2020, p. 1054),

---

<sup>5</sup> Globalization, thus, is like every development of the system in which we live, something that produces opportunities as well as constraints, new possibilities as well as new problems, progress as well as regression.

Os “comentários da internet” são constituintes dos processos de socialização e de letramento das esferas de comunicação digital contemporâneas, nas quais qualquer pessoa munida de um celular ou um computador pode produzir conteúdo amplamente visível, replicável e independente de atravessamentos institucionais.

Uma questão interessante sobre os comentários, sobretudo de conteúdos disponíveis publicamente nas redes, é que atraem participantes diversos, o que justifica o grande desdobramento temático que inclui opiniões distintas a partir de uma dada postagem. Assim, podemos dizer que “comentários, em tese, são modos de comunicação reativos, avaliativos e contextualmente fincados sobre o conteúdo que lhes motiva – vídeos, fotografias, textos, produtos comercializados etc” (BIAR e PASCHOAL, 2020, p, 1054).

Em muitos casos de interação virtual, os interagentes nem mesmo se conhecem. Todavia, passam a dar pistas sobre os seus contextos de vida a partir do momento em que inicia uma troca através dos comentários. Sob essa perspectiva, entendemos que os comentários constroem as identidades dos atores sociais na comunidade em que atuam, uma vez que as mensagens transmitidas comunicam sentidos no contexto de atuação dos indivíduos (SZABLA e BLOMMAERT, 2017). Assim, os comentários nas redes sociais se tornaram uma fonte de dados que retratam relações sociais, nas quais os participantes buscam se colocar, debater e performar de acordo com suas ideologias.

Barton e Lee (2013) elucidam que comentar nas redes sociais “é um importante ato de posicionar a si mesmo e aos outros, isto é, assumir uma postura”<sup>6</sup> (p. 10, tradução nossa). Então, os autores explicam que muitos espaços virtuais passaram a ser utilizados para que seus usuários pudessem expressar suas opiniões, suas posturas, fazer desabafos, compartilhar suas experiências etc. Um dos espaços virtuais que trouxe um grande fluxo de interação através de comentários foi a plataforma de vídeos *YouTube*, na qual selecionamos nossos dados para as análises.

A plataforma do *YouTube* enquadra-se nas chamadas mídias da *web 2.0*, que seriam aquelas que permitem que seus usuários criem e compartilhem seus próprios conteúdos. Além disso, as mídias 2.0 oferecem diversos recursos integrados em

---

<sup>6</sup> Commenting is an important act of positioning oneself and others, that is stance-taking (texto original)

uma mesma plataforma e possuem espaço para que seus usuários expressem publicamente suas opiniões através de meios multimodais, tais como clicando em “gostei”, “não gostei” e fazendo comentários (BARTON e LEE, 2013).

Desse modo, redes sociais da *web* 2.0 podem propiciar debates e discussões através de comunicações *online*. Para ser um usuário da plataforma do *YouTube*, e ter acesso à ferramenta dos comentários, basta ter um e-mail vinculado ao *Google* e fazer o *login*. Assim, fazer parte de uma comunidade ou adentrar em uma interação através de comentários pelo *YouTube* é um processo bem simples. A facilidade de acesso faz com que haja um grande fluxo de pessoas utilizando a plataforma e, conseqüentemente, muitas interações ocorram.

Como a plataforma do *YouTube* é uma rede que costuma ser pública, não é necessário que os usuários sejam “amigos” ou tenham que aceitar uns aos outros para que consigam interagir. Essa pode ser uma das motivações para que diversos conflitos de opiniões surjam, sobretudo em canais que possuam um conteúdo considerado “polêmico”, como é o canal de onde foram selecionadas as interações analisadas nesta pesquisa.

A temática do feminismo que permeia a interação do vídeo analisado pode ser considerada polêmica. Segundo Cavalcante (2017), uma polêmica é construída nas interações públicas ou semipúblicas, estando presentes em discursos e associadas a questões sociais. Apesar de ter um caráter negativo em seu uso no senso comum, Amossy (2017) destaca a importância das polêmicas ao defendê-las como um elemento que tem a função social de gerir verbalmente conflitos de opiniões divergentes. Podemos dizer, portanto, que o feminismo não só se enquadra nesse contexto, como cresceu e vem crescendo a partir do estímulo de discussões polêmicas, questionando padrões estabelecidos socialmente, que o fazem alcançar maiores públicos.

Dessa forma, os debates desenvolvidos através de comentários frente ao feminismo podem ser vistos como um aparato social que funciona de modo a levantar um assunto extremamente necessário socialmente. Levantar discussões sobre o feminismo traz uma série de questões socio-econômica-culturais, tais como questionamentos sobre gênero e suas interseções no geral e, ainda mais especificamente e sob uma perspectiva binária originada do heteropatriarcado, sobre o lugar da mulher e do homem na sociedade, que podem contribuir para a

construção de diálogos importantes que retratem o tema a partir de perspectivas diversas.

Discussões sobre temáticas que versam sobre condutas sociais trazem tanto visões micro quanto macro sobre o modo, ou os modos, de funcionamento social dos determinados grupos e indivíduos que fazem parte dessa interação. Assim, podemos inferir como se comportam esses participantes em seus espaços de vivência, bem como encontrar possíveis explicações para determinadas convicções desses indivíduos em seus discursos e no modo como isso se reflete socialmente.

Gabriel (2012) levanta uma reflexão interessante sobre os *status online e offline*. O autor reflete sobre se tornar cada vez mais difícil fazermos a separação entre esses *status*, uma vez que o *on* e o *off* estão imbricados e que ambos fazem parte de quem nós somos atualmente. A internet está tão presente na nossa vivência que o “ser conectado” tem tomado o lugar de “estar conectado” (SANTAELLA, 2016). Nesse cenário, as interações virtuais e os comentários nas redes sociais são apenas mais uma maneira dos usuários se construírem socialmente, interligando suas realidades *off* e *on*.

Com o surgimento das tecnologias de rede, o termo ciberespaço passou a ser utilizado. Ele costuma ser usado para se referir às dimensões *online*s que permitem comunicações virtuais e circulação de informações (RAMAL, 2002; RABAÇA e BARBOSA, 2001). O ciberespaço é marcado pela sua complexidade e dinamicidade (LEVY, 2000), sendo um espaço de possibilidades.

Portanto, nesta pesquisa, pensamos o ciberespaço como uma oportunidade de observar como os usuários da plataforma *YouTube* utilizam-se dos comentários para criar debates e discussões acerca da temática do feminismo. Acreditamos nas redes sociais como uma fonte de produção de relações sociais, nas quais as perspectivas *on* e *off* fundiram-se e passaram a traduzir estruturas sociais.

### 3.3 Análise da Conversa

Entendendo a semelhança das interações através de comentários com as interações face a face, utilizamos a teoria da Análise da Conversa como base para refletir sobre os aspectos da estruturação dialógica do panorama conversacional, no contexto virtual com os comentários. Além disso, a AC considera os aspectos contextuais que influenciam na criação da interação (FERREIRA, 2013), incluindo o que é aceito e o que não é pelos interlocutores que fazem parte da cena (GAGO, 2002).

Sacks (1992) se dedicou a estudar conversas quando surgiu o “rádio” que era capaz de salvar conversas para serem analisadas posteriormente. O autor propõe uma investigação das conversas, a fim de perceber como as pessoas entendem o mundo a partir de suas ações. Ribeiro e Garcez (2013) elucidam que a partir da AC é possível pensar em aspectos do “aqui” e do “agora” que integram as interações conversacionais; Ochs e Jacoby (1995) ressaltam a coconstrução manifestada nas interações sociais, na qual os participantes criam, conjuntamente, suas interpretações da situação em que estão inseridos, bem como suas performances, seus *footings* ou alinhamentos e suas ideologias. Os autores destacam, portanto, o caráter cooperativo das situações conversacionais.

Schegloff (2007), em seu livro *Sequence Organization in interaction*, discutiu alguns aspectos importantes a serem considerados na estruturação de uma conversa. Dentre eles, o autor destacou práticas existentes nesse processo, a saber: a tomada de turnos; a projeção da ação, bem como a escolha dos recursos linguísticos, considerando o ambiente interacional e o lugar que o indivíduo ocupa; a sequencialidade da conversa, para que seja coerente; a dificuldade de compreensão, de saber o momento falar e ouvir; a seleção de palavras utilizadas na interação; e a organização da estrutura da conversa de um modo geral, de forma que seja construída uma conversa lógica e compreensível.

Conforme as propostas de Garfinkel (1967), a Análise da Conversa está incluída em uma vertente da sociologia: a etnometodologia. Desse modo, analisamos interações através de comentários, compreendendo-as como conversas, com base em contribuições cunhadas por essa vertente. Segundo Silva, Andrade e Ostermann (2009, p. 2), “uma das principais contribuições da etnometodologia reside no fato de podermos nos valer do olhar dos participantes para entender o que eles estão fazendo”. Assim, a partir dos comentários, levantamos questões presentes nas conversas refletindo sobre elas a partir da visão dos participantes em interação, bem como da forma que estão agindo.

Além disso, a AC se propõe a fazer investigações minuciosas, trabalhando “a partir de observações de padrões usando uma combinação de regularidades distribucionais, semelhanças em contextos de uso, orientações do participante e análise de caso desviante”<sup>7</sup> (SIDNELL e STIVERS, 2013, p. 2, tradução nossa).

<sup>7</sup> “(...) from raw data to noticings of patterns using a combination of distributional

Assim, destacamos o caráter de nível micro da teoria da AC, uma vez que, diferente de outras propostas de análises de interações, tem seu foco nas construções realizadas cotidianamente e socialmente, ou seja, volta-se para aspectos específicos das interações espontâneas e institucionais (OSTERMANN e KITZINGER, 2012).

Todavia, ressaltamos que, embora tenhamos a intenção de fazer análises com base em uma metodologia qualitativa e interpretativista, não temos pretensão de alcançar particularidades de forma enfática como propõe a AC; consideramos a perspectiva teórica apenas como um aporte teórico norteador.

Ostermann e Kitzinger (2012) propõem uma AC que foge do entendimento da conversa apenas com relação a sua estrutura canônica: uma perspectiva de AC feminista. Segundo as autoras, “a análise da conversa nos fornece um kit de ferramentas que podemos usar para analisar como o gênero e a sexualidade são produzidos na interação e o que são usados para realizar”<sup>8</sup> (OSTERMANN e KITZINGER, 2012, p. 241, tradução nossa). Assim, muitos aspectos construídos em uma interação podem ter influências de pontos de vista da sociedade acerca de gênero e sexualidade, sobretudo em contextos interacionais promovidos por uma postagem instigadora, como no material analisado neste trabalho.

Portanto, este estudo utiliza a teoria da AC como base, levando em conta aspectos importantes para pensar como ocorrem as falas-em-interação em ambientes naturais, bem como o modo de estruturação e sequenciação das conversas e as diversas influências sociais que podem interferir na concepção da conversa. Assim, entendemos que as falas construídas no âmbito conversacional são produzidas com o objetivo de fazer algo e, por isso, podem ser entendidas como ação (CLIFTON, 2009).

### 3.3.1 Formulação

A perspectiva teórica da AC abrange conceitos importantes para entendermos aspectos de uma conversa. Visto que as conversas são desenvolvidas em cenários naturais e cotidianos, é essencial que o contexto no qual elas ocorrem seja considerado para que haja um alcance na sua configuração, no sentido de que

---

regularities, commonalities in contexts of use, participant orientations and deviant case analysis”. (texto original)

<sup>8</sup> “Conversation analysis provides us with a toolkit we can use to analyse how gender and sexuality are produced in interaction and what they are used to accomplish”. (texto original)



os interlocutores sejam capazes de não só fazer parte da conversa, como também efetivar e compreender suas participações e as dos outros na cena. Por isso, nesta seção, discutimos acerca do conceito de formulação, inicialmente proposto por Garfinkel e Sacks (1986).

A formulação pode ser entendida como um recurso estratégico utilizado pelos falantes em uma conversa para expressar que estão compreendendo o que está sendo dito na interação. Então, podemos dizer que há formulação quando, em uma conversa, alguém “(...) torna explícito o seu entendimento sobre o que foi dito anteriormente ou sobre o que está acontecendo ali, quer seja no turno imediatamente posterior, quer seja depois de várias sequências interacionais, através de retomadas (OSTERMANN e SILVA, 2009, p. 98). Então, notamos que esse recurso pode ser substancial para que uma conversa seja bem desenvolvida, promovendo entendimento das falas transmitidas aos seus interlocutores. Em contraponto, sua ausência pode ser prejudicial para o encadeamento de uma conversa, já que pode gerar tanto falta de entendimento, quanto falha nas interpretações das mensagens que estão sendo compartilhadas por cada um dos interlocutores da interação.

Heritage e Watson (1979) focalizam a formulação presente nas conversas e explicam que ela é usada com o intuito de “demonstrar que, entre outras coisas, a conversa foi e é continuamente autoexplicativa”<sup>9</sup> (p. 123, tradução nossa). Assim, as formulações aparecem nas conversas a fim de ressaltar o entendimento do que está sendo dito pelos interlocutores, como através de uma reclamação, concordância/ discordância, recomendações etc.

Existem três propriedades centrais propostas por Heritage e Watson (1979) acerca da formulação: *preservação, exclusão e transformação*. Os autores explicam que, em um enunciado, os interlocutores podem lançar mão de formulações de modo a preservar informações acerca do que foi falado, da mesma forma que podem excluir informações que estavam presentes e que foram apresentadas no momento da interação ou podem, ainda, transformar, mesmo que não totalmente, o que foi dito. Esses três elementos podem ser positivos, mas também negativos para a fluidez da comunicação, uma vez que podem tanto auxiliar no entendimento das

---

<sup>9</sup> to demonstrate that, among other things, the conversation has been and is ongoingly self-explaining.

informações, como comprometer a construção do verdadeiro sentido que o falante quis dar, a depender de como as formulações são desenvolvidas.

Portanto, notamos que as formulações são elementos fundamentais das conversas, fazendo com que estas sejam produzidas sempre buscando entendimento dos participantes que fazem parte da interação. Todavia, concluímos também que elas podem, por vezes, criar obstáculos ou implicações negativas quando indivíduos chegam a entendimentos equivocados do que um indivíduo atuante expressa. Assim, podemos dizer que a formulação é um processo de reflexividade, que faz com que pessoas em interação ponderem acerca do que e como estão sendo ditas as coisas pelos interlocutores, a fim de que compreendam efetivamente a essência da conversa, sem ou com o mínimo de interferências.

### 3.3.2 *Accounts*

Nas conversas e no próprio desenvolvimento das formulações, é comum que os participantes da interação se utilizem de estratégias para justificar suas ações. Nesse contexto, temos a noção do *accounts*, conceito que diz respeito a explicações atribuídas ao que está sendo falado em uma determinada interação, ou seja, pode ser entendido como esclarecimentos que são elaborados pelos participantes para explicitar motivações das ações que estão sendo adotadas naquele momento.

Segundo Buttny e Morris (2010, p. 286) as *accounts* seriam “como as pessoas contam seu lado da história, ou seja, interpretam e reconstroem retoricamente os eventos por meio da fala” (tradução nossa)<sup>10</sup>. Enquanto Scott e Lyman (1968) explicam as *accounts* descrevendo-as como um dispositivo linguístico que é acionado em situações em que as pessoas estão passíveis de serem questionadas e/ou avaliadas, podendo ser entendidas como uma ferramenta utilizada pelos interlocutores para precaver más interpretações e/ ou conflitos no curso da interação.

Desse modo, normalmente, a necessidade de elaboração de *accounts* em uma conversa advém da ideia de que “quando bem-sucedidas, previnem ou reparam situações problemáticas e restauram o equilíbrio social entre os participantes”<sup>11</sup>

<sup>10</sup> (...)how people tell their side of the story, that is, interpret and rhet- orically reconstruct events through talk. (texto original)

<sup>11</sup> Accounts attempt to explain apparently "untoward" or "unusual" events as understandable, or at least to minimize the actor's responsibility for them. (texto original)

(BUTTNY e MORRIS, 2010, p. 286 tradução nossa). Recorrer a formação de *accounts* em uma conversa pode ser um recurso positivo para que as relações entre os interlocutores no ambiente conversacional não sejam estremecidas.

Garcez (2008) explica que Garfinkel (1967) cunhou a concepção de *accountability*, que, traduzido, se equivaleria a “prestação de contas”. A justificativa de participantes em uma interação recorrerem a *accounts* seria pautada na ideia de que eles se sentem impelidos a assumirem uma postura que os amparem a terem agido de determinada forma. Sacks (1992) propõe que a prestação de contas está relacionada com a conduta dos interlocutores na situação; Garcez (2008) elucida que tal conduta está relacionada com a reflexão que o participante faz e conclui ser a melhor forma de agir caso estivesse atuando na cena.

Blumstein *et al.* (1974) discutem sobre o papel dos indivíduos na situação e sobre a importância de que haja na conversa aquele que exige a prestação de contas acerca da conduta dos participantes da interação, sobretudo quando o contexto abrange troca de ofensas. Nesse caso, o ofendido assume o lugar de solicitante de *accounts* que justifiquem a ação elaborada contra ele, a fim de que a situação seja normalizada e a conversa possa ter seguimento de forma amistosa.

Portanto, utilizamos os pressupostos teóricos que permeiam a AC, focalizando nos conceitos de formulação e *accounts*, pois são concepções que se mostram significantes para a discussão do feminismo, um tema muito presente na nossa sociedade atual e sob o qual comumente as pessoas lançam mão de recursos sociolinguísticos como esses para o debaterem.

### 3.4 Indexicalidade e Escalas

A linguagem é o instrumento fundamental para a concretização da comunicação, seja qual for o formato em que esteja. É através da linguagem que conseguimos expressar nossos pontos de vista, opiniões e dar significado ao mundo ao nosso redor. Em nossa pesquisa, para que possamos compreender o(s) sentido de uma dada construção interacional, nas posições dos participantes nos comentários, precisamos lançar mão de um “processo pelo qual relacionamos enunciados a momentos, lugares e pessoas em determinadas circunstâncias, ou seja, o processo de indexicalidade” (PONTES, 2009, p. 29). Assim, podemos dizer que é através da indexicalidade que conseguimos fazer uma correlação entre os aspectos

situacionais em que estamos inseridos em determinada interação, de ordens micro e macro (RIBEIRO e PEREIRA, 2002), em relação ao feminismo e ao patriarcado.

Trazendo como um dos focos principais a indexicalidade, Silverstein (1976) procura, em seu texto, tratar da questão da pragmática do comportamento humano na tradição de Peirce e Jakobson. O autor desenvolve sobre a função dos signos, seus modos de significação, e, em especial, sobre os tipos de indexais, a regra da indexicalidade, em uma teoria semiótica. Comenta também sobre o papel do contexto, sobre cultura e a linguagem, considerando que esta última está diretamente relacionada com os fatores comunicacionais.

A abordagem indexical e metapragmática de Silverstein (1976), que tem por foco especial as regras pragmáticas, a partir de eventos de fala e de atos de fala, considera também os usuários da linguagem, as relações entre linguagem e uma dada cultura. Sua proposta tem alimentado perspectivas mais recentes. Ochs (1996), por exemplo, ao tratar de questões de socialização e de identidade(s), considera que a indexicalidade está presente em dimensões situacionais, uma vez que detalha elementos, como, por exemplo, a identidade social de uma dada pessoa, seus papéis, relacionamentos, os grupos de que participa, o ato social, a atividade, o stance afetivo, o stance epistêmico, dentre outros.

No âmbito da textualização e da entextualização, entendendo esta última como a circulação e recontextualização dos textos (BAUMAN e BRIGGS, 1990) pelo ciberespaço, da construção de identidades e de sentidos, a indexicalidade é importante. Blommaert e Maly (2014, p. 4, tradução nossa) consideram que “indexicalidade é a dimensão do significado em que as características textuais 'apontam para' (indexar) significados contextualmente recuperáveis”<sup>12</sup>, isto é, precisamos passar pelo processo de indexicalização para compreender tanto os fatores micro quanto os sociais, históricos e culturais. Silverstein (2003) traz, ainda, a ideia de “ordens de indexicalidade”, as quais apontam para a forma em que valoramos os significados em um determinado grupo e/ou interação.

Arelada à noção de indexicalidade está o conceito de escalas pragmáticas proposto por Carr e Lampert (2016). Sobre essa relação, entendemos que o processo de construção de significado de um signo está sempre relacionado a determinados

---

<sup>12</sup> Indexicality is the dimension of meaning in which textual features ‘point to’ (index) contextually retrievable meanings. (texto original)

elementos contextuais, que são fragmentados em diversos níveis escalares. Santiago e Pereira (2020, p. 160) elucidam que “essas noções escalares apontam para questões sociais, identitárias, sócio-históricas e ideológicas”. Desse modo, é possível dizer que as escalas são aspectos fundamentais a serem considerados para compreender como são indexados significados compartilhados socialmente. Cabral (2018, p. 13) explica que

as ordens de indexicalidade se ancoram nos pressupostos das escalas sociolinguísticas, que concebe que as mensagens e pessoas circulam no Espaço-Tempo de maneira escalar, ou seja, hierarquicamente, estratificada e de acordo com as relações de poder instauradas entre elas, tomando pesos e significados distintos em diferentes momentos e espaços.

A autora, que fez um estudo acerca da importância da linguagem para desconstruir o machismo no *Facebook*, explica, ainda, que no movimento feminista as mulheres criam uma série de ordens de indexicalidade, buscando construir significados que apontem para a valorização da voz da mulher na sociedade (CABRAL, 2018). O fato de o feminismo estar em constante movimento, faz com que o feminismo seja indexicalizado influenciado por diversas escalas.

É também possível inferir, através de pistas de contextualização (GUMPERZ, 1992) dada pelos participantes de uma interação, características relacionadas ao seu ambiente de vivência e às suas ideologias.

Compreendendo o aspecto indexical das interações, para esta pesquisa, estamos considerando tanto os “Discursos” com “D” maiúsculo, relacionados à ordem macro e às ideologias, quanto os discursos com “d” minúsculo, conforme proposto por Gee ([1999], 2001). Segundo o autor, os Discursos seriam

diferentes maneiras em que nós, humanos integramos a linguagem com "coisas" não linguísticas, como diferentes formas de pensar, agir, interagir, valorar, sentir, acreditar e usar símbolos, ferramentas e objetos nos lugares certos e nos momentos certos para atuar e reconhecer diferentes identidades e atividades, dar ao mundo material certas significados, distribuir bens sociais de uma certa maneira, fazer certos tipos de conexões significativas em nossa experiência e privilegiam certos sistemas de símbolos e formas de conhecer os outros<sup>13</sup>

<sup>13</sup> “Discourses” with a capital “D,” that is, different ways in which we humans integrate language with non-language “stuff,” such as different ways of thinking, acting, interacting, valuing, feeling, believing, and using symbols, tools, and objects in the right places and at the right times so as to enact and recognize different identities and activities, give the material world certain meanings, distribute social goods in a certain way, make certain sorts

(p.13, tradução nossa)

Já os “discursos” com “d” se referem àqueles que compreendem a língua usada localmente e que estão relacionadas com as atividades e as identidades desenvolvidas na interação (GEE, [1999], 2001). Ribeiro e Pereira (2002) explicam que, em uma interação, os participantes se utilizam a todo momento de “pistas de contextualização (GUMPERZ [1982], 2002), que nos remetem tanto para informações contextuais a nível micro (sócio-interacional, pessoal) como a nível macro (histórico, institucional)”. Nesse contexto, podemos dizer que os indivíduos estão, portanto, desenvolvendo discursos e Discursos.

Portanto, para compreendermos a interação através dos comentários, sobretudo de um vídeo como o que selecionamos com a temática do feminismo, analisamos como os participantes em interação indexam não só suas posturas, mas também questões socio-históricas que circunscrevem os discursos (RIBEIRO e PEREIRA, 2002). As ordens de indexicalidade, juntamente com as projeções escalares, podem nos fornecer informações que apontam para a criação de formulação e *accounts*, por exemplo, que surgem nas performances dos indivíduos.

---

of meaningful connections in our experience, and privilege certain symbol systems and ways of knowing over others. (texto original)

## 4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, apresento as escolhas acerca da metodologia de pesquisa. Assim, descrevo a natureza da pesquisa, bem como seu contexto e seu universo, o tipo de participação, os participantes, o processo de dados e o recorte analítico, e os procedimentos relacionados à ética da pesquisa.

### 4.1 Natureza da pesquisa

A natureza da pesquisa é a qualitativa e interpretativista. A opção deste tipo de pesquisa apoia-se no que preconizam Denzin e Lincoln (2006, p.17):

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos — estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais - que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos.

Apesar de os autores utilizarem o termo “coleta”, entendemos que todo dado é gerado, visto que não estão previamente prontos. Portanto, nossa metodologia é pautada na geração de dados, uma vez que eles são construídos socialmente a partir da interação através de comentários do *YouTube*.

A pesquisa qualitativa é ampla, visto que propõe uma análise crítica e mais detalhada dos dados. Nestes, é possível notar e analisar “muitas coisas ao mesmo tempo” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 21), sendo necessário desenvolver um olhar atento para o conteúdo analítico. Assim, ressaltamos que desenvolvemos a pesquisa “tendo um compromisso com a perspectiva naturalista e a concepção interpretativista da experiência humana” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 21).

A presente pesquisa, além de situar-se na metodologia de ordem qualitativa e interpretativa, é também de netnográfica. Segundo Kozinets (2007, p. 15 ap. FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2016, p. 192), “as netnografias podem variar ao longo de um espectro que vai desde as intensamente participativas até as não-obstrusivas e meramente observacionais”. Entendemos que estamos situados neste último grupo, visto que analisamos as interações sem delas fazer parte, apenas nos apoiando na observação das construções conversacionais.

A vertente interpretativista se apoia em uma “ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender

melhor o assunto que está ao seu alcance. Entende-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p. 17). Entendemos, como parte indispensável da pesquisa qualitativa, a variedade de posturas e perspectivas que podem ser construídas, ainda mais se considerado o contexto de interação virtual que nos possibilita a troca interacional com participantes que, por vezes, nem conhecemos.

Consideramos importante, também, o que elucida Flick (2009) sobre este tipo de pesquisa, quando o autor menciona não ter a pretensão de chegar a conclusões inquestionáveis, mas sim a reflexões que podem auxiliar o meio acadêmico e social a produzir *insights* e (re)construir novas teorias acerca do assunto pesquisado.

Levando em conta que o “senso comum é a base para os estudos qualitativos” (MINAYO, 2012, p. 622), entendemos que esta pesquisa também se enquadra nessa vertente de estudo, visto que nos propusemos a investigar sobre a temática do feminismo no âmbito da interação virtual. Este é um tema complexo e que envolve aspectos diversos do mundo social, interferindo no modo como os participantes se posicionam, atuam e elaboram suas práticas em sociedade.

O feminismo é uma luta que cresce gradualmente conforme é, cada vez mais, colocado em pauta. Assim, buscamos compreender o movimento e o seu impacto socialmente, tendo como base, sobretudo, como os próprios indivíduos significam a forma como agem em suas relações. Assim, enquanto pesquisadora que se apoiou na abordagem qualitativa e interpretativista de pesquisa, busquei “descrever a atividade cotidiana de modo a identificar a significação das ações para os participantes” (GARCEZ, BULLA e LODER, 2014, p. 261).

Desse modo, lançamos mão da noção interpretativista, a fim de nos aprofundarmos nas interações analisadas, buscando compreender as motivações da construção das conversas desenvolvidas nos comentários selecionados. É com esse viés de pesquisa qualitativa e interpretativa que buscamos analisar as interações geradas em nossos dados.

## 4.2 O contexto da pesquisa

A escolha do contexto virtual para a pesquisa se justifica por alguns fatores, dentre eles: ser um tipo de interação em que estamos vivendo de forma intensa atualmente e que aumentou ainda mais com o contexto pandêmico da Covid-19; ser



um espaço de possibilidade de expressar opiniões, performando (GOFFMAN, 2002) e criando *footings* (GOFFMAN, 2013) com formulações (POMERANTZ 1986; EDWARDS, 2000), com *accounts* (1968) em contexto com tema de ameaça à face (GOFFMAN, 1980), como o feminismo e o patriarcado.

Dentre as redes sociais em destaque utilizadas atualmente, temos a plataforma *YouTube*. Essa rede surgiu em 2005 e foi criada por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim. No entanto, logo em seguida, no ano de 2006, a marca foi comprada pelo *Google*, local de onde temos acesso, hoje, ao *YouTube*.

O *YouTube* é uma plataforma que disponibiliza conteúdos de vídeos e promove interação entre seus usuários através da ferramenta de comentários, sendo considerada uma rede social e, portanto, fazendo parte da intitulada mídia 2.0. O *YouTube* possibilita que o participante seja tanto o ator da cena do vídeo compartilhado, sendo acessível a qualquer usuário que possua uma conta no *Google* a realização de *upload* de vídeos, quanto a plateia desses vídeos, participando e engajando os conteúdos postados através de curtidas e comentários. Assim, conforme explicam Pelegri, Reis e Ravel Oliveira (2009, p. 4) é uma plataforma de fácil uso:

*YouTube* tornou possível a qualquer um que usa computador a postar na Internet um vídeo que milhões de pessoas poderiam ver em poucos minutos. A grande variedade de tópicos cobertos pelo portal tornou o compartilhamento de vídeo uma das mais importantes partes da cultura da Internet.

Os dados utilizados para análise nesta pesquisa foram gerados a partir de um vídeo que instigou interações virtuais nessa plataforma. Consideramos, então, que o contexto da nossa pesquisa é netnográfico (KOZINETS, 2007), uma vez que buscamos investigar a forma como se comportam os participantes em interações desenvolvidas no ciberespaço (ESQUEDA, 2009), sendo, no nosso caso, dentro da comunidade do *YouTube*.

Desse modo, temos acesso a vídeos de conteúdos diversos, o que inclui, também, vídeos com temas mais sérios, além de diversos formatos e/ou gêneros. O conteúdo amplo do *YouTube* tem se tornado cada vez mais completo, podendo ser encontrado conteúdos bastante diferenciados. No caso do vídeo selecionado para esta pesquisa, os participantes assumem um papel mútuo, ouvindo tanto o ponto de vista do outro, quanto expondo o seu. Esse formato interfere diretamente na forma como os

comentários do vídeo são construídos, pois, como o público tem acesso a posturas distintas sobre o tema do feminismo, é natural que isso reflita nos comentários e na maneira como os participantes em interação se colocam nas cenas. Detalhamos um pouco mais sobre o vídeo na seção a seguir.

### 4.3 O universo da pesquisa

Para compreender o que gera os debates que acontecem na interação dos usuários da plataforma *YouTube*, através dos comentários, selecionamos um canal que disponibiliza vídeos com debates sobre diversas temáticas, sob diferentes pontos de vistas, contanto com a participação de diferentes indivíduos, que são convidados, na composição dos vídeos. Com base na descrição do canal, o material produzido pelos criadores busca informar, divertir, emocionar e desenvolver diferentes perspectivas sobre as temáticas discutidas nos vídeos, promovendo reflexões não só no que dizem respeito ao lugar e a postura do outro, quanto ao do próprio usuário que faz parte da comunidade do canal como público. Entendemos a proposta do canal como um ambiente que busca propor debates/conversas entre duas pessoas de espectro político/ideológicos distintos sobre temas em discussão na contemporaneidade; por conta disso, o canal atrai um público com pessoas de diferentes perspectivas, gerando debates polarizados. O canal não trata exclusivamente do feminismo, mas que traz esse e outros assuntos atrelados a ele, como questões de gênero.

A diversidade de conteúdos do canal é um aspecto que possibilita a discussão de temáticas emblemáticas e necessárias socialmente. Os dados que foram utilizados nesta pesquisa foram retirados de um vídeo que versa sobre o feminismo e sobre os seus desdobramentos, como machismo, femismo, masculinismo e direitos dos homens. A proposta do vídeo é fazer com que duas pessoas que não se conhecem julguem uma à outra apenas com as informações visuais e estereotipadas que têm. A escolha do vídeo se deu pela temática ter gerado debates entre os participantes e pela importância de debatermos o tema atualmente. Sabemos que a luta das mulheres já caminhou bastante, mas ainda há um longo percurso na conquista de direitos iguais relacionados a gênero na sociedade contemporânea. Portanto, analisamos como são construídos os debates que envolvem o movimento feminista através de comentários, em contexto virtual.

A escolha tanto do canal quanto do vídeo não foi feita de forma aleatória,

mas motivada por questões de interesse pessoal da pesquisadora e pela percepção do conteúdo enriquecedor para debater sobre o feminismo contido não só nos comentários como na própria proposta do canal que divulgou o vídeo. No entanto, esclarecemos que não analisamos o vídeo em si, por recomendação do comitê de ética de pesquisa da PUC, que orientou manter o anonimato do canal, do vídeo e dos participantes. Apesar disso, ficamos sempre atentos às relações estabelecidas entre o que está presente no vídeo e o que, naturalmente, aparece atrelado a ele nos comentários, sendo, portanto, as interações nos comentários o foco central de análise.

#### **4.4 O tipo de participação da pesquisadora**

Apesar de nos enquadrarmos no tipo de pesquisador-observador, concordamos que “a partir da inserção do pesquisador no campo, mesmo que ele não se identifique e não seja um participante previamente inserido na cultura em questão, há uma transformação no objeto” (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2016, p. 192). A transformação resultante da nossa participação na pesquisa diante desse objeto se dá com base nas motivações e ideologias construídas pela pesquisadora nas seções e subseções anteriores de fundamentação teórica. Sendo assim, as análises foram feitas de forma a criar paralelos entre o que foi dissertado sobre as teorias utilizadas e o que pôde ser observado nas interações.

Portanto, o tipo de observação utilizada na pesquisa é a denominada “pesquisador silencioso” ou *lunker* (ORGADI, 2009), sob o qual a pesquisa foi conduzida de forma distante, em que a pesquisadora selecionou os dados que foram gerados no ambiente virtual de pesquisa, não sendo uma participante ativa das interações analisadas.

#### **4.5 O processo de geração de dados e o recorte analítico**

O corpus da pesquisa foi composto pelos comentários de usuários da plataforma do *YouTube*. Nos comentários selecionados, os participantes da pesquisa discutem sobre aspectos dos temas que envolvem feminismo, machismo e direitos dos homens.

Os critérios de seleção dos dados se deram a partir de temáticas consideradas pertinentes ao objeto de investigação: o feminismo. Desse modo, foram

selecionados 100 comentários, alguns “iniciais” sendo feitos em resposta ao vídeo e outros secundários, que foram comentários respondidos a esses comentários iniciais, que promoveram interação entre os usuários.

Os materiais foram gerados foram transportados dos comentários do *YouTube* das interações selecionadas. As transportações foram feitas em tabelas, visto que as capturas de tela feitas inicialmente não permitiram uma nitidez da imagem. Sendo assim, as tabelas foram organizadas de modo que mantivessem fiéis as informações de cada comentário, indicando: (i) o nome dos participantes, (ii) descrição sinalizando a quem cada comentário estava respondido, (iii) o próprio comentário e (iv) detalhes dos comentários (há quanto tempo foi publicado, se foi editado, número de curtidas e número de respostas). No total, os comentários ficaram divididos em 71 excertos.

As seções de análise foram divididas em dois capítulos, sendo 76 desses comentários referentes à primeira parte, que discutiu sobre a pluralidade do feminismo e os outros 24 referentes à segunda parte, que abordou debate de gêneros.

A escolha dos 100 comentários foi realizada, na primeira seção, pelo filtro do próprio *YouTube* de comentários “mais recentes” e, na segunda seção, pelo filtro “principais comentários”. Ressaltamos que fizemos um recorte micro possível para analisar em um trabalho de mestrado, considerando o grande alcance de público do vídeo, o qual continha, no nosso último acesso, feito em 27 de dezembro de 2021, um total de 99.048 mil comentários, sendo inviável tanto uma leitura quanto uma análise total desse material.

Em relação ao número de participantes, tivemos uma variação de acordo com o número de comentários selecionados e com o número de pessoas que pertencem a cada uma dessas interações. Então, tivemos 30 participantes na primeira parte da análise e 19 na segunda.

Esclarecemos que na pesquisa não foi identificado o nome do vídeo e o nome do canal específico no *YouTube* para evitar qualquer possível identificação dos participantes, conforme determinam as resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Portanto, foram criados nomes fictícios para cada um dos participantes e os comentários foram transportados, não sendo exibidos nem as fotos e nem os nomes verdadeiros dos usuários participantes das interações dos dados selecionados para a pesquisa. O critério de escolha dos nomes fictícios se deu

a partir de outro nome cujo campo semântico é o mesmo do nome de usuário do participante da interação. Os nomes criados foram sinalizados nas análises com o recurso **negrito**.

#### 4.6 A ética da pesquisa

Em relação à ética da pesquisa, seguimos a resolução nº 510 de 07 de abril de 2016, que trata, no capítulo I, dos termos e definições, no item VI, sobre as informações de caráter de acesso público. Demos, como mencionado, nomes fictícios aos participantes dos comentários, conforme apresentado na resolução no. 466 de 12 de dezembro de 2012, item “i) prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa” (BRASIL, 2013).

Declaramos que conhecemos e cumprimos as normas vigentes expressas nas Resoluções 466/12 e 510/16 do CNS – Conselho Nacional de Saúde e no Marco Referencial, Estatuto e Regimento da PUC-Rio, que dispensa a pesquisa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, uma vez que foram utilizados dados públicos obtidos da seção de comentários da plataforma *online YouTube*. O projeto da pesquisa foi submetido à Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-RJ no mês de julho de 2021 e teve parecer favorável da Comissão da Câmara de Ética em Pesquisa da (049/2021, protocolo 82/2021), em 11 de agosto de 2021.

Quanto aos riscos da pesquisa, temos que os dados, por serem públicos, podem ser um meio de exposição dos participantes. No entanto, reforçamos que assumimos, mediante esta pesquisa, o compromisso de, ao utilizar dados e/ou informações gerados através do sítio *YouTube*, assegurar a confidencialidade e a privacidade dos usuários através da não utilização das fotos de perfil (avatar) e dos nomes de usuário, a fim de prever que não haja grandes riscos para os participantes da pesquisa.

Já no que diz respeito aos benefícios da pesquisa, a geração de dados e as análises críticas tiveram o intuito de colaborar academicamente com reflexões sobre interações sociais virtuais, considerando que compreender o tema do feminismo, cujo a pesquisa focalizou, é essencial para as relações sociais.

## 5. A PLURALIDADE DO FEMINISMO NOS COMENTÁRIOS

Como destaquei na Metodologia da Pesquisa (capítulo 4), os dados utilizados na análise referente à interação de usuários da plataforma *YouTube* através de comentários foram gerados a partir de um vídeo, que desenvolveu debates entre os participantes. Nos comentários selecionados, os participantes discutem suas posturas sobre feminismo, machismo e direitos dos homens.

No percurso analítico, a análise foi feita em dois momentos. No primeiro, os dados apresentados versam sobre a pluralidade do feminismo, e são tratados na presente seção. Já no segundo momento, na seção 6.2, os dados selecionados para as análises apresentam um debate sobre gêneros.

Iniciamos a análise com comentários que versam sobre diferentes concepções do feminismo, o que reforça a ideia de Harding (2019) acerca da importância de que esse movimento não seja compreendido como singular, considerando a variedade de vertentes existentes no feminismo. A forma como esses participantes indexam (SILVERSTEIN, 1976) e escalonam (CARR e LAMPERT, 2016) as informações trazidas nas discussões apontam para aspectos tanto da luta feminina quanto da manutenção do patriarcado. Desse modo, discutiremos sobre como se deu a estrutura conversacional das interações nos comentários, observando não só questões importantes sobre a temática em uma escala macro, como também em uma escala micro (RIBEIRO e PEREIRA, 2002), que foram desenvolvidas dentro do cenário interacional.

### 5.1 Construção da ideologia do feminismo

O primeiro comentário que analisaremos (excerto 1) faz menção a um meme que ficou bastante conhecido para se referir a pessoas consideradas “tóxicas”. O termo “chernobyl”, inicialmente escrito como *Tchernóbil*, está relacionado à maior catástrofe nuclear da história, que ocorreu em 1986, na então União Soviética (ALEKSIÉVITCH, 2015). O episódio deu origem a obras em formato de livro e filme. No desastre foi liberada uma considerável quantidade de partículas radioativas, atingindo a União Soviética e parte da Europa com a radiação. Esse contexto justifica a adjetivação de participantes que são considerados “radioativos”.

## Excerto 1 - “Eu tô horrorizada”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Marina</b>	Comentário inicial feito em resposta ao do vídeo	Eu tô horrorizada com os comentários Tá puro Chernobyl  Edit: meu Deus agora as respostas do meu comentário tá puro Chernobyl	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses (editado)</li> <li>• 248 curtidas</li> <li>• 94 respostas</li> </ul>

Desse modo, esse meme entextualiza (BAUMAN e BRIGGS, 1990) a situação vivenciada na União Soviética, trazendo o termo para as redes sociais com teor de comicidade. Além disso, “chernobyl” parece ser utilizado nesse novo contexto para caracterizar grupos mais conservadores. O uso desse vocábulo é muito comum e usado por pessoas LGBTQIA+ ao referenciar grupos mais conservadores. Portanto, notamos que há um processo de indexicalização que relaciona o conteúdo do vídeo e os seus comentários a esses diferentes grupos de pessoas, que se enquadram nas escalas conservador e não conservador.

Os *footings* (GOFFMAN, 2013) dos participantes nos comentários, conforme veremos, mostram-se dicotômicos entre si, mas alinhados às ideias propostas pelos participantes do vídeo, dividindo-se em um público que defende o feminismo e outro que está contra ele.

Com o comentário feito por **Marina** (excerto 1), a partir de sua manifestação “*Eu tô horrorizada*”, ela se alinha a um *footing* contra os “*chernobyls*”. E um grupo considerável mostra-se estar alinhado ao *footing* de **Marina**, uma vez que, a partir da ferramenta de curtida, vemos que 254 pessoas concordam com ela.

Um dado interessante que também pode ser observado no comentário de **Marina** e que advém do uso exclusivo da interação em ambientes virtuais é o recurso de edição em que é acrescentado uma informação depois de já ter postado uma primeira edição do comentário. A usuária marca isso linguisticamente com o uso do “*edit*” e em seguida traz um comentário reflexivo sobre a interação produzida (meu Deus agora as respostas do meu comentário tá puro Chernobyl).

A edição feita por **Marina** em seu comentário foi motivada por sua repercussão, visto que resultou não só um número alto de curtidas como de 94 respostas feitas por usuários escalonados por ela como “Chernobyl” Nessa cena,

podemos ver características de cooperação do âmbito conversacional (OCHS e JACOBY, 1995), levando em conta que foi criada uma cena secundária dentro da cena inicial a partir da interação desenvolvida mediante o comentário de **Marina**.

Diante do número elevado de participantes que interagiram com **Marina**, selecionamos algumas respostas, que geraram interação, para análise. O primeiro conjunto conversacional, exposto no excerto 2, demonstra que **Clipes**, **Mikasa** e **Boku** constroem um alinhamento (*footing*) ao que expôs **Marina** em seu comentário inicial.

Excerto 2 - “SIMM CARAA”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Clipes</b>	(em resposta ao comentário de Marina no excerto 1)	SIMMM CARAAA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 8 curtidas</li> </ul>
<b>Isadora</b>	(em resposta ao comentário de Marina no excerto 1)	Pq	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 1 curtida</li> </ul>
<b>Torta</b>	(em resposta ao comentário de Marina no excerto 1)	pq exatamente?	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 2 curtidas</li> </ul>
<b>Mikasa</b>	(em resposta ao comentário de Marina no excerto 1)	sim mds	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 1 curtida</li> </ul>
<b>Boku</b>	(em resposta ao comentário de Marina no excerto 1)	SIM K	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 2 curtidas</li> </ul>

É possível dizer que o significado indexado para o termo “chernobyl” cria uma escala com concepções que estão relacionadas ao machismo, ou mesmo de forma mais branda, que se opõem ao feminismo. Inferimos essa informação com base na edição feita por **Marina** em seu comentário (excerto 1), demonstrando que ela notou, após voltar para ver as respostas, que houve diversas respostas de “chernobyls” conforme ela ressalta “*meu Deus agora as respostas do meu comentário tá puro Chernobyl*”.

Em contrapartida, **Isadora** e **Torta**, ainda no excerto 2, demonstram não entender esse termo da mesma forma, uma vez que questionam os outros



participantes da interação o porquê da afirmação feita por **Marina** de que “os comentários estão puro *cherbonyl*”.

De forma a manter o fluxo conversacional (excerto 3), promovendo uma co-construção da interação (OCHS e JACOBY, 1995), **Boku** responde ao questionamento de **Torta** (“*pq exatamente?*”) que foi feito apresentando uma formulação, a qual expressa o seu entendimento (GARFINKEL e SACKS, 1986) sobre o que **Marina** quis dizer com o signo “*cherbonyl*”. Para isso, **Boku** cria uma escala que semiotiza o termo equivalendo-o a “machista”, como podemos ver na resposta dada por ele “*cheio de machista*”.

Excerto 3 - “cheio de machista”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Boku</b>	(em resposta ao comentário de Torta no excerto 2)	cheio de machista	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 28 curtidas</li> </ul>
<b>Laranja</b>	(em resposta ao comentário de Boku acima)	*sexista, machista e feminista é igual, só muda o gênero	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 26 curtidas</li> </ul>

**Laranja** (excerto 3) entra em cena cooperando com a interação, expressando a sua formulação, a qual escolona não só o signo “machista” conectado semioticamente ao termo “Chernobyl”, como também “sexista” e “feminista”, explicando que todos indexam um mesmo nível escalar. Um aspecto importante de ser destacado, que é exclusivo da interação virtual, é o símbolo representado pelo asterisco (\*), que, normalmente, é usado para “consertar” algo que foi digitado de forma equivocada. Desse modo, é possível interpretar que **Laranja**, ao “consertar” **Boku**, desenvolve uma transformação em sua (re)formulação (HERITAGE e WATSON, 1979), isto é, para expressar o seu *footing* acerca de como ele indexa o signo “chernobyl” diante do que **Boku** havia falado anteriormente, ele transforma uma informação.

Em seguida, entra em cena uma nova participante, **Fernanda** (excerto 4), cujo *footing* está desalinhado ao de **Laranja**, como podemos ver em sua fala “*mano para de falar merda*”. **Fernanda** em seguida tece outro comentário complementar ao seu anterior. A participante, dessa forma, produz um *account* em que ela perspectiviza o feminismo sob uma escala da luta das mulheres, conforme podemos ver na afirmação feita por ela em “*Feminismo é a luta pelos direitos das mulheres*”.

A escala produzida indexa questões históricas, políticas e sociais que envolvem o movimento como podemos ver em estudos como os Pinsky e Pedro (2010), Garcia (2015), hooks (2018), Alves e Pitanguy (1985).

Excerto 4 - “Mano para de falar merda”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Fernanda</b>	(em resposta ao comentário de Laranja no excerto 3)	Mano para de falar merda	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 33 curtidas</li> </ul>
<b>Fernanda</b>	(novamente em resposta ao comentário de Laranja no excerto 3)	Feminismo é a luta pelo direito das mulheres	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 28 curtidas</li> </ul>

O *footing* de **Fernanda** e de **Laranja** são opostos, mas, mesmo assim, ambos têm outros participantes a seu favor, como podemos ver a partir do recurso de “curtidas” utilizado nos comentários. **Fernanda** tem um público apenas um pouco maior, tendo 33 curtidas no seu primeiro comentário e 28 curtidas no segundo, enquanto **Laranja** possui 26.

Na sequência conversacional (excerto 5), **Furão** responde à **Fernanda** escalonando o feminismo como “tóxico” em um tempo-espço do presente. A semiotização que **Furão** faz do feminismo é semelhante à que **Marina** faz (excerto 1), a princípio, para movimentos que se colocam em contraponto a esse. Desse modo, vemos que **Furão** constrói um *footing* que se alinha ao discurso, com d minúsculo (GEE, 2001), de **Laranja** (excerto 3), demonstrando que ambos acreditam que o feminismo está no mesmo nível escalar dos “chernobyls”, ou seja, sendo algo tóxico.

Excerto 5 - “Agora é oficialmente tóxico”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Furão</b>	(em resposta ao comentário de Fernanda no excerto 4)	feminismo nem é mais isso, agora é oficialmente tóxico	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 14 curtidas</li> </ul>
<b>Fernanda</b>	(novamente em resposta ao comentário de Furão acima)	Blz	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

Nesse momento, **Fernanda** (excerto 5) não coopera para a continuidade da conversa, respondendo apenas “blz” para **Furão** e, em seguida, sai de cena, não interagindo mais nos comentários posteriores. Todavia, alguns participantes da interação ainda fazem comentários em resposta à **Fernanda**.

**Naruto** (excerto 6), utilizando também o recurso de “correção”, o asterisco (\*), corrige **Fernanda** querendo dizer que o feminismo não é uma luta pelos direitos das mulheres, conforme dito por ela anteriormente, mas sim uma luta pelos “*privilégios da mulher*”. Nesse momento, **Naruto** indexa o que é ponderado como “direitos das mulheres” como “privilégios”, nos quais estão incluídos, por exemplo, direito à licença maternidade e direitos referentes à Lei Maria da Penha.

Excerto 6 - “Pelos privilégios da mulher”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Naruto</b>	(em resposta ao comentário de Fernanda no excerto 5)	pelos privilégios da mulher*	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 10 curtidas</li> </ul>

Além disso, posteriormente, duas outras pessoas, **Gustavo** (excerto 7) e **Cansado** (excerto 8), que chegaram na cena mais tarde, visto que os comentários têm uma diferença de tempo, ainda comentam em resposta ao comentário inicial de **Fernanda** (“*Feminismo é a luta pelo direito das mulheres*”, no excerto 4) sobre o feminismo ser uma luta pelos direitos das mulheres.

Excerto 7 - “A maioria de vocês são tóxicas”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Gustavo</b>	(em resposta ao comentário de Fernanda no excerto 4)	mentira, a maioria de vcs são tóxicas. Inventaram aquela merda de equidade pra justificar as atitudes babacas que vcs tem.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 6 meses</li> <li>• 1 curtida</li> </ul>

No excerto 7, podemos ver que **Gustavo** indexa o signo “feministas” à característica “tóxica”, mais uma vez colocando esse grupo no mesmo nível escalar que os “chernobyls” aos quais **Marina** (excerto 1) se refere. Além disso, vemos na fala de **Gustavo** que ao usar “vcs”, ele aponta tanto para feministas que estão na interação, como para as que também não estão, o que acaba sendo uma marca

linguística que indexa um coletivo, um grupo de pessoas, nesse caso, "as feministas". No comentário de **Gustavo**, vemos que ele não parece se preocupar com a presença do grupo que se mostra a favor do movimento feminista na cena, dando pistas de contextualização (GUMPERZ, 1992) de que se alinha a um *footing* que indexa questões relacionadas ao patriarcado. É possível notar esse alinhamento de **Gustavo** em sua fala “*inventaram aquela merda de equidade pra justificar as atitudes babacas que vcs tem*”. Nesse momento, vemos que **Gustavo** expressa não acreditar que o feminismo é uma luta das mulheres, mas sim que é uma invenção feita pelas feministas com a falsa justificativa de buscar “*equidade*” e que foi criada para “*justificar atitudes babacas*” que elas têm. Esse *footing* de **Gustavo** formula uma ideia reducionista de feminismo, desconsiderando a característica plural do movimento. A descrença de **Gustavo** no movimento feminista e na sua luta por equidade expressa o que sempre nos impôs o patriarcado, o qual, conforme elucida Reguant (2001), se organiza de forma política, econômica, religiosa e social tendo como base a autoridade e liderança dos homens.

Mais recentemente, **Cansado** (excerto 8) deixou seu comentário na postagem, em resposta à **Fernanda** (excerto 4), há dois meses. Em seu comentário, notamos que **Cansado** se mostra alinhado ao *footing* de **Gustavo** (excerto 7), tal como ao de **Laranja** (excerto 3), em que ambos defendem que a escala “feminista” e/ou “feminismo” indexa uma escala que se nivela aos opositores desse movimento e ao que ele busca combater. Assim, **Cansado** classifica **Fernanda** como uma “*habitante de Chernobyl*”, expressando a sua interpretação de que ela é “tóxica”.

Excerto 8 - “Mais uma habitante de Chernobyl”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Cansado</b>	(em resposta ao comentário de Fernanda no excerto 4)	Mais uma habitante de Chernobyl	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 2 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

Ainda em resposta à **Fernanda** (excerto 4), **Julia** (excerto 9) faz um comentário que dá continuidade no fluxo conversacional, no qual o foco será, neste momento, a que se destina a luta das mulheres. **Julia** (excerto 9) coloca o feminismo em uma escala singular, ao dizer que é um movimento que favorece apenas as mulheres cis. Vemos na performance de **Julia** que ela lança mão de uma realização dramática, demonstrando dar ênfase a sua perspectiva, quando utiliza a ferramenta

*capslock* para enfatizar o favorecimento do feminismo “SOMENTE” de mulheres cis. **Julia** aparenta ter segurança em sua fachada pessoal (GOFFMAN, [1967] 2012) e demonstra acreditar que está gerenciando bem sua impressão (GOFFMAN, ([1985] 2002) diante de seu público, uma vez que ela indica que **Fernanda** “*vá estudar, pff*” e que obtém 7 curtidas em seu comentário. Nessa fala de **Julia**, ela demonstra segurança, dando a entender que ela tem base de estudos para o que está dizendo, além de utilizar-se de recursos expressivos transmitidos, como a caixa alta, que são recursos previamente pensados. Ao fazer esse comentário, **Julia** incita uma discussão com **Ana**, que entra em cena, a qual veremos mais à frente.

Excerto 9 - “Vai estudar, pf????”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Julia</b>	(em resposta ao comentário de Fernanda no excerto 4)	não, vai estudar pf????? feminismo é uma luta SOMENTE a favor de mulheres cis.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 7 curtidas</li> </ul>

Antes de iniciarmos o debate travado por **Julia** e **Ana**, destacamos também o comentário de **Liz** (excerto 10), em resposta a **Naruto** (excerto 6), que anteriormente havia “consertado” **Fernanda** dizendo que a luta das mulheres era por privilégios. **Liz**, também utilizando o recurso do asterisco (\*), apresenta uma nova semiotização para essa luta, explicitando que esta seria, na verdade, pela emancipação da mulher. Nessa cena, vemos que o feminismo e sua luta são colocados em escalas diferentes, criando ordens indexicais da luta que se referem à emancipação feminina (CABRAL, 2018; GARCIA, 2015) e a privilégios, sendo a primeira escala a que se alinha mais aos movimentos defendidos por autoras feministas.

Excerto 10 - “Pela emancipação da mulher”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Liz</b>	(em resposta ao comentário de Naruto no excerto 6)	pela emancipação da mulher*	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

Em seguida, **Liz** (excerto 11) elabora um *footing* que não se alinha o de **Julia** (excerto 9), visto que ela responde, também utilizando um recurso expressivo

transmitido, isto é, pensado, através da ferramenta *capslock* para apresentar discordância com **Julia**, como podemos ver em seu comentário “*NAO KKKKKKK*”.

Excerto 11 - “NAO KKKK”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Liz</b>	(em resposta ao comentário de Julia no excerto 9)	NAO KKKKKKKKKKKKKKKKKKI IIIIIIIIKKKI	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

Na sequência conversacional, **Julia** (excerto 12) responde à **Liz** (excerto 11) demonstrando um desempenho coerente em sua atuação, já que ela mantém seu alinhamento ao feminismo em uma escala única, conforme pontuou anteriormente, respondendo “*Claro que sim*”. Nesse momento, **Julia** lança mão de um *account* que indexa um outro vídeo<sup>14</sup>. Ao responder “*até uma representante de vocês disse isso em um debate com uma trans*”, **Julia** se refere a um vídeo que circula na internet, em que uma feminista radical conversa com uma mulher transsexual. No vídeo, a feminista radical elabora uma série de *accounts* sobre o porquê daquela mulher trans (assim como de outras), em sua opinião, não fazer parte do que defende/luta o movimento feminista.

Excerto 12 - “Feminismo é uma luta apenas por mulheres cis”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Julia</b>	(em resposta ao comentário de Liz no excerto 11)	“claro que sim, até uma representante da raça de vocês disse isso em um debate com uma trans. Feminismo é uma luta apenas por mulheres cis, não importa que vocês não assumam.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

Para exemplificar, os *accounts* utilizados pela feminista radical no vídeo indexam questões relacionadas ao sexo biológico e à composição do corpo. Nesse tipo de movimento feminista (radical), algumas concepções pautadas por grandes nomes da história do feminismo, como Simone de Beauvoir (1949) e Butler (2019), acerca do gênero não ser algo biológico e permanente, mas sim algo socialmente elaborado, são colocadas em voga, sendo seletivamente desconsideradas. Desse

<sup>14</sup> Não divulgaremos mais informações sobre o vídeo para evitar a identificação do canal, do vídeo, bem como de seus integrantes.

modo, o *account* de **Julia** expressa o caráter entextual dos conteúdos que circulam na internet ao recuperar um vídeo sobre o tema, uma vez que faz esse vídeo viajar virtualmente.

Nesse momento, **Ana** (excerto 13) entra em cena, colaborando para o debate sobre diferentes visões do feminismo. **Ana** ressalta, conforme pontua Harding (2019), que o feminismo tem “*várias vertentes*” e afirma que “*se estudasse saberia*”. Ao fazer essa última afirmação, **Ana** usa um argumento que pode destruir a face (GOFFMAN, 1980) apresentada anteriormente por **Julia**, que disse a mesma coisa para **Fernada**: “*vai estudar, pff?*” (excerto 9). Em seguida, **Ana** coloca o feminismo radical em um nível escalar transfóbico que indexa para questões sociais discriminatórias, formulando um *footing* que é concordante com **Julia**, mas apenas quando se refere a essa vertente do feminismo que está em pauta.

Excerto 13 - “Não sabem nem que o feminismo tem várias vertentes”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Ana</b>	(em resposta ao comentário de Julia no excerto 12)	“Não sabem nem que o feminismo tem várias vertentes (se estudasse saberia), mas o que acaba sendo transfóbico é o radical e as únicas que concordam com ele são as que fazem parte, então não venha dizer que o feminismo se resume a isso.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

No vídeo entextualizado por **Julia** para justificar o seu alinhamento fica claro que a feminista que está participando do debate se autodeclara uma feminista radical. Então, notamos que **Julia** formula sua ideia utilizando o recurso da exclusão (HERITAGE e WATSON, 1979), uma vez que ela exclui essa informação ao dar seu argumento, tratando de forma generalizada o signo “feminista”. Em contrapartida, **Ana** finaliza sua fala, esclarecendo que o feminismo não se reduz apenas a essa vertente e a essa ideologia ao dizer “*não venha me dizer que o feminismo se resume a isso.*”

**Julia** (excerto 14), em sua performance, não utiliza-se de mistificações, isto é, não converge com a perspectiva de **Ana** para evitar aspectos constrangedores (GOFFMAN, 2002), uma vez que ela repete a fala de **Ana** (excerto 13), fazendo exatamente o que **Ana** havia acabado de falar para que ela não fizesse: “*resumir o feminismo a isso*”.

## Excerto 14 - “O feminismo se resume a isso.”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Julia</b>	(em resposta ao comentário de Ana no excerto 13)	“o feminismo se resume a isso.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

**Ana** coloca **Julia** em uma escala de “desinformada” e “ignorante” (excerto 15) justificando que o feminismo se resume a isso, referindo-se a luta por mulheres cis, apenas para pessoas que se enquadram nesses grupos de adjetivação. Tais características indicam “feministas radicais” como pessoas que não tem base para argumentar sobre a temática. Nesse cenário, **Ana** parece atrelar a performance de **Julia** ao elemento da falsa apresentação (GOFFMAN, 2002), considerando que houve uma má impressão sua acerca de **Julia**. Na tentativa de preservar a sua face, **Julia** (excerto 15) dá seu ponto de vista a partir de uma formulação ao discordar de **Ana**, reforçando que ela não é ignorante e nem desinformada e cria um *account* diante dessa opinião de **Ana** para justificar que, na verdade, elas têm opiniões diferentes sobre o assunto.

## Excerto 15 - “Para pessoas desinformadas”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Ana</b>	(em resposta ao comentário de Julia no excerto 13)	“Sim, para pessoas desinformadas e que usam a ignorância como base.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 3 curtidas</li> </ul>
<b>Julia</b>	(em resposta ao comentário de Ana acima)	“não sou ignorante nem desinformada por ter uma uma opinião diferente da sua.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

**Ana** preserva sua face, desenvolvendo uma performance coerente e mantendo sua postura desde o início até o momento. Um aspecto interessante a ser destacado é a distinção que **Ana** faz entre argumentos e fatos e opinião pessoal, quando ela diz “*Pode ter sua opinião, mas não afirme mentiras sobre um assunto só porque VOCÊ ACHA isso*” (excerto 16). **Ana**, inclusive, lança mão de uma realização dramática em sua performance para explicitar que o *footing* (GOFFMAN, 2013) de **Julia** diante da temática do feminismo foi elaborado a partir de uma opinião própria, que não indexa questões socio-política-culturais relacionadas ao feminismo. Assim, entendemos que **Julia** traz Discursos (com d



maíusculo) que colocam o feminismo em um nível escalar de homogeneidade a partir do seu discurso (com d minúsculo) (GEE, 2001). Portanto, vemos que **Julia** coloca o feminismo em um nível escalar macro (Discurso, com d maiúsculo) que integra outros elementos que podem, também, estar relacionados à discussão, como os diversos feminismos existentes e seus desdobramentos, como pontuou a própria **Ana** para ela anteriormente.

Excerto 16 - “Pode ter sua opinião”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Ana</b>	(em resposta ao comentário de Julia no excerto 15)	Pode ter sua opinião, mas não afirme mentiras sobre um assunto só pq VOCÊ ACHA isso.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>
<b>Julia</b>	(em resposta ao comentário de Ana acima)	não é porque VOCÊ se ofendeu que é mentira KKKKKKKKKKKK cara, feminismo foi importante um dia mesmo, o que fode é o fandom. Uma mais hipócrita que a outra, independentemente do vertente, a maioria das da raça de vocês são "pessoas" nojentas, tóxicas e doentes. Dizer que feminismo é uma luta a favor dos dois gêneros é outra hipocrisia de vocês, se não apoiam nem pessoas que se identificam com o gênero feminino, quem dirá apoiar homens cis.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

No comentário seguinte (excerto 17), **Julia** apresenta certa inconsistência em sua face, uma vez que ela formula discursivamente um *footing* alinhado ao que **Ana** está defendendo e criando *accounts* que estão dando andamento ao debate. Notamos isso, nas falas “cara, feminismo foi importante um dia mesmo” e “independente da vertente”, nas quais ela demonstra concordar com o que **Ana** havia dito anteriormente (excerto 13). O discurso (com d minúsculo) de **Julia** mostra-se contraditório, resultando em uma performance não homogênea durante a interação, visto que inicialmente ela afirma que “o feminismo se resume a isso” (sendo “isso”, nesse caso, referência ao feminismo radical) e, posteriormente, ela expressa conhecer a informação de que o feminismo possui várias vertentes. Isso reflete em um mau gerenciamento de sua impressão, pois ameaça a manutenção de sua face.

Excerto 17 - “Feminismo foi importante um dia mesmo”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Julia</b>	(em resposta ao comentário de Ana no excerto 16)	"não é porque VOCÊ se ofendeu que é mentira KKKKKKKKKKKK cara, feminismo foi importante um dia mesmo, o que fode é o fandom. Uma mais hipócrita que a outra, independentemente do vertente, a maioria das da raça de vocês são "pessoas" nojentas, tóxicas e doentes. Dizer que feminismo é uma luta a favor dos dois gêneros é outra hipocrisia de vocês, se não apoiam nem pessoas que se identificam com o gênero feminino, quem dirá apoiar homens cis.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

Dando seguimento, ao tentar argumentar, **Julia** (ainda no excerto 17) traz para a discussão uma nova pauta, caracterizando a “*maioria da raça*” feminista como “*pessoas nojentas, tóxicas e doentes*”, e alegando que não concorda com a ideia de que o feminismo é uma “*luta a favor dos dois gêneros*” e que as feministas “*não apoiam nem pessoas do mesmo gênero, quem dirá apoiar homem cis*”. A opinião e a forma como **Julia** se coloca na interação causa a impressão de que ela formulou ideias equivocadas sobre a temática do feminismo de acordo com Harding (2019) e Barret (1996). Tais ideias seriam equivocadas, pois, inicialmente, ela reduziu o feminismo a ideias do feminismo radical, conforme pontuou (excerto 12), quando, na verdade, o feminismo é um movimento que não pode ser visto de maneira singular (HARDING, 2019). E, além disso, porque ela demonstrou, em sua opinião, que é uma hipocrisia dizer que o “*feminismo é uma luta a favor dos dois gêneros*”, algo que é defendido por Barret (1996), o qual salienta a não oposição dos gêneros, mas a garantia de direitos para todos. Esse tipo de formulação feita por **Julia** pode ser um obstáculo na manutenção do fluxo e na estrutura lógica conversacional (SCHEGLOFF, 2007), visto que ela demonstra ter dificuldade de compreender o que está sendo pontuado por **Ana**.

No comentário seguinte (excerto 18), ao **Ana** responder **Julia**, vemos que um conflito está começando a ocorrer entre elas. **Ana** questiona a consistência da postura de **Julia** na tentativa de derrubar sua face (GOFFMAN, 1980) na discussão ao perguntá-la “*Qual sua base para afirmar isso?*”. O contexto incita uma troca de ofensas, visto que **Ana** deixa clara a tentativa de **Julia** de ofendê-la, ao falar “o

*único argumento é tentar ofender*”, e, em seguida, ocupando o lugar de solicitante de esclarecimento da ofensa ao explicitar que *“não entende esse ódio todo”*. Nesse contexto, conforme elucidam Blumstein *et al.* (1974), é importante que os participantes prestem contas, visando a amenização dos conflitos que estão sendo gerados.

Excerto 18 - “Qual sua base para afirmar isso?”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Ana</b>	(em resposta ao comentário de Julia no excerto 17)	“Qual sua base para afirmar isso? Pq eu já te expliquei e vc continua falando a mesma coisa, já dá para perceber a ignorância aí mesmo... quando o único argumento é tentar ofender KKKKKK não entendo esse ódio todo até parece que mataram alguém da sua família. Minha vertente apoia mulheres não importa se é trans ou cis pq no fim são todas mulheres, vc é trans? Pq teria trans no movimento? Com 128k de seguidores feministas? Feminismo é sobre a emancipação da mulher, direitos iguais e equidade é apenas uma consequência disso. O erro de vcs é pensar que temos que lutar pelos homens sendo que é um movimento para mulheres e nunca foi uma luta para os dois, isso que acontece”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

Em seguida, **Ana** (ainda no excerto 18) faz uma sequência de perguntas que podem ser entendidas como retóricas à **Julia** para embasar seu argumento contra o que está sendo pontuado por ela. **Ana** começa tentando desconstruir novamente a ideia reducionista de **Julia** de que o feminismo é algo universal ao falar *“minha vertente apoia mulheres, não importa se é trans ou cis, pq no fim são todas mulheres”*. Nesse momento, **Ana** cria um *account* sobre seu *footing* diante do feminismo, tentando reforçar a sua pluralidade, retomando o vídeo que foi entextualizado por **Julia** no excerto 12. Ao perguntar *“porque teria trans no movimento? Com 128k de seguidores feministas”*, **Ana** explicita a importância da presença da mulher trans no movimento feminista, entextualizando o vídeo mencionado anteriormente por **Julia**, no qual uma feminista radical conversa com uma trans. **Ana** argumenta que 128 mil seguidores<sup>15</sup> que se enquadram no grupo de

<sup>15</sup> Esse número é referente a quantidade de seguidores que a mulher trans possuía nas suas redes sociais quando o vídeo sobre o debate entre ela e a feminista radical foi lançado.

feministas seguem a trans que discutiu com a feminista radical nas redes sociais, o que significa que essas pessoas se sentem representadas pela mulher trans. O argumento de **Ana** indexa para questões sociais, culturais e ideológicas que comumente são questionadas quando o assunto é a composição do grupo “feminista”. Apesar de o feminismo ser plural e lutar, de diferentes formas, pelos direitos das mulheres conforme pontuamos no nosso capítulo 2.1 que versa sobre a temática, não é incomum que esse movimento seja, por vezes, circunscrito a aspectos mais específicos. Normalmente, tais aspectos costumam indexar questões que dicotomizam as escalas mulher x homem. Todavia, é indispensável que o feminismo seja desenvolvido de forma interseccional, conforme propõe Kimberlé Crenshaw (2017), isto é, que não haja foco em apenas uma discriminação sofrida pela mulher, como no caso da trans, que colocou essa característica em pauta de forma excludente. Portanto, assim como salienta Kimberlé Crenshaw (2017), a identidade da mulher tem de ser percebida de forma abrangente, considerando outros aspectos que estão para além do gênero.

Além das perguntas, **Ana** (ainda no excerto 18) também esclarece alguns pontos sobre o feminismo e produz um *footing* alinhado ao que **Liz** (excerto 10) diz sobre o feminismo ter objetivos que versam “*sobre emancipação da mulher*”. **Ana** reforça, ainda, que direitos iguais e equidade resultam do movimento feminista. **Ana** também acrescenta em seu comentário que “*é um erro de vcs pensar que temos que lutar pelos homens*”. Nessa fala, vemos que **Ana** performa para um público que não se restringe somente a **Julia** quando ela usa “*um erro de vcs*”. Considerando o seu alinhamento, desde início da conversa até então, é possível compreender que **Ana** está se dirigindo àqueles que têm um *footing* desalinhado aos ideais feministas. **Ana** conclui deixando claro em sua percepção que o feminismo “*é um movimento para mulheres e nunca foi uma luta para os dois*”. É válido ressaltar que essa é a primeira vez nos comentários que **Ana** se posiciona sobre o feminismo ser uma luta das mulheres, apesar de **Julia** (excerto 17) já ter afirmado que o feminismo se destina a uma “*luta a favor dos dois gêneros*” (figura 9), utilizando como argumento um alinhamento contra **Ana** que não foi pontuado ou defendido anteriormente por ela.

Assim, notamos que **Julia** formula suas falas transformando (HERITAGE e WATSON, 1979) certas informações. Levando em conta que as formulações são estratégias utilizadas pelos participantes para expressar que eles estão

compreendendo o que está sendo dito (GARFINKEL e SACKS, 1986), entendemos que há um processo de reflexão feito pelas participantes em interação acerca do que está sendo dito e “ouvido” e, nesse caso, digitado. É possível que nas afirmações de **Julia**, nas quais ela formula informações transformando-as, ela argumente entextualizando informações vistas/ouvidas/lidas em outros momentos e situações, o que se confirma no seu comentário em resposta à **Ana** (excerto 19), que analisaremos no parágrafo a seguir.

Excerto 19 - “Não penso que vocês devem lutar pelos homens”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Julia</b>	(em resposta ao comentário de Ana no excerto 18)	não penso que vocês devem lutar pelos homens, acho que vocês devem abolir a frase "lutamos por direitos iguais dos dois gêneros", até porque a sociedade nos colocou num nível acima dos homens em questão de cuidado, como: a mulher não tem obrigação de trabalhar; se não trabalhar é chamada de "dona de casa", e quando o homem não trabalha, é chamado de vagabundo; a justiça está a favor da mulher em relação à guarda dos filhos, simplesmente por ser mulher; se uma mulher comete um crime, a condenação dela será bem menor do que a do homem que cometeu o mesmo crime; a mulher não é obrigada a passar pelo alistamento; os investimentos para a saúde da mulher são levados a sério pelos órgãos governamentais; as mulheres se aposentam 3 anos mais cedo que os homens; mulheres têm mais estatísticas de vida do que os homens; ninguém afirma que mulheres são agressoras em potenciais por causa do gênero delas[...] minha opinião têm um suporte como base, não importa o que você diga. O que acontece ou não na minha família não é da sua conta KKKKKKKK e "pq teria trans no movimento?" POR QUE SÃO MULHERES, SERÁ??????? KKKKKKKKKKKK não era um movimento aberto às mulheres? Então mulheres trans podem participar dele.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>

Os questionamentos anteriormente feitos por **Ana** causaram alguns incidentes que, no jogo interacional, ameaçam a fachada de **Julia**, que tem demonstrado inconsistência em sua performance. **Julia** tem um discurso contraditório, o qual não inspira confiança e que expressa um mau gerenciamento

de impressão da participante. Notamos, a partir das formulações de **Julia** (excerto 19), que ela não compreende os *accounts* de **Ana**. Novamente, vemos que **Julia** argumenta contra **Ana**, o que faz com que os signos indexicalizem informações que não fazem parte do que está sendo defendido por **Ana** e que não são referentes a outros debates acerca do feminismo. Quando **Julia** fala “*acho que vocês devem abolir a frase -lutamos por direitos iguais dos dois gêneros-*”, vemos que ela focaliza seu argumento em algo que já foi explicado por **Ana** anteriormente que não faz parte da vertente feminista que ela defende.

Desse modo, a escala de igualdade de gênero na qual **Julia** coloca o feminismo não está de acordo com o que **Ana** está defendendo, o que demonstra que **Julia** desenvolveu uma formulação por exclusão (HERITAGE e WATSON, 1979), em que ela descartou informações que estavam presentes na discussão para dar o seu ponto.

Dando seguimento ao seu argumento, **Julia** (ainda no excerto 19) coloca a mulher em um nível escalar acima do homem “*em questão de cuidado*”. Para exemplificar, **Julia** se utiliza de diversos aspectos de estereotipia de gênero, destacando o que pontua Butler (2002) acerca da performatividade de gênero, em que os gêneros são construídos socialmente a partir da repetição. Para defender o seu ponto, **Julia** elabora uma série de *accounts* diferenciando como é cada situação para mulheres e homens. No primeiro exemplo, ela escalona os signos “*dona de casa*” e “*vagabundo*” colocando-os no mesmo nível; nesse momento, vemos que a semiotização do signo “*dona de casa*” ainda apresenta um cunho pejorativo, desconsiderando os afazeres de casa como algo trabalhoso e/ou cansativo e que, aparentemente, não se equivale a um trabalho e, por isso, entendido por **Júlia** como o mesmo que “*vagabundo*”. Entretanto, considerando o trabalho de uma dona ou um dono de casa e de uma pessoa cuja profissão é cuidar da casa de uma outra pessoa, colocar esses dois signos na mesma escala é injustificável. Em seguida, **Julia** indexa seus argumentos para questões jurídicas, dizendo que a mulher tem privilégios no que diz respeito à “*guarda dos filhos*”, “*condenação*”, não obrigatoriedade de “*alistamento*”, “*investimento em saúde*”, aposentadoria e “*estatística de vida*”. Os tópicos mencionados por **Julia** estão relacionados com diversas outras ordens indexicais, que, nesse momento, aparentam ser desconsideradas.

Finalizando sua fala, **Julia** tem impasses na sua performance, não conseguindo manter um controle expressivo, tendo sua face ameaçada, uma vez que apresenta uma necessidade de reafirmar que sua postura é embasada ao dizer “*minha opinião tem um suporte como base, não importa o que você diga*”. **Julia**, ao concluir, elabora uma realização dramática, demonstrando não ter compreendido que as perguntas feitas por **Ana** (excerto 18) eram retóricas, ao dizer “*POR QUE SÃO MULHERES, SERÁ???????? KKKKKKKKK*”. **Julia** utiliza o recurso da caixa alta para dar destaque ao seu argumento. Entretanto, novamente, ela apresenta uma postura contraditória ao interpretar que **Ana** está perdida em seus argumentos. **Julia** não entende que a pergunta feita por **Ana** (*Pq teria trans no movimento?* (excerto 18) foi retórica. Por isso, **Julia**, contraditoriamente, lança mão de um argumento que ela mesma havia se desalinhado anteriormente (excerto 12) para tentar destruir a face de **Ana** ao dizer “*Não era um movimento aberto às mulheres? Então mulheres trans podem participar dele*”.

Dando seguimento ao fluxo conversacional (excerto 20), **Ana** elabora uma série de formulações através de retomadas (OSTERMANN e SILVA, 2009) para rebater os argumentos dados por **Julia** anteriormente, demonstrando que ela compreendeu os apontamentos feitos por **Julia**, mas que não tem um *footing* alinhado ao que foi pontuado e trazendo novos *accounts* para esclarecer o seu alinhamento. Para construir seu *footing*, **Ana** traz alguns dados que são encontrados através de pesquisas, mostrando embasamento teórico e prático para suas falas, como podemos ver em: “*5,5 milhões (de crianças) sem registros*” e quando conclui dizendo que é “*comprovado*” que as mulheres têm uma expectativa de vida maior porque se cuidam mais.

Excerto 20 - “Você não entendeu que foi uma pergunta retórica???”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Ana</b>	(em resposta ao comentário de Julia no excerto 19)	“Não usamos essa frase, algumas até falam que querem direito iguais, mas no sentido da emancipação. Isso mudou, uma mulher que não trabalha e não tem marido tbm vai ser julgada, além de serem desvalorizadas no mercado de trabalho acham que tem a obrigação de chegar e cuidar da casa; as mulheres tem preferência por gerarem a criança e serem mais responsáveis por elas, raramente tem um pai que quer cuidar da	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 1 curtida</li> </ul>

		criança, um fato disso é 5,5 milhões sem registro e é um fato que infelizmente o filho é só da mãe em várias situações; qual seria sua fonte disso? Pq a várias qualificações de crime e um nunca será igual ao outro, não é só chegar e matar que vai ter uma pena, é feita várias análises dos fatores; o alistamento por causa do sexismo e quem deveria lutar por isso são eles mesmo, a saúde aqui já não é muito boa, mas eles investem mais nas doenças que tem mais casos, mais riscos... Etc; aposentam porque as mulheres tem jornadas duplas até triplas sendo sem remuneração, seria injusto, se os homens começarem a ter também isso muda; tem mais expectativa pq se cuidam mais, vão mais ao médico, se preocupam... Comprovado; ninguém é adivinha de quem vai te fazer mal, tomar precaução é normal e isso n é privilégio. Ok, mesmo assim eu quis responder pq isso não anula todas as outras coisas que o machismo afeta nas mulheres. KKKKKKKK você não entendeu que foi uma pergunta retórica?? Você diz que rejeitamos elas, mas se fossem tão mal tratadas e se sentissem deslocadas, pq fariam parte??"	
<b>Julia</b>	(em resposta ao comentário de Ana acima)	Discordo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>

Dentre os pontos destacados por **Ana** (excerto 20), é possível notar, a partir de sua fala “*isso mudou*”, que ela dá enfoque ao caráter flexível das características que são determinadas pelos gêneros, ressaltando algumas mudanças que ocorreram ao longo do tempo acerca dos papéis sociais do cenário dicotômico feminino e masculino. Tal ideia de **Ana** está em acordo com a percepção de gênero proposta por Scott (1995) sobre ele ser socialmente construído, bem como a proposta por de Butler (2019) de que ele não é uma identidade estável; do mesmo modo, também se familiariza com o interacionismo simbólico proposto por Blumer (1982), o qual pressupõe um *self* que não surge inteiramente desde o nascimento do indivíduo.

Apesar da discussão aparentar se desenvolver diante de uma perspectiva determinista na qual os gêneros dominantes e que entram em discussão referem-se às escalas homem e mulher, o debate sobre o lugar da mulher trans no cenário



feminista também levanta questões que perpassam a concepção de multiplicidade de gêneros (BENTO, 2014), não se delimitando a um caráter binário de gênero, mas sim incluindo outras escalas a esse signo. Desse modo, vemos que **Ana** finaliza sua fala deixando explícito que, em seu comentário anterior (*Pq teria trans no movimento? Com 128k de seguidores feministas?* - excerto 18), ela realmente lançou mão de uma pergunta retórica como uma estratégia para justificar (*account*) o seu *footing* alinhado à ideia de que mulheres trans fazem sim parte do movimento feminista. **Ana** inclui, ainda, mais uma informação em forma de questionamento para **Julia**, como uma forma de elucidar que as feministas da sua vertente não rejeitam as mulheres trans, ao dizer “*você diz que rejeitamos elas, mas se fossem tão mal tratadas e se sentissem deslocadas, pq fariam parte?*” (excerto 20) referindo-se às mulheres trans que se incluem nos movimentos feministas.

A resposta de **Julia** para **Ana** (excerto 20), depois de toda a argumentação por ela apresentada, mostrou uma falsa apresentação de **Julia** em sua performance, uma vez que, como descreve Goffman (2002), sua atitude promove uma má impressão causada pelo ator da cena. Nessa cena, **Julia** parece ter sua face destruída por um momento, visto que após **Ana** rebater seus argumentos anteriores, **Julia** não conseguiu manter sua fachada, respondendo apenas “*Discordo*”, demonstrando um *footing* desalinhado ao que **Ana** apresentou.

Após isso, **Ana** dá continuidade (excerto 21), dando sequencialidade aos seus argumentos (SCHEGLOFF, 2007), mantendo a coerência na sua atuação e desenvolvendo uma boa gerência de sua impressão (GOFFMAN, ([1985]2002)). Na sequência argumentativa, **Ana** coloca **Julia** nas escalas de “*menor de idade*” e de uma pessoa “*que mora com os pais*”. Apesar de não introduzir, a princípio, em sua fala explicações do porquê se utilizar desses níveis escalares, é possível inferir que essas informações indexem para características de pessoas que não são maduras, que ainda precisam estudar e aprender mais, por exemplo.

Excerto 21 - “Ok, pode discordar”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Ana</b>	(em resposta ao comentário de Julia no excerto 20)	Ok, pode discordar, só não muda que o que eu falei é vdd e mesmo que você tenha sua opinião própria não precisa jogar hate ou atrapalhar um movimento social, até pq ele não afeta em nd de ruim na sua vida, mesmo que você acredite que não	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 1 curtida</li> </ul>

		<p>precisa tem mulheres que estão cansadas e querem mudar a situação delas.. negar isso a elas seria egoísmo e só olhar a sua realidade, presumo que ainda seja menor de idade e more com os pais. A única coisa que peço é respeito assim como eu respeito a sua opinião, acredito que as pessoas moldam sua opinião baseada em suas experiências.. ninguém vive na mesma pele então cada um tem seus motivos e não merece ser submetido a desrespeito por isso, mas não confunda opinião com discurso de ódio e desculpa para ser preconceituoso pq já é questão de caráter.</p>	
--	--	--	--

**Ana** termina seu comentário (excerto 21) fazendo um apelo para que **Julia** respeite a opinião e as vivências das outras pessoas, que não estão no mesmo nível escalar que o dela, e ressalta que ela “*não confunda discurso de ódio com opinião*”. Nesse comentário, **Ana** manifesta uma postura interacional colaborativa (CARRERA, 2012), na qual há uma atitude que colabora na construção da interação e não apenas argumentos sendo rebatidos, o que não vemos no comentário anterior de apenas uma palavra de **Julia** (excerto 20).

**Julia** elabora um novo comentário (excerto 22) com *accounts* na tentativa de argumentar sobre o que foi pontuado por **Ana** anteriormente. Nesse momento, **Julia** realiza uma tentativa de recuperar a sua face, trazendo apontamentos em sua defesa. A forma como **Julia** se coloca diante da situação, na maior parte das vezes, é sob uma opinião pessoal, não fazendo uma diferenciação entre opinião e argumento, confirmando o que **Ana** tem criticado ao longo da conversa acerca da postura de **Julia**, como nas falas “*qual a sua base para afirmar isso?*” (excerto 18), “*o único argumento é tentar ofender*” (excerto 18), “*pode ter sua opinião, mas não afirme mentiras sobre o assunto porque você acha isso*” (excerto 16). A partir dessas falas de **Ana**, notamos inconsistência na performance de **Julia**, uma vez que as bases argumentativas não indexam dados que estão sendo discutidos e nem parecem ter sido estudados, já que **Julia** não apresenta fontes mesmo após ser questionada, sendo informações sob as quais ela conclui a partir de sua percepção individual. Essa face inconsistente de **Julia** é percebida em seu comentário, no qual ela formula tudo que foi argumentado por **Ana** como algo que ela acha, afirmando, ainda, que para ela tudo o que **Ana** escreveu “*não serve para nada*” (excerto 22).

## Excerto 22 - “Você nem me conhece”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Julia</b>	(em resposta ao comentário de Ana no excerto 21)	o que você falou é o que VOCÊ ACHA que é verdade, não o que eu acho. Pra mim tudo que você escreveu não serve pra nada. KKKKKKKK, você nem me conhece e diz que sou menor de idade e moro com meus pais? A ignorância de não aceitar uma opinião diferente tá aí. Além de que isso não te interessa, não vim aqui te passar informações sobre mim. Não sei se você sabe ler e interpretar texto, mas em momento nenhum eu disse contra o movimento, falei contra as feministas. Você respeita minha opinião? KKKKKKKKKK hipocrisia atacou? Se respeitasse opinião alheia não julgaria que sou criança (menor de idade) por discordar de você.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>

A defesa de **Julia** (ainda no excerto 22) demonstra que ela se utilizou do recurso da exclusão (HERITAGE e WATSON, 1979), pois, ao formular o que foi dito anteriormente por **Ana**, ela exclui toda a parte dos argumentos e rebate apenas o momento em que **Ana** deu uma opinião enquadrando-a nas escalas “*menor de idade*” e “*mora com os pais*” (excerto 21). É interessante destacar que **Julia** em nenhum momento nega a informação, deixando claro para **Ana** apenas que “*isso não te interessa*” (excerto 22). **Julia** expressa nessas suas falas o que elucidam Mckenna, Green e Gleason (2002) sobre ambientes digitais incitarem a construção de um *self*, uma vez que ninguém sabe mesmo como a pessoa é de verdade. No ambiente virtual, o participante se apresenta a partir daquilo que ele digita (SATTLER, 2002), podendo não estar de acordo com o seu *self* por trás das telas. Algumas inconsistências, no entanto, podem dar pistas de contextualização (GUMPERZ, 1992) sobre o contexto de vida e sobre aspectos pessoais dos participantes.

O comentário de **Julia** (ainda no excerto 22) também se mostra contraditório quando ela diz que não é contra o movimento, mas sim contra feministas, colocando o feminismo e as feministas em níveis escalares distintos. Todavia, o movimento feminista acontece, justamente, pela grande luta de feministas. Por fim, **Julia** demonstra se sentir ofendida com a forma como foi enquadrada por **Ana**.

**Ana**, mantendo continuamente sua face, faz questão de distinguir a diferença entre opinião e fatos (excerto 23), como podemos ver em sua fala “*Na verdade não é o que eu acho, é só você pesquisar e se aprofundar sobre o assunto que e vai ver, opinião é diferente de fatos*”. Ela usa essa estratégia mantendo a coerência em sua performance, expressando que suas falas têm embasamento, diferente do que ela vê nas falas de **Julia**.

Excerto 23 - “Opinião é diferente de fatos”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Ana</b>	(em resposta ao comentário de Julia no excerto 22)	“Na verdade não é o que eu acho, é só você pesquisar e se aprofundar sobre o assunto e vai ver, opinião é diferente de fatos. Ofender feministas seria desrespeitar a opinião delas e até o movimento pq são elas que fazem ele. KKKKKKK não sei pq ficou tão nervosinha por causa disso, não tenho culpa se vc se afetou até pq minha intenção não foi essa, mas é pq eu acho suas atitudes infantis mesmo. Em que momento eu não respeitei? Falar que você é menor de idade não é desrespeitar.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>
<b>Julia</b>	(em resposta ao comentário de Ana acima)	“não, a questão é que vocês interferem sua opinião no movimento, aí lasca tudo. Não estou nervosa, incrível como você interpreta sentimento por mensagem de texto né? Bom, estamos em reciprocidade, também te achei super infantil.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>

Além disso, ainda em sua resposta (excerto 23), **Ana** expressa *accounts* para justificar o porquê enquadrrou **Julia** nos níveis escalares “*menor de idade*” e “*mora com os pais*” (excerto 21), explicando que julgou as atitudes dela nessa conversa como infantis. Um aspecto interessante pontuado por **Ana** é a sua interpretação de que **Julia** “*ficou nervosinha*” (excerto 23) por causa desses níveis escalares aos quais foi incluída. E, em seguida, **Julia** responde **Ana** (excerto 23) argumentando que não está nervosa e que ela não tem como interpretar sentimentos por mensagem de texto. Nesse momento, os recursos expressivos emitidos (GOFFMAN, [1985] 2002) não são acessados como na interação face a face, o que não permite que os participantes percebam, de fato, fatores corpóreos e paralinguísticos que indicam certos aspectos de como estão se sentindo. Todavia, em alguns momentos da interação, é possível inferir que **Julia** comete algumas intromissões importunas e

alguns “*faux pas*” (GOFFMAN, ([1985] 2002) em sua performance, isto é, tem falas que as colocam em posições constrangedoras e que ameaçam a sua face, como contradições apresentadas em seus discursos (com d minúsculo (GEE, 2001)). Tais contradições podem ser vistas, por exemplo, nas falas de **Julia** presente no excerto 12, em que ela diz que “*Feminismo é uma luta apenas por mulheres cis*” e no excerto 19, em que ela diz “*Não era um movimento aberto às mulheres? Então mulheres trans podem participar dele*”. Além disso, vemos que **Julia** se utiliza do contra-ataque para se defender, dizendo que também achou **Ana** “*super infantil*” (excerto 23), apesar de não apresentar *accounts* que justifiquem ela ter achado isso, conforme **Ana** fez.

**Julia** comenta novamente (excerto 24), logo em seguida, tentando explicar o porquê ela se alinha ao *footing* do movimento feminista, mas não se alinha às pessoas que fazem parte do grupo (fandom) de feministas em si, reforçando novamente que não semiotiza esses dois signos, “movimento feminista” e “feministas”, em um mesmo nível escalar. O que **Julia** alega é que o movimento não foi criado pelas feministas da atualidade, deixando claro também, mais uma vez, uma perspectiva universal do feminismo, como se esse movimento fosse único e não houvesse diferentes vertentes, como **Ana** tem elucidado ao longo da conversa.

Excerto 24 - “Já entendemos que você sai xingando qm é feminista”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Julia</b>	(em resposta ao comentário de Ana no excerto 23)	“e esse movimento não foi criado pelas feministas da atualidade, vocês nem chegam perto de ter criado isso, discordar do fandom não é o mesmo que discordar desse movimento.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>
<b>Ana</b>	(em resposta ao comentário de Julia acima)	“você discorda das feministas por serem feministas, certo? Mas elas são feministas porque fazem parte do feminismo, então x dividido por x é x. Já entendemos que você sai xingando qm é feministas por elas terem suas opiniões que é diferente da sua 🤔.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses (editado)</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>

Em contraponto, **Ana** coloca os signos feministas e o movimento no mesmo nível escalar como um *account* para explicar à **Julia** que se ela se alinha ao *footing* de um, é natural que se alinhe ao *footing* do outro. Todavia, o argumento de **Ana** conclui que, na verdade, **Julia** não se alinha a nenhum desses signos, pois as atitudes

dela demonstram que ela “*sai xingando quem é feminista por ter opiniões diferentes*” (excerto 24). Essa fala de **Ana**, coloca em voga, novamente a face de **Julia**, que está sendo gradativamente destruída.

Ana dá continuidade à conversa (excerto 25) expressando a postura colaborativa (OCHS e JACOBY, 1995; CARRERA, 2012) que ela buscou ter durante a troca com **Julia**, dizendo que “*A única coisa que eu fiz foi tentar com você*”. Além disso, **Ana** também traça um paralelo entre as pautas do movimento feminista com as opiniões dos seus integrantes. Entretanto, deixa claro que independentemente de fazer parte de um grupo, todos têm uma opinião pessoal acerca de um assunto. **Julia** desenvolve um *footing* desalinhado ao de **Ana**, ao defender que “*opiniões pessoais devem ser mantidas fora*”, uma vez que elas podem “*soar como militância desnecessária*”. Há controvérsias no discurso de **Julia**, pois ela diz para **Ana** que “*infiltrar o que ela pensa no movimento feminista soa como militância desnecessária*”, no entanto, ela se coloca, “*infiltrando*”, como ela mesma diz, suas opiniões pessoais em diversos momentos da discussão. Os controles expressivos da performance de **Julia** não se mostram bem desenvolvidos, uma vez que ela assume uma postura incongruente.

Excerto 25 - “Opiniões pessoais devem ser mantidas fora”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Ana</b>	(em resposta ao comentário de Julia no excerto 24)	O movimento tem pautas então tem opiniões parecidas, mas qualquer pessoa tem opiniões pessoais fora disso e não faz sentido oq vc fala, super infantil? A única coisa que eu fiz foi tentar conversar de boa com você, não, só interpreto.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>
<b>Julia</b>	(em resposta ao comentário de Ana acima)	opiniões pessoais devem ser mantidas fora, não faz sentido infiltrar o que você pensa num movimento global, soa como uma militância desnecessária. O que você não entendeu???	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses (editado)</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>
<b>Ana</b>	(em resposta ao comentário de Julia acima)	E quando que fazem?? Pq para você uma feminista não pode expressar opinião dela que já está falando pelo movimento, cada um tem sua liberdade de expressão, pare de implicar com isso.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>

**Ana** (excerto 26) chama atenção para um ponto importante de ser destacado, principalmente, quando estamos nos referindo a temáticas que dizem respeito a

questões sociais: a liberdade de expressão. Ela enfatiza que “*cada um tem a sua liberdade de expressão*”, o que está de acordo com o que salienta Serra (2006). O autor esclarece que as redes sociais podem ser entendidas como um cenário de liberdade, no qual os participantes agem demonstrando características pessoais que face a face não mostrariam, o que acontece com **Julia**.

Excerto 26 - “Cada um tem a sua liberdade de expressão”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Ana</b>	(em resposta ao comentário de Julia no excerto 25)	“E quando que fazem?? Pq para você uma feminista não pode expressar opinião dela que já está falando pelo movimento, cada um tem sua liberdade de expressão, pare de implicar com isso.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>

A discussão entre as duas é finalizada (excerto 27) por uma sequência de contra-ataques de **Julia**, que se mostra resistente a debater sobre o assunto, como podemos perceber nas falas “*não adianta tentar me fazer mudar de opinião*”, “*não me interessa se você acha que estou certa ou errada*”, “*pense o que você quiser*”. **Julia** transfere para **Ana** a responsabilidade de ter iniciado a discussão, visto que foi ela quem respondeu ao seu comentário. No entanto, **Ana** faz questão de esclarecer que entrou na conversa para corrigir determinados apontamentos feitos por **Julia** acerca de “*coisas que ela não sabe*”. **Ana** cria uma formulação com preservação (HERITAGE e WATSON, 1979), trazendo elementos falados, na opinião dela, equivocadamente, por **Julia**. Como exemplos, **Ana** retoma os signos semiotizados por **Julia** e colocados na mesma escala das feministas: “*raça*”, “*doentes*”, “*hipócritas*”, “*nojentas*”.


Excerto 27 - “Em momento nenhum eu te xinguei”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Julia</b>	(em resposta ao comentário de Ana no excerto 26)	“em momento nenhum eu te xinguei garota, se você se ofende por ser chamada de feminista o problema é seu. Você que quis responder meu comentário, não adianta tentar me fazer mudar de opinião.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>
<b>Ana</b>	(em resposta ao comentário de Julia no excerto 27)	“Quando que eu tô tentando? Só corriji você de ficar falando coisas que não sabe, claro né.. pq vc nem escreveu: “raça”, doentes,	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>

	de Julia acima)	hipócritas nojentas e dps nós que somos tóxicas KKKKKKK. Não me ofendo não, pelo contrário.”	
<b>Julia</b>	(em resposta ao comentário de Ana acima)	“não me interessa se você acha que estou certa ou errada, até pq isso não vai mudar nada. É isso que acho de vocês mesmo, liberdade de expressão né?”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>

**Julia** confirma a sua postura sobre as feministas ao colocar **Ana** na escala “*feminista militante de internet*” (excerto 28), a qual inclui as características mencionadas anteriormente por **Ana**. O fluxo conversacional é interrompido quando **Ana** acredita que a discussão já está tomando muito seu tempo e, apesar de **Julia** voltar a atacar **Ana**, esta responde apenas com um emoji, demonstrando que a conversa estava sendo finalizada.

Excerto 28 - “Não confuda discurso de ódio com falta de educação”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Ana</b>	(em resposta ao comentário de Julia no excerto 27)	“Como eu já disse, não confunda com discurso de ódio e falta de educação. Pelo visto o único motivo para vc achar isso é por birrinha mesmo KKKKKKK talvez com o tempo você adquira maturidade ou não né? mas eu não sou babá e já está se tornando uma perca de tempo, então tchau.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 1 curtida</li> </ul>
<b>Julia</b>	(em resposta ao comentário de Ana acima)	“pense o que você quiser, não tem o porque de eu ligar pra opinião de uma feminista militante da internet.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>
<b>Ana</b>	(em resposta ao comentário de Ana acima)		<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>

Todo o debate travado entre **Ana** e **Julia** se enquadra no que Cavalcante (2017) explica ser uma polêmica, uma vez que elas construíram, em uma interação pública, Discursos (com D maiúsculo, (GEE, 2002) que versam sobre questões sociais de gênero. Apesar de demonstrarem a todo momento não estarem com os *footings* alinhados, discussões como essa se mostram importantes, inclusive, para o movimento feminista, visto que falar sobre a temática tem uma função social



(AMOSSY, 2017). No caso da conversa construída entre **Ana e Julia**, notamos uma série de questionamentos relacionados com padrões estabelecidos socialmente acerca da temática do feminismo e de seus desdobramentos, como, por exemplo, a inclusão ou não de pessoas transgêneras no movimento feminista; o questionamento acerca do que é o movimento feminista; e a imagem estereotipada de que pessoas feministas são tóxicas.

Retomando ao comentário inicial de **Marina** (*“Eu tô horrorizada com os comentários Tá puro Chernobyl”* - excerto 1), destacamos, ainda, três comentários que foram respondidos a ele para análise. O primeiro deles é o que foi feito por **Tadeu** (excerto 29), no qual ele escalona o feminismo e o machismo no mesmo nível. Ao **Tadeu** dizer que *“machismo também não é bom”*, inferimos que ele tenha um *footing* que se desalinha tanto às ideologias do machismo, quanto a do feminismo. Entretanto, apesar de apresentar, aparentemente, uma neutralidade em sua performance, ele formula uma perspectiva que coloca a escala *“meninhas de 13 anos q já é lgbt”* na mesma escala de *“tóxicas”*. Essa fala de **Tadeu** indexa aspectos relacionados à questões de gênero, como relacionamentos homossexuais e uma interpretação de que a adjetivação *“lgbt”* é um *“estar”* e não um *“ser”*; assim, notamos que postura de **Tadeu** tem um teor crítico negativo direcionado ao grupo LGBT.

Excerto 29 - “Feminismo é tão ruim como o machismo”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Tadeu</b>	(em resposta ao comentário de Marina no excerto 1)	“ok, o feminismo é tão ruim como o machismo. PONTO. vai responder "ain mas feminismo é sobre igualdade de genero" disse o movimento q só ajuda as mulheres. o machismo tbm n é bom, mas as meninas de 13 anos q ja é lgbt e fica sendo toxica na internet sempre vai defender o feminismo nn importa o quão errada ela estiver.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 4 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>

Os outros dois comentários selecionados para análise (excertos 30 e 31), feitos por **Amanda e João**, referem-se a um novo signo colocado em pauta na discussão, o qual eles chamam de *“femismo”*. O termo é utilizado para escalonar os signos machismo e femismo no mesmo nível. No comentário de **Amanda** (excerto 30), fica claro que ela compreende *“femismo”* e *“feminismo”* como signos que são semiotizados de forma diferente.

## Excerto 30 - “Povo confundindo feminismo com o femismo é maravilhoso”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Amanda</b>	(em resposta ao comentário de Marina no excerto 1)	“Povo confundindo feminismo com o femismo é maravilhoso... Vai estudar o cria do senhor.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 4 curtidas</li> </ul>

Em seguida, **João** formula seu comentário em resposta à **Amanda** (excerto 31), semiotizando a escala "femismo" como algo que faz parte da escala "feminismo". O feminismo fomenta discussões diversas justamente pelo fato de envolver diferentes aspectos que fazem parte do movimento. O surgimento do signo “femismo” é um exemplo de desdobramento do feminismo.

## Excerto 31 - “O “femismo” virou a maior parte do feminismo”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>João</b>	(em resposta ao comentário de Amanda no excerto 30)	“mas o que acontece é que o "femismo" virou a maior parte do feminismo”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 4 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>

Como podemos ver, **Amanda** (excerto 30) semiotiza esse signo em escalas distintas, enquanto **João** (excerto 31) compreende um como parte do outro. Além de **Amanda** e **João**, outros participantes expressam também seus alinhamentos diante desses signos. Por isso, faremos uma breve seção a seguir para discutir um pouco sobre eles e para ver como os participantes se colocam diante deles na interação.

## 5.2 Feminismo ou Femismo?

Em discussões que versam sobre o feminismo é comum que as feministas, que integram o grupo em favor desse movimento, muitas vezes sejam colocadas em níveis escalares que as adjetivam negativamente, conforme vimos nas análises da seção 1 nas características dadas por **Julia**. No entanto, essas semiotizações que são criadas para qualificar as feministas, além de criarem uma significação reducionista,

tratando o movimento como se tivesse apenas uma vertente, podem acabar sendo um impasse para o seu processo. Conforme elucidam Arruzza, Fraser e Bhattacharya (2019) as vertentes “feminismo liberal” e “feminismo radical”, por exemplo, muitas vezes são as que tomam espaço nas definições do signo “feminismo”, o que acaba sendo um inconveniente para a luta das mulheres, uma vez que essas vertentes buscam a supremacia da mulher e não a igualdade.

Recentemente, é comum vermos, sobretudo em discussões que versam sobre a temática do debate de gêneros, o termo “femismo”, o qual tem um *footing* alinhado ao das vertentes feministas citadas anteriormente (liberal/radical). Aparentemente, o termo foi criado para dar conta de escalas dicotômicas que nivelam femismo e machismo, feminismo e masculinismo.

Separamos alguns exemplos para análise para percebermos como são colocados em pauta esses quatro conceitos. No excerto 32, vemos que **Thais** semiotiza cada um dos signos dando um significado a eles. Dentre eles, ela coloca femismo no mesmo nível escalar de machismo ao caracterizar femismo como “*peessoas que acham q o sexo feminino é superior*” e machismo como “*peessoas q acham q o sexo masculino é superior*”. E, ainda, significa feminismo como “*peessoas q querem igualdade*”. A questão que faz com que o fluxo conversacional aconteça baseia-se na discussão acerca da existência ou não do “femismo”.

Excerto 32 - “Por favor não confunda as coisas”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Thais</b>	Comentário inicial feito em resposta ao do vídeo	FEMISMO: pessoas q acham que o sexo feminino é superior MACHISMO: pessoas q acham que o sexo masculino é superior FEMINISMO: pessoas q querem igualdade (por favor não confunda as coisas)	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 8 meses (editado)</li> <li>● 4 curtidas</li> <li>● 6 respostas</li> </ul>

Desse modo, **Sigla** cria um *footing* alinhado ao de **Thais** (excerto 33), que pede para que as pessoas “*não confundam as coisas*”, dizendo que “*não é feminismo mesmo*” o que indexa comportamentos e ideologias que comumente são vistos nas mulheres que fazem parte do movimento do feminismo liberal e/ou radical (ARRUZZA, FRASER e BHATTACHARYA, 2019; SILVA, CORREDATO e VERSA, 2015). Em seguida, **Sia** aponta que “*femismo não existe*”, respondendo à

**Thais.** Esta, desalinha-se a **Sia** e rebate a informação dada falando para que ela “*pesquise no Google então*”.

Excerto 33 - “Femismo não existe, amiga”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Sigla</b>	(em resposta ao comentário de Thais no excerto 32)	“Não é feminismo msm”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 8 meses</li> <li>● 2 curtidas</li> </ul>
<b>Sia</b>	(em resposta ao comentário de Thais no excerto 32)	“Femismo não existe, amiga.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 8 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>
<b>Thais</b>	(em resposta ao comentário de Sia acima)	“pesquisa no Google então”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 8 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>

Posteriormente, **Thais** responde à **Sigla** (excerto 34) criando um *account* para esclarecer sobre o que ela entende por feminismo, justificando o porquê de sua postura de diferenciar os termos femismo, machismo e feminismo; Assim, **Thais** explica que “*o feminismo é como se fosse uma mistura dos dois*”. Ela elucida ainda que “*femismo + machismo = feminismo igualdade*”. Esse comentário de **Thais** coloca o feminismo em uma escala acima do femismo e do machismo, visto que ela diz que ele resulta da soma de ambos. O discurso (com d minúsculo, GEE, 2001) de **Thais** mostra-se um pouco contraditório ao pensarmos que ela explicitou anteriormente que tanto o femismo quanto o machismo buscam superioridade, não tendo como chegar a uma igualdade. A performance de **Thais** não inspira tanta confiança, uma vez que a fonte que ela manda **Sia** acessar é bem generalizada (*google*) e que ela contradiz seu próprio ponto defendido anteriormente.

Excerto 34 - “Femismo + machismo = feminismo igualdade”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Thais</b>	(novamente em resposta ao comentário de Sia no excerto 33)	“não tipo feminismo é como se fosse mistura dos dos lados femismo + machismo = feminismo igualdade (e q tem várias pessoas q tem esse confeito sobre a palavra feminismo pq a internet meio q distorceu a palavra)”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 8 meses (editado)</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>
<b>Sia</b>	(em resposta ao comentário de Thais)	“Amiga, eu sou feminista e femismo não existe. O que existe é misandria”.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 8 meses (editado)</li> <li>● 1 curtida</li> </ul>

	acima)		
<b>Thais</b>	(em resposta ao comentário de Sia acima)	"ata, mas esse termo ainda existe pq eu andei pesquisando e achei vários sites usando essa mesma palavra sla".	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 7 meses</li> <li>● 1 curtida</li> </ul>

Diferentemente de **Thais**, **Sia** (ainda no excerto 34) se coloca, criando seu *footing*, diante do feminismo enquadrando-se em uma face “*feminista*”. Tal forma de se colocar na situação, dizendo “*eu sou feminista*” inspira confiança, pois inferimos que essa informação indexa estudos e luta da causa feminista. Portanto, **Sia** termina sua fala afirmando que “*femismo não existe*”, colocando o que **Thais** afirma ser femismo em uma escala de mesmo nível de misandria, salientando que seria algo relacionado à repulsa pelo sexo masculino. A conversa é finalizada com **Thais** elaborando uma formulação que demonstra ter entendido o que foi explicado por **Sia**, mas, criando ainda, um *account* para ressaltar o porquê de ter levantado esse *footing* acerca do termo femismo; **Thais** explica que o termo “*ainda existe*” e que “*andou pesquisando e encontrou vários sites usando essa palavra*”.

É interessante notar, na interação entre **Thais** e **Sia**, a forma como cada uma delas se coloca na situação. Enquanto **Thais** tem uma postura mais incisiva, **Sia** apresenta uma postura mais didática, mais interessada em informar. Podemos observar essa diferença nas falas “*pesquisa no google então*” (excerto 33) de **Thais**, enquanto **Sia** utiliza o recurso linguístico “amiga” nas duas vezes em que direciona seu discurso para **Thais**, como vemos nas falas “*Femismo não existe, amiga.*” e “*Amiga, eu sou feminista e femismo não existe. O que existe é misandria*” que parece ser uma estratégia de aproximação com **Thais** e de demonstrar não estar contra ela.

Em outro comentário inicial do vídeo (excerto 35), **Karen** alinha-se ao *footing* de **Thais** (excerto 32), defendendo a existência do conceito “femismo”. Todavia, **Karen** acrescenta, ainda, um significado para o masculinismo. As descrições dadas por **Karen** são mais amenas no que diz respeito ao femismo e ao machismo, sendo caracterizados por ela como “*exaltação*” da mulher e do homem, respectivamente. Enquanto feminismo e masculinismo seriam ambos referentes à igualdade entre homens e mulheres. **Karen** escalona, portanto, os dois primeiros e os dois últimos em níveis iguais entre si. Segundo ela, “*é a mesma coisa com nomes diferentes*”. O comentário de **Karen** incitou diferentes alinhamentos criando um

fluxo conversacional, do mesmo modo que com o de **Thais** (excerto 32). Um ponto em comum no comentário de ambas é a forma didática que elas lançaram mão para explicar a diferença entre os termos, definindo cada um dos termos em discussão.

Excerto 35 - “É a msm coisa com nomes diferentes”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Karen</b>	Comentário inicial feito em resposta ao do vídeo	<p>“Traduzir p vcs  Feminismo: igualdade entre homens e mulheres  Femismo: exaltação da mulher  Machismo: exaltação do homem  Masculinismo (n sei se tá certa a escrita): igualdade entre homens e mulheres</p> <p>Ou seja  É a msm coisa com nomes diferentes (na teoria, pq na prática as pessoas confundem tudo e aí pega a má impressão de que as feministas lutam só pelas mulheres e que os masculinistas lutam só pelos homens, Quando não deveria ser assim...”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 8 meses</li> <li>• 1 curtida</li> <li>• 15 respostas</li> </ul>

Desse modo, em contraponto à **Karen**, **Busca** entra em cena (excerto 36), com um *footing* desalinhado ao de **Karen**, dizendo que vai “*traduzir para ela*” os significados dos termos pontuados por ela anteriormente. No entanto, ao invés de dar um significado à “femismo”, **Busca** apenas diz que “*não é uma ideologia fundamentada*”, enquanto feminismo é caracterizado, na teoria, como “*equidade entre os direitos dos homens e das mulheres*”. A formulação de **Busca** é pautada no fato de que embora o femismo seja um signo semiotizado de forma escalonar no mesmo nível que o feminismo liberal/radical, este termo não possui estudos que o fundamentem como uma teoria. Diferentemente, outras vertentes do feminismo têm se dedicado a estudar e contribuir com teorias há vários anos, sob vários pontos de vistas e por vários autores que são referências no assunto.

Excerto 36 - “Agora eu vou traduzir pra você”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Busca</b>	(em resposta ao comentário de Karen no excerto 35)	<p>“Agora eu vou traduzir para você.  Femismo: Não é uma ideologia fundamentada.</p> <p>Feminismo: Na teoria é a equidade entre os direitos dos homens e mulheres; mas na realidade ...</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 3 curtidas</li> </ul>

		<p>Machismo: Pegaram esse nome e trocaram para substituir a palavra 'sexista', mas quando são apenas homens que praticam.</p> <p>Masculinismo: Sinceramente, não preciso dizer nada."</p>	
--	--	---	--

Já para o signo machista, **Busca** (excerto 36) esclarece que é um termo que foi criado para substituir “*sexista*”, quando a ação é advinda de um homem. Esse argumento de **Busca** constrói um *footing* que se assemelha ao desenvolvido por hooks (2018), sendo um dos aspectos aos quais o feminismo luta contra, uma vez que a autora define o feminismo como um “movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão” (p. 17).

Por fim, **Busca** (excerto 36) termina seu comentário dizendo que em relação ao masculinismo “*não precisa dizer nada*”. Esse *footing* de **Busca** indexa para questões referentes ao patriarcado que no decorrer da história colocou o homem em posições de privilégios e de mais direitos do que as mulheres (REGUANT, 2001; HOOKS, 2018). Isso faz com que a existência de um movimento que lute pelos direitos dos homens seja um pouco contraditório, visto que elementos advindos da própria história trazem acepções relacionadas à supremacia masculina. Considerando a importância de discutir essa temática, trataremos dela mais a fundo no capítulo 2, no qual discutiremos sobre debate de gênero e sua associação com o patriarcado e com o feminismo.

**Karen** responde à **Busca** (excerto 37) dizendo que o feminismo “*mesmo que não sendo uma ideologia fundamentada o que ela disse não deixa de estar certo*”. Em seguida, cria *accounts* para justificar o porquê o ponto de vista dela está certo. Então, inicia dizendo que “*ideologias políticas não costumam funcionar*” e que “*nada dá certo*” e que por isso ela não elabora nenhum *footing* relacionado às vertentes de movimentos de gênero, definindo-se como não sendo de nenhuma dessas ideologias. **Karen** diz, ainda, que esses movimentos deveriam acabar, explicando que colocar o nome de algum gênero em um movimento faz com que ele não funcione. Até o momento, **Karen** não dá nenhuma pista de contextualização (GUMPERZ, 1992) que transpareça que, apesar de estar esclarecendo que todos os lados se equivocam nos movimentos sexistas, ela esteja alinhada a algum.

Excerto 37 - “ideologias políticas não costumam funcionar”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Karen</b>	(em resposta ao comentário de Busca no excerto 36)	"mesmo não sendo uma ideologia fundamentada o que eu disse não deixa de estar certo O nome femista foi criado depois de muitas "feministas" fazerem tudo errado e tratarem homens igual merda, sendo que vai totalmente contra a ideologia do feminismo Mas a questão é... Ideologias políticas não costumam funcionar, na teoria tudo da certo... Mas envolve muita gente e sempre tem quem faça merda, então nada da certo. Por isso eu digo que eu n sou nada, n sou de nenhuma ideologia... Eu só quero o respeito entre os seres vivos independente de tudo, fim Esses movimentos deveriam acabar... Enquanto eles botatem o nome de um gênero num movimento n vai rolar O ser humano é egoísta por essência, graças ao raciocínio podemos escolher olhar o lado da outra pessoa, mas mesmo assim o nosso ponto de vista sempre vai ser o mais forte pra gente, pq é NOSSO... Então tipo, é tudo baboseira e perca de tempo"	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

**Busca** responde (excerto 38) dizendo que os apontamentos feitos por **Karen** (excerto 37) estão errados e que o femismo foi criado pelas próprias feministas para “*jogar fora a sujeira do movimento*”. As formulações feitas por **Busca** indexam para questões problemáticas do movimento feminista, como a desconsideração de que o movimento deve ser interseccional (ARRUZZA, FRASER e BHATTACHARYA, 2019) e não deve singularizar adversidades femininas focando em um único tipo de discriminação como problema. Quando **Busca** diz que o feminismo foi criado para “*jogar fora a sujeira do movimento*” (excerto 38), podemos inferir que ele se refere à seletividade de algumas feministas, como as radicais e as liberais, na luta dessas mulheres.

Excerto 38 - “Femismo foi criado pelas próximas feministas”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Busca</b>	(em resposta ao comentário de Karen no excerto 37)	"Errado. Femismo foi criado pelas próximas feministas, dentro de bancadas e debates. E foi inventado para jogar fora a sujeira do movimento, como um espantalho"	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 1 curtida</li> </ul>



**Karen** (excerto 39) mostra-se preocupada com a manutenção de sua face e com um bom gerenciamento de sua impressão, visto que, após **Busca** apontar que o que ela disse estava errado, **Karen** faz questão de questionar “*pq tá errado?*” e afirmar “*todo o resto tá certo*” . **Karen** ainda argumenta contra **Busca** (ainda no excerto 39) sobre ele ter focado só em uma parte da fala dela e reflete sobre “*todo mundo fazer isso na vida*”, incluindo-a. Nesse momento, **Karen** performa de modo genuíno (GOFFMAN, 2002), uma vez que ela não se preocupa apenas em apontar e/ou fazer críticas em relação ao outro, mas também procura refletir sobre o que está sendo dito e inclusive sobre a forma como ela está inserida na situação.

Excerto 39 - “e pq tá errado?”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Karen</b>	(em resposta ao comentário de Busca no excerto 38)	“e pq tá errado? Eu disse que foi criado depois das feministas fazerem merda N disse por quem foi criado, apenas... Mas todo o resto tá certo”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>
<b>Karen</b>	(novamente em resposta ao comentário de Busca no excerto 38)	“vc simplesmente cagou p todo o resto e só ficou no que importa pra vc no texto... Basicamente o que todo mundo faz na vida Por isso q nada vai p frente. As pessoas só vêem o que querem ver, e eu me incluo nisso”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

O participante **Busca** (excerto 40) confirma o apontamento feito por **Karen**, respondendo que “*ignorou porque talvez não importe*”, explicitando que ele realizou uma formulação por exclusão (HERITAGE e WATSON, 1979) diante da fala de **Karen**. **Busca** reforça, ainda, em sua fala, que “*femismo não existe*” e que “*o modo de agir de uma feminista não faz dela uma femista*”.

Excerto 40 - “Ignorei pq talvez não importe?”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Busca</b>	(em resposta aos comentários de Karen no excerto 39)	“Ignorei porquê talvez não importe? O que importa que o nome foi criado como um espantalho, femismo não existe, uma feministas fazer isso ou aquilo não torna ela femista. É uma desculpa e não é difícil de entender.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 1 curtida</li> </ul>

Os comentários seguintes de **Karen** e de **Busca** (excerto 41) mostram que possivelmente ambos não conseguiram formular o que estava sendo dito, visto que estão argumentando sobre tópicos diferentes, como podemos ver na fala de **Karen** “*vc age como se estivéssemos discordando, oq n faz nenhum sentido*” e também na fala de **Busca** “*não importa o porquê não é exatamente o que a gente estava falando*”, que ainda complementa reforçando, novamente, “*Apenas estou dizendo que femismo não existe*”, dando fim a conversa.

Excerto 41 - “Talvez ano que vem eu volte aqui”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Karen</b>	(em resposta ao comentário de Busca no excerto 40)	“e quem é vc pra decidir se uma opinião importa ou não? Todo o resto n é sobre o feminismo apenas Eu falei q feminismo não funciona justamente por esse motivo e vc age como se estivéssemos discordando, oq n faz nenhum sentido...”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>
<b>Busca</b>	(em resposta ao comentário de Karen acima)	“Não importa porquê não é exatamente sobre o que a gente estava falando!? Apenas estou dizendo que femismo não existe, essa era a questão, que particularmente, perdi o centro total.  Mas é isso aí, eu fico por aqui, estou cansado hoje, talvez ano que vem eu volte aqui.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 1 curtida</li> </ul>

Em um comentário posterior a postagem inicial de **Karen** (excerto 35), no qual ela diferencia os termos discutidos, **Bárbara** (excerto 42) alinha-se ao *footing* de **Sia** (excerto 33) sobre o femismo não existir, porém diferente desses outros dois, ela não parece estar muito preocupada com o gerenciamento de sua impressão e da face desenvolvida, uma vez que entra em cena logo atacando **Karen**, chamando de “*sua alienada*”. E, do mesmo modo que **Busca** (excerto 38), **Bárbara** também reforça que o femismo foi criado por feministas para “*separar a parte podre da maçã*”, provavelmente referindo-se às feministas que defendem a vertente liberal/radical, corrente que influencia negativamente na luta das mulheres por uma sociedade justa para todos (ARRUZZA, FRASER e BHATTACHARYA, 2019) por ser seletiva e procurar beneficiar um grupo específico de mulheres.

Excerto 42 - “Femismo não existe sua alienada”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Bárbara</b>	(em resposta ao comentário inicial de Karen no excerto 35)	"Femismo não existe sua alienada, é só pesquisar, as feministas hipócritas criaram esse termo pra separar a parte podre da maçã, o femismo não existe e nunca existiu"	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses (editado)</li> <li>• 1 curtida</li> </ul>
<b>Karen</b>	(em resposta ao comentário de Bárbara acima)	<p>"existe em teoria, na prática não</p> <p>Todos os significados q eu coloquei ali são teóricos, na prática nada funciona Não sou alienada skksksksks Vc apenas não soube interpretar o que eu quis dizer Ou talvez eu não soube expressar, mas enfim... Nenhum tipo de movimento ou política funciona, na prática. Na teoria é tudo lindo, mas na prática é tudo lixo"</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

**Karen** (excerto 42) responde à **Bárbara** dizendo que todos os conceitos que ela citou anteriormente existem, mas apenas em teoria. É interessante pensarmos no que salienta Tiburi (2018) acerca do feminismo ser uma ideologia processual, o que significa que ele precisa passar por um processo de reflexão antes de ser colocado em prática. **Bárbara** divide o movimento feminista em dois níveis escalares, teórico e prático, indexando cada um dos níveis a diferentes questões que acabam dando resultados não tão satisfatórios para o progresso do movimento. A própria discussão das semiotizações dos signos feminista, femista, e até do próprio machismo e masculinismo, são exemplos de inconvenientes que influenciam negativamente na luta feminista, pois acaba estereotipando a "mulher feminista" (DIAS, 2004). Todavia, por outro lado, discutir sobre esses diferentes níveis faz parte do processo construcionista do feminismo (TIBURI, 2018), embora, no decorrer desse processo surjam problemáticas. A postura de **Karen** diante do público demonstra cuidado em sua atuação, pois ela elabora um discurso (com *d* minúsculo, (GEE, 2011) relativizando-o, como podemos ver em sua fala "*vc apenas não soube interpretar o que eu quis dizer, ou talvez eu não soube expressar*".

Encontramos também outros três comentários (excertos 43, 44 e 45) feitos à postagem inicial do vídeo no *YouTube*, que versam sobre as escalas feminismo, masculinismo, femismo e machismo. **Flavia** (excerto 43) escalona o feminismo como uma "*luta pela igualdade e liberdade para as mulheres*" e esclarece que o movimento não é contra os homens, mas contra os machistas, colocando esses dois

signos em escalas diferentes. O *footing* criado por **Flavia** alinha-se ao masculinismo. Segundo ela, as feministas, em que ela se inclui ao dizer “*também apoiamos*”, aderem também ao masculinismo, uma vez que a luta seria a mesma do feminismo: por igualdade. Desse modo, ela conclui falando que feminismo e masculinismo lutam contra o machismo e contra o femismo, criando duas escalas e enquadrando as duplas dos termos em escalas niveladas, da mesma forma que **Karen** (excerto 35).

Excerto 43 - “Homens e mulheres tendo direitos iguais”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Flavia</b>	Comentário inicial feito em resposta ao do vídeo	“Lembrando que o feminismo luta pela igualdade e liberdade para as mulheres, e não contra os homens, e sim contra os machistas, assim como as mulheres respeitam os homens que são a favor da liberdade e igualdade pras mulheres Também apoiamos o masculinismo, que luta tbm pela igualdade, lembrando que IGUALDADE, vem de igual, homens e mulheres tendo direitos iguais, feminismo e masculinismo lutam contra o machismo e femismo que são pensamentos “pré históricos””	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 4 meses</li> <li>• 4 curtidas</li> <li>• 6 respostas</li> </ul>

Enquanto **Flavia** valoriza tanto o movimento feminista quanto o masculinista, **Marcos** (excerto 44) cria um *footing* que se desalinha ao dela, fazendo um comentário se questionando se ele é o único que acha tanto um movimento quanto o outro “*ridículo*”. Apesar de não se colocar explicitamente, trazendo *accounts* para explicitar esse seu ponto de vista, **Marcos** utiliza o signo masculinista para contrapor o feminismo, o que demonstra que ele não está enquadrando o machismo nessa classificação “*ridícula*”.

Excerto 44 - “Sera que sou o unico? ”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Marcos</b>	Comentário inicial feito em resposta ao do vídeo	“omg, sera que sou o unico que acha feminismo e masculinismo ridiculo?”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 4 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

Já no comentário de **Marta** (excerto 45), ela também traz o feminismo entendido da mesma forma que **Karen** (excerto 35) e que **Flavia** (excerto 43), como sendo igualdade de gênero. Além disso, assim como **Karen**, **Marta** também pontua

que na prática “*não é isso que acontece*”. Mas, diferentemente de **Karen**, **Marta** formula sobre o femismo elaborando um discurso (com “d” minúsculo), no qual ela compreende a língua utilizada localmente, relacionando com as identidades desenvolvidas na interação (GEE, 2001), ou seja, ela deixa claro que o que está sendo dito é uma percepção sua acerca daquela interação local que está sendo desenvolvida, sendo, nesse caso, a discussão acerca do uso dos termos em um debate de gêneros.

Excerto 45 - “Feminismo deveria igualdade de gênero”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Marta</b>	Comentário inicial feito em resposta ao do vídeo	“Feminismo deveria igualdade de gênero mas na prática não é isso que acontece: muitas mulheres não demonstram isso e se querem colocar superior aos homens Eu chamo a isso de femismo (contraparte do machismo) 🤔 Na teoria não existe, mas na prática sim 🤔”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 2 curtidas</li> <li>• 1 resposta</li> </ul>
<b>Solange</b>	(em resposta ao comentário de Marta acima)	“Femismo não existe.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

**Marta** (excerto 45) explica que “*muitas mulheres não demonstram isso*”, referindo-se à igualdade, e que “*se querem colocar superior aos homens*”. **Marta** dá essa explicação para, em seguida, esclarecer que ela, em um nível micro de análise que traz aspectos locais da discussão, “*chama isso de femismo*”, que seria “*contraparte do machismo*”, ou seja, entendendo que “femismo” e “machismo” estão na mesma escala.

Por fim, **Marta** (excerto 45) traz uma análise que foca também na teoria e na prática, só que, diferente de **Karen** (excerto 42), ela se refere ao femismo. Então, **Marta** elucida que embora esse conceito (femismo) não exista na teoria, ou seja, que não esteja nos estudos teóricos do feminismo, ele existe na prática, sendo representado, nesse momento, pela escala “*contraparte do machismo*”, como dito por **Marta** (excerto 45). Portanto, enquanto **Marta** tenta explicar que o femismo não existe (na teoria), **Karen** (excerto 42) ressalta que o feminismo não funciona (na prática).

Em resposta à **Marta, Solange** (excerto 45) pontua, alinhando-se aos *footings* de **Sia** (excertos 33 e 34) e de **Bárbara** (excerto 42), que “*Femismo não existe*”.

Em outro comentário, **Bravo** (excerto 46) expressa *footings* que se alinham tanto ao Discurso (com D maiúsculo, (GEE, 2001)) das feministas quanto ao dos masculinistas. Ele também semiotiza ambos os conceitos em um mesmo nível escalar que indexa para igualdade de gênero, tal como vimos nos discursos (com D minúsculo, (GEE, 2001)) de **Marta** (excerto 45), **Flavia** (excerto 43) e **Karen** (excerto 35). **Bravo** destaca ser interessante ouvir “*os dois lados da moeda*” e que “*todos os caminhos levam (ou deveriam levar) à Roma*”, entextualizando uma expressão popular e expressando a importância de que as ideologias dos movimentos de gênero sejam refletidos para que cheguem à Roma, que nesse contexto foi colocado como uma analogia de igualdade.

Excerto 46 - “Todos caminhos levam (ou deveriam levar) à Roma!”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Bravo</b>	Comentário inicial feito em resposta ao vídeo	<p>“Eu entendi claramente que os dois não queriam ser o que são, a feminista luta pelo direito das mulheres para que um dia não exista necessidade de haver feminismo, onde o mundo já esteja consciente da igualdade de gênero. A mesma coisa queria o ativista masculino, queria que não houvesse a necessidade do masculinismo e do feminismo, um mundo que seja só consciente.</p> <p>MUUUITO INTERESSANTE ENXERGAR OS MOTIVOS DE CADA UM DOS LADOS DA MOEDA E QUE... TODOS CAMINHOS LEVAM (OU DEVERIAM LEVAR) À ROMA! ÓTIMA "DISCUSSÃO"</p> <p>Outra coisa na minha análise: se você for olhar direitinho as mulheres sofreram muito com seu fardo: a OPRESSÃO (ficar quieta, não votar, casar forçada, ser obediente a um homem [pai ou marido], se vestir decente para não ser chamada de p*ta).</p> <p>E os homens sofreram com um fardo: a EXPECTATIVA, expectativa de ser o machão (não falar de seus sentimentos, trabalhar ou "ser vagabundo", alistamento obrigatório, ou seja, nos homens eram impostos serem o que são).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 3 meses (editado)</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

		Mas todos atingidos por uma causa: a tradição estereotípica. Não falando de tradição política ou de religião, estou falando de homens terem que ser os comandantes de casa, a sociedade não permitir os sentimentos dos homens, mulheres terem que ser santinhas para serem bem vistas, vestir rosa, vestir azul, dar panelinha pra menina, dar carrinho para o menino”	
--	--	---	--

**Bravo** (excerto 46) também ressalta aspectos responsáveis pelo sofrimento e pela opressão dos gêneros masculino e feminino. De acordo com ele, a mulher sofre com o fardo da opressão, o que justifica o movimento feminista defender o fim do lugar da mulher como oprimida (HOOKS, 2018); já o fardo do homem, seria a expectativa de ter características de homem ou, como **Bravo** diz, “*expectativa de ser machão*”. Há uma diferença no modo como cada fardo é desenvolvido, uma vez que a opressão sofrida pela mulher advém do poderio masculino e da construção socio-histórica-cultural do patriarcado (GARCIA, 2015).

**Bravo** (ainda no excerto 46) conclui escalonando as dificuldades das mulheres e as dos homens em níveis semelhantes, justificando que todos são “*atingidos por uma causa: a tradição estereotípica*” e apresentando diferentes papéis que são adequados a cada um desses dois gêneros, conforme salienta Scott (1995) sobre a assunção de papéis sociais. Não só **Bravo**, mas como toda a discussão que vimos nesta seção até o momento sobre o feminismo e seus desdobramentos desconsideram a perspectiva adotada mais recentemente da multiplicidade de gêneros (BENTO, 2014), dando ênfase apenas a debates que envolvem escalas dicotômicas como homem x mulher, femismo x machismo, feminismo x masculinismo.

Por fim, a última sequência conversacional a partir de comentários que será analisada nesta seção teve início com a performance de **Sandro** (excerto 47) e de seu alinhamento diante da temática do feminismo. Logo de início, **Sandro** já deixa claro que seu discurso (com d minúsculo, (GEE, 2001)) é para “*mandar a real para algumas feministas*” e para elas “*poderem mudar um pouco e se aprofundar sobre o assunto*”. Nesse momento, notamos que **Sandro** elabora um *footing* que não se alinha ao movimento feminista, uma vez que ele propõe que as feministas mudem. Além disso, na fala “*só vem virando modinha e motivo de lacração para quem não conseguiu se encaixar em algum grupo social*”, vemos pistas de contextualização

(GUMPERZ, 1992) que demonstram como **Sandro** entende o mundo a partir de suas ações (SACKS, 1992) e de seus *footings* diante da temática do feminismo.

Excerto 47 - “Simplesmente é isso que o feminismo se tornou”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Sandro</b>	Comentário inicial feito em resposta ao do vídeo	<p>“Como não consegui responder uma menina, por conta do limite de respostas no comentário, irei postar aqui mesmo, pra já mandar a real pra algumas feministas poderem resolver mudar um pouco, e se aprofundar mais sobre o assunto...</p> <p>eu vi todos os seus argumentos, e não tem cabimento uma falta de lógica e um nível tão alto de desinformação em apenas uma única pessoa, eu tenho várias e várias amigas feministas pq esse movimento só vem se tornando modinha e motivo de lacração pra quem não conseguiu se encaixar em algum grupo social, e daí... Entra no primeiro que aparece, o feminismo é dividido em três grupos</p> <p>1-das que não fazem ideia do que realmente esse movimento radical protege, dizendo apenas "AIN, IGUALDADE AQUI, EQUIDADE ALI" não minha amiga, não é bem assim.</p> <p>2-das que praticam o femismo que de forma engraçada É SIM A GRANDE MAIORIA NESSE MOVIMENTO.</p> <p>3-das que dizem estudar e blá-blá-blá mas que só entra em fontes fracas da Internet e sites inúteis aqui a fora, PESQUISA TÃO MAL que não encontra nenhum argumento cabível em prol da equidade na sociedade.</p> <p>Simplesmente é isso o que o feminismo se tornou, não tem como dizer AH, MAS TEM MULHERES DO BEM NESSE MOVIMENTO, MULHERES DECENTES E INTELIGENTES, eu desconheço UMA ÚNICA pessoa nesse movimento, que já agiu de forma inteligente nesse movimento, é triste, é bizarro, a forma que criam mentiras e mentiras e mesmo estando tão na cara, não concordam que realmente o movimento está horrível pra todos nós LGBTQs+; heteros; negros; homens e mulheres; não importa de que forma você diga, ou a quem</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses (editado)</li> <li>• 3 curtidas</li> <li>• 5 resposta</li> </ul>



		esse movimento é direcionado, esse movimento é horrível e cego na realidade atual, só por ela nesse vídeo ter dito "SERIA RUIM ALGUM AMIGO CONTRA O FEMINISMO, NÃO GOSTARIA DE FICAR DEBATENDO E DEBATENDO ISSO COM ALGUÉM" já se nota o quanto egocêntrico é esse movimento, as pessoas participam dele no poder do ego e da ignorância, e não conseguem aceitar os argumentos contra isso, e quando dão argumentos ÓTIMOS contra isso, elas sempre vem com os argumentos fracos do feminismo como dizer O FEMINISMO CONQUISTOU ISSO E AQUILO, sendo que tudo oq dizem ter conquistado não teve feminismo algum envolvido, triste."	
--	--	--	--

Em seguida, **Sandro** (excerto 47) cria *accounts* para explicar o porquê de suas falas e do seu alinhamento, explicando que o feminismo é dividido em três grupos. No primeiro grupo, **Sandro** inclui pessoas que “*não fazem ideia do que esse movimento radical defende*”. Nesse momento, **Sandro** reduz o feminismo associando-o apenas à vertente do feminismo radical; no segundo grupo, eles inclui aqueles que “*praticam o femismo*” e diz, ainda, que esse grupo é o que compõe a grande maioria do feminismo. Nessa fala, vemos que **Sandro** escalona feminismo e femismo em níveis diferentes, incluindo este último como parte do primeiro; e o terceiro grupo, ele diz ser daquelas que “*dizem estudar e bla-bla-bla, mas só entra em fontes fracas de internet*”. Por fim, ele conclui seu comentário, contraditoriamente, com uma postura extremista, dizendo que não conhece “*uma única pessoa nesse movimento que já agiu de forma inteligente*”.

**Sandro** qualifica as feministas em escalas de “*mulheres que não são de bem*”, “*mulheres que não são decentes*” e “*mulheres que não são inteligentes*”. Ele diz, ainda, que “*tudo o que dizem ter conquistado, não teve feminismo algum envolvido*”. No entanto, **Sandro** não expressa quais são as conquistas e como elas foram conquistadas, já que diz não ter sido com o feminismo.

**Sandro**, em sua performance, tal como **Bárbara** (excerto 42), não parece estar preocupado com a aceitação do público diante de sua postura, visto que ele usa esse espaço, formado por muitas mulheres e feministas, justamente para criticá-las. Apesar disso, como a temática do vídeo apresenta, também, discussão sobre o direito dos homens, presumimos que haja um público que se alinhe ao *footing* de

**Sandro**, como podemos ver que ocorre nas três curtidas recebidas em seu comentário. Notamos, também, que **Sandro** lança mão de realizações dramáticas em seu discurso (com d minúsculo, (GEE, 2001), utilizando a ferramenta da caixa alta em algumas partes do seu texto. O comentário de **Sandro**, apesar de ter apresentado 3 curtidas de pessoas alinhadas ao seu *footing*, incitou uma interação de pessoas com *footings* desalinhados ao dele, como vemos nos comentários de **Edson** e **Samira** (excerto 48).

Excerto 48 - “Não se ofenda, mas vá estudar.”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Edson</b>	(em resposta ao comentário de Sandro no excerto 47)	“Obviamente vc não deve realmente ter estudado nada sobre o movimento e só pelo de vc falar que as feministas usam argumentos razos vc prova isso, se eu fosse chutar falaria que vc foi criado em um ambiente em que as pessoas ao seu redor falam que luta de minorias é algo inútil, mas caso vc queira debater é só responder meu comentario”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 2 curtida</li> </ul>
<b>Samira</b>	(em resposta ao comentário de Sandro no excerto 47)	“Não se ofenda, mas vá estudar.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

Nos comentários de **Edson** e **Samira** (excerto 48), vemos que ambos não concordam com o *footing* de **Sandro**. **Edson** defende o movimento feminista, contradizendo a fala de **Sandro** sobre “*feministas só terem argumentos rasos*”. Além disso, **Edson** interpreta que as pistas de contextualização percebidas, a partir das falas de **Sandro**, indexam suas vivências para um *footing* que alinha “*lutas de minorias a algo inútil*”. Apesar de se desalinhar à **Sandro**, **Edson** se mostra aberto ao diálogo, falando para ele que caso ele quisesse debater era só curtir o comentário dele. No entanto, apesar de o comentário ter duas curtidas, a interação não teve sequência.

Já **Samira**, não argumenta com **Sandro**, mas apenas diz “*que ele vá estudar*”. É interessante observar, que no comentário de **Sandro** (excerto 47), ele diz que feministas “*dizem estudar, mas só tem fontes fracas*”, podendo, essa fala de **Samira**, apesar de ser dito “*não se ofenda*”, uma maneira de destruir a face de **Sandro**.

Dando sequência ao fluxo conversacional, vemos na resposta de **Sandro** à **Edson** (excerto 49) o motivo da conversa não ter tido seguimento, uma vez que **Sandro** argumenta que não quer discutir o feminismo, pois ele não é necessário. O *account* criado por **Sandro** para explicar esse seu alinhamento é pautado no argumento de que “*tudo o que a mulher precisava já foi conquistado*”. O discurso (com d minúsculo, (GEE, 2001)) de **Sandro**, no entanto, constrói uma performance contraditória, uma vez que em seu primeiro comentário (excerto 47) ele faz uma crítica à mulher do vídeo que defende o feminismo no momento em que ela fala que não gostaria de debater sobre o feminismo com algum amigo. Apesar de criticá-la, **Sandro** desenvolve a mesma postura em relação à **Edson**, recusando-se a debater sobre o assunto.

Excerto 49 - “Eu conheço o feminismo”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Sandro</b>	(em resposta ao comentário de Edson no excerto 48)	“Olá Edu, eu conheço o feminismo, e eu já vi discussões suficientes de saber que o feminismo não vale a pena pq tudo oq a mulher precisava já foi conquistado, não é necessário o feminismo e eu não quero discutir isso com ninguém, NÃO PQ EU QUERO FUGIR DE UM ASSUNTO OU DISCUSSÃO, mas pq eu duvido MT de discutir isso com alguém e esse alguém conseguir abrir a mente sobre os argumentos usados”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

Já em resposta a **Samira**, **Sandro** (excerto 50) a questiona se ela “*realmente estudou*”, alegando que caso tenha estudado, não fez isso bem. Apesar de **Sandro** criticar pessoas feministas e alegar que não estudaram e que suas fontes são “*rasas*”, ele mesmo, em nenhum momento, traz argumentos fundamentados, apoiando-se sempre na sua opinião pessoal para debater, o que se iguala ao que ele está criticando.

Excerto 50 - “Não se ofenda, mas vá estudar.”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Sandro</b>	(em resposta ao comentário de Samira no excerto 48)	“você estudou? Sinto lhe dizer mas pelo jeito se realmente estudou, estudou mal, como dizer que o feminismo conquistou os votos das mulheres, só um exemplo de uma das mentiras citadas nesse grupo extremista, NÃO ACEITADO PELA MAIORIA DAS MULHERES olha que legal	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 2 curtidas</li> </ul>

		<p>kkkkkk, o feminismo de hoje não é necessário, e vários fatores provam isso, dizer que eu preciso estudar não tem sentido algum sendo que eu não disse mentira alguma ali encima, basta abrir sua mente pra perceber isso, só oq falta pras mulheres, é colocar os direitos já conquistados em prática, e todos nós sabemos que não é necessário o feminismo pra buscar a igualdade, a equidade... claro, todos nós menos as feministas, eu queria pedir pra você ir estudar, pq é necessário já que quer defender e refutar oq eu digo, sem querer ofender claro... Eu realmente não tô afim de discutir isso com feministas pq não tem como chegar a algum resultado na discussão, quando alguém faz parte de algum grupo extremista como esse, entt peço pra ir estudar e se aprofundar MT mais no caso, não em sites feministas e nem anti-feministas, mas em fontes de estudos reais, e você mesma irá ver com seus próprios olhos a realidade nisso, o feminismo infelizmente oq eu não queria concordar, é só a máscara do femismo, se tornou conturbado a cada tempo que se passou, tão conturbado que feministas em vez de vir e conversar cmg melhor ou dizer algo contra oq eu disse, ficaram apenas me julgando e chutando o ambiente em que eu vivo, é bizarro.”</p>	
--	--	---	--

Em dado momento do seu discurso, **Sandro** (excerto 50) demonstra entender que o feminismo, em teoria, não é mais necessário, porém precisa ser colocado em prática, como vemos em sua fala “*só o que falta para as mulheres é colocar os direitos já conquistados em prática*”. Esse argumento contradiz o que elucida Tiburi (2018) sobre a importância de o feminismo ser debatido e refletido antes de ser potencializado na prática. **Sandro** finaliza sua fala reforçando a sua negação de querer debater, também com **Samira**, sobre o tema e demonstra ter se sentido julgado por ela e por **Edson**.

Excerto 51 - “vc não aprendeu nada kkkkkk”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Samira</b>	(em resposta ao comentário de Sandro no excerto 50)	“vai estudar pq vc não aprendeu nada kkkkkkkkkk”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

A conversa é finalizada com uma fala de **Samira** (excerto 51), que retoma ao ambiente conversacional apenas para deixar uma mensagem para **Sandro**, mesmo sem trazer argumentos contra o que ele disse anteriormente. **Samira** novamente diz “*que ele vá estudar, pois não aprendeu nada*”. Nesse momento, **Samira** formula as informações destacadas por **Sandro**, expressando não se alinhar ao seu *footing* indo contra seus argumentos.

## 6. DEBATE SOBRE GÊNERO NOS COMENTÁRIOS

Para a segunda parte da nossa análise separamos comentários e interações que versam sobre o lugar das mulheres e dos homens na sociedade, bem como seus direitos enquanto cidadãos. É possível reparar que os debates desenvolvidos nos comentários, em muitos dos casos, são tratados de forma dicotômica e sempre sendo sob uma perspectiva que escalona homem x mulher, feminino x masculino. Como também vimos anteriormente, esse formato de debate focaliza o modelo binário e desconsidera, nesses momentos, a concepção de multiplicidade de gêneros que é apresentada atualmente (BENTO, 2014). Essa concepção também pode ser justificada pelos genderismos institucionalizados propostos por Goffman (1997), diante do qual é dada ênfase ao sexo para discutir as grandes diferenças sociais de gênero.

### 6.1 Direitos dos homens?

O primeiro comentário selecionado levanta um questionamento acerca do movimento ativista dos direitos dos homens (excerto 52). Um dado importante de ser mencionado é que ao longo dos mais de 90 mil comentários feitos no vídeo, é possível notar diversas pessoas trazendo essa mesma questão. Podemos ver que muitas pessoas se alinham ao *footing* de incompreensão sobre esse movimento, visto o alto número de curtidas recebidas no comentário de Neymar que questiona a existência do ativismo pelo direito dos homens (excerto 52).

Excerto 52 - “só eu nem sabia que existia isso?”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Neymar</b>	Comentário inicial feito em resposta ao do vídeo	“'ativista pelos direitos dos homens' só eu nem sabia que existia isso?”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 2 anos</li> <li>• 3,1 mil curtidas</li> <li>• 204 respostas</li> </ul>

No comentário de **Neymar**, vemos que ele coloca em pauta uma reflexão sobre a busca por “*direitos dos homens*”. Naturalmente, esse comentário foi motivado pela formação da sociedade brasileira, a qual seguiu um modelo patriarcal que deixa marcas até os dias de hoje. Tendo início na história (LERNER, 2019), durante anos, o modelo de funcionamento social posicionou o homem em um nível

escalar acima das mulheres, fazendo com que eles tivessem dominação sobre elas, resultando em contextos de opressão para as mulheres. Essa perspectiva contextualiza o comentário feito por **Neymar**; quando ele demonstra não saber da existência do movimento dos direitos dos homens, inferimos que ele indexa questões relacionadas ao patriarcado.

Antes de darmos continuidade a sequência conversacional construída com base no comentário de **Neymar**, destacamos outros dois comentários que se alinham ao *footing* dele, nos quais podemos perceber que **Thales** (excerto 53) e **Tibia** (excerto 54) também se questionam sobre quais seriam os direitos que os homens desejam conquistar, além dos que eles já têm.

Excerto 53 - “meu deus, direito a mais oq?”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Thales</b>	Comentário inicial em resposta ao vídeo	“ativista pelo direito dos homens ? kkkkk kkkk kkkk meu deus, direito a mais oq?”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 8 meses</li> <li>● 0 curtidas</li> </ul>

Em resposta à **Tibia**, **BMW** entra em cena (excerto 54) perguntando “*que direitos os homens têm que as mulheres não têm*”. É interessante notar que **Tibia** argumentou dizendo que os direitos dos homens são respeitados, ou seja, podemos inferir, que para além dos direitos das mulheres que ainda precisam ser conquistados, dentre os que elas já têm, em teoria, há algum (ns) não respeitado. Na fala de **BMW** há uma crítica às feministas radicais, quando é dito “*sair de casa sem camisa não vale*”. Na fala de **BMW**, há, também, uma contradição, visto que é pontuado que **Tibia** “*não fale sobre cultura ou algo relacionado à sociedade*”, deixando claro que está solicitando que **Tibia** fale sobre alguma lei. No entanto, as temáticas que envolvem direitos/leis e cultura e sociedade estão diretamente ligadas, sendo a ausência de direitos uma construção do sistema patriarcal que são culturais e sociais (CISNE e SANTOS, 2018; PATEMAN, 1993; CASTRO e LAVINAS, 1992; SAFFIOTI, 1992).

Excerto 54 - “Eles sempre tiveram”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Tibia</b>	Comentário	“Direitos dos homens?”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 6 meses</li> </ul>

	inicial feito em resposta ao do vídeo	Eles. Sempre tiveram Quem não tem é a mulher Seus direitos respeitados"	<ul style="list-style-type: none"> <li>● 1 curtida</li> <li>● 8 respostas</li> </ul>
<b>BMW</b>	(em resposta ao comentário de Tibia acima)	"Que direito nós homens temos e as mulheres não? Não fale sobre cultura ou algo relacionado a sociedade quero saber alguma lei, sair de casa sem camisa não conta"	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 6 meses</li> <li>● 1 curtida</li> </ul>

Retomando a interação iniciada por **Neymar**, **Heloísa** (excerto 55) responde tentando construir um *account* para explicitar a motivação do movimento dos direitos dos homens ter sido desenvolvido. Desse modo, **Heloísa** utiliza como justificativa o argumento de que coisas ruins acontecem com homens também, dando exemplos de situações em que homens sofreram represálias de mulheres. A postura de **Heloísa** é compreendida por sua plateia, visto que 87 pessoas curtiram o comentário, alinhando-se ao *footing* dela.

Excerto 55 - "Acontecem coisas ruins com eles tb"

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Heloísa</b>	(em resposta ao comentário de neymar no excerto 52)	"sim, afinal acontecem coisas ruins com eles tb, um dia desses a ex de um cara jogou ácido na cara dele, tem homens sendo acusados por estupro por vingança, ex insatisfeita com divórcio e por aí vai..."	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 2 anos (editado)</li> <li>● 87 curtidas</li> </ul>

O modo como o discurso (com d minúsculo, GEE, 2001) de **Heloísa** (excerto 55) é construído causa a impressão de que os "*direitos dos homens*" são desconsiderados e sobrepostos aos das mulheres quando escalonados no mesmo nível do movimento feminista. No entanto, o contexto de surgimento do feminismo, representado por uma luta das mulheres, deu-se em busca da ruptura de um pensamento pontual de supremacia masculina, que foi implantado durante anos na sociedade e alimentou, e ainda alimenta, o patriarcado. Em vista disso, o movimento feminista luta a favor do equilíbrio social, da conquista da mulher por lugares ainda não ocupados ou pouco ocupados, mas não prevê o alcance da anulação dos homens (BARRET, 1996; WAPICHANA, 2019). A grande questão é que o nível escalar da mulher parece estar abaixo dos homens em muitos aspectos e, por isso, justifica-se



que ela busque alcançar os degraus que estão acima, enquanto eles já estão localizados lá.

Em seguida, vemos, no comentário de **Julio** (excerto 56), o homem colocado em um nível escalar contraditório àquele que o sistema patriarcal o coloca. Não há nenhuma pista de contextualização (GUMPERZ, 1992) de que o comentário de **Julio** tenha um teor irônico, sendo assim, sua indexicalização acerca do patriarcado aponta para uma projeção que coloca o movimento dos direitos dos homens no mesmo nível escalar que o feminista, ou seja, se há pelo que a mulher lutar, também há pelo que o homem lutar.

Excerto 56 - “Os homens são silenciados”

Participante s		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Julio</b>	(em resposta ao comentário de neymar no excerto 52)	“Pra você vê o quanto os homens são silenciados”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 2 anos</li> <li>• 11 curtidas</li> </ul>

Todavia, é contraditório nesse cenário, pois se as mulheres estão em busca do fim do patriarcado, considerando que são silenciadas pelo modelo de supremacia masculina, os questionamentos que surgem são: quem seria o público que silencia os homens? os próprios homens ou as mulheres que ainda são silenciadas? É possível que haja uma percepção de que os homens sejam silenciados por alguém que ocupa um lugar de opressor e, conforme vimos no capítulo anterior, há uma tendência de que as feministas radicais/liberais ou as “femistas” sejam enquadradas nessa posição, devido ao extremismo atrelado a esse movimento (SILVA, CORREDATO e VERSA, 2015). Apesar disso, essa vertente do feminismo, diferente das outras, não construiu bases teóricas e práticas que fossem capazes de proporcionar para as mulheres conquistas por direitos aos quais os homens estão se referindo. A “opressão” sinalizada pelos homens, ou mesmo por outras mulheres, advindas dessa vertente do feminismo, parece ser mais pautada em imposição de ideologias.

O comentário de **Joana** (excerto 57) expressa um pouco do alinhamento que condiz com a controvérsia que apresentamos anteriormente: a queixa de opressão dos homens advém de uma sociedade patriarcal construída por eles mesmos. Ao pensarmos que o feminismo foi pensado tanto sob uma concepção igualitária quanto para dar ênfase às contribuições culturais feministas (PINSKY e PEDRO, 2010),

entendemos que a perspectiva de alcance é a equidade e a valorização da mulher. Se ainda há luta, significa que ainda há o que conquistar. Apesar disso, como pontua Garcia (2015), a existência do patriarcado não significa que a mulher não tem nenhum tipo de poder ou direito, até porque a luta do feminismo já acontece há alguns anos e conquistas consideráveis aconteceram.

Excerto 57 - “Pelo o que ele luta mesmo?”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Joana</b>	(em resposta ao comentário de neymar no excerto 52)	“Tudo o que eu fiquei pensando foi, pelo o que ele luta mesmo?”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 2 anos</li> <li>● 2 curtidas</li> </ul>

Entretanto, se, ao mesmo tempo em que as mulheres vão em busca dos seus direitos para alcançar a igualdade, os homens buscam direitos em cima disso, será difícil encontrar a equidade, visto que este continuará ocupando um nível escalar acima das mulheres, dando continuidade ao sistema patriarcal. Além disso, há um aspecto elucidado por hooks (2018) que também pode ser um fator que acaba resultando no fortalecimento do patriarcado: o fato de que, por muitas vezes, na própria luta em favor do feminismo, colocamos-nos diante de polêmicas que não se direcionam para as causas feministas. Contraditoriamente, as polêmicas versam sobre campos que não dificilmente estão relacionados com o próprio patriarcado, fazendo com que dialoguemos, não com outras mulheres, mas com patriarcas.

Em outro comentário em resposta à **Neymar, Leticia** (excerto 58) escalona “direitos dos homens” de forma nivelada com “machista”, expressando que ambos indexariam para questões relacionadas ao poderio masculino sobre o feminino. Novamente, podemos perceber que talvez **Letícia** construa sua performance levando em consideração a opressão resultante do patriarcado (SANTOS, 2019), que privilegia o gênero masculino.

Excerto 58 - “É pra não dizer machista”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Letícia</b>	(em resposta ao comentário de neymar no excerto 52)	“É pra não dizer machista”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 2 anos</li> <li>● 1 curtida</li> </ul>

No excerto 59, vemos, no discurso (com d minúsculo, (GEE, 2001) de **Eduardo**, um pensamento negacionista quanto à progressão daqueles que não se enquadram no grupo cuja escala inclui os níveis homem, branco, hetero e cristão, uma vez que ele dá ênfase no fato de que esses indivíduos são “*peessoas perseguidas*” e que têm sua liberdade ameaçada. Do mesmo modo que argumentamos anteriormente, a partir do momento em que a conquista de grupos minoritários é considerada como falta de liberdade de indivíduos que fazem parte das escalas homem branco hétero e cristão e resulta em necessidade de luta por parte desses indivíduos, deparamo-nos novamente com uma busca por um desnível social. Isso confirma o que ressaltam Miguel e Biroli (2014) acerca do patriarcado estar relacionado a uma forma de organização que impede o fim das desigualdades. Apesar disso, a postura de **Eduardo** parece não ser incomum ao público, visto que seu comentário recebeu 17 curtidas, demonstrando que 17 pessoas alinham-se ao seu *footing* sobre esse assunto.

Excerto 59 - “Precisamos de ativistas que defendam a nossa liberdade também”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Eduardo</b>	(em resposta ao comentário de neymar no excerto 52)	“Hoje em dia as pessoas perseguidas somos nós homens brancos héteros e cristãos, precisamos de ativistas que defendam a nossa liberdade também”	<ul style="list-style-type: none"> <li>● há 2 anos</li> <li>● 17 curtidas</li> </ul>

Em resposta à **Eduardo**, **Mariana** (excerto 60) diz que “*homens não têm pelo que lutar*” e cria um *account* para essa afirmação, salientando que “*ninguém ameaça os direitos e privilégios dos homens apenas por serem homens*”. É interessante perceber que **Mariana** enfatiza que a não ameaça é pela posição ocupada pela escala “homem”, não colocando outras em pauta. Essa postura expressa a importância de não desconsiderarmos outros aspectos que podem ameaçar o alcance dos indivíduos, de um modo geral, enquanto cidadãos, pois, o patriarcado privilegiar o gênero masculino, não quer dizer que homens não sejam oprimidos por outros motivos. Conforme pontua Santos (2019), diversos grupos são vítimas de injustiças e opressão que são comumente causadas por sistemas como o capitalismo, o colonialismo e o próprio patriarcado.

Excerto 60 - “Homens não tem que lutar pelo que sempre tiveram”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Mariana</b>	(em resposta ao comentário de Eduardo no excerto 59)	“Homens não tem que lutar pelo que sempre tiveram, no meu ponto de vista. ninguém ameaça seus direitos e privilégios inseridos a eles apenas por serem homens. Oq eu quero dizer é que não precisam lutar por um espaço já ocupado por homens.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 2 anos</li> <li>• 3 curtidas</li> </ul>

Na fala de **Mariana** (excerto 60) “*não precisam lutar por um lugar que já ocupam*” entendemos que ela se coloca alinhando-se ao *footing* que defende lutas que não se enquadram nesse cenário. Viver em uma sociedade cujo sistema é patriarcal nos traz problemáticas que não se relacionam somente com questões de gênero, mas também com o modo como ele é refletido nos indivíduos e como esse reflexo interfere na disposição social (CAMERON, 2018). Então, questões sócio-políticas, por exemplo, sofrem interferência pela forma como são organizados grupos dentro desse sistema social patriarcal.

Em resposta à **Mariana**, **José** faz um comentário (excerto 61) listando “*privilégios para as mulheres perante a justiça que homens não tem*”. **José** aponta alguns direitos que foram dados às mulheres diante da lei, podendo, a princípio, ser entendidos como “*privilégios*”, conforme ele mesmo classificou. No entanto, vemos que a necessidade da criação desses direitos é pautada, na maior parte dos casos, no fato de que leis relacionadas a essas temáticas já existiam, mas ainda assim não garantiam o acesso/alcance das mulheres aos direitos que deveriam ser assegurados para elas.

Excerto 61 - “Não me venham dizer que mulheres ganham menos com pesquisas fajutas”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>José</b>	(em resposta ao comentário de Mariana no excerto 60)	“Privilégios para mulheres perante a justiça que homens não tem: - Delegacia da mulher. - Casa da mulher brasileira (acolhe mulheres em condição de rua). - Aposentadoria mais cedo. - Prioridade na guarda dos filhos em caso de separação. - Acusar alguém só pela palavra, sem apresentar provas, e o acusado se ferrar na	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 2 anos (editado)</li> <li>• 7 curtidas</li> </ul>

		justiça. - Impedimento de certos trabalhos insalubres. - Transporte público para mulheres. - Minha casa Minha Vida: As chaves ficam para a mulher. - Não obrigatoriedade no Alistamento militar.  E não me venham dizer que mulheres ganham menos com pesquisas fajutas já refutadas, pois pela Lei uma pessoa no mesmo cargo e carga horária não pode receber menos que outra."	
--	--	--	--

Então, a luta para a criação de leis em defesa das mulheres baseia-se na devida atenção que deve ser dada a casos que ocorrem motivados pela força do sistema opressor do patriarcado, isto é, em que a mulher sofre opressão pela condição de ser mulher. Casos registrados na delegacia da mulher, por exemplo, são investigados levando em conta contextos em que a mulher sofre represália do seu cônjuge (BRASIL, 2006).

A luta do movimento feminista está vinculada a aspectos de dominação que foram sendo implantados na sociedade patriarcal ao longo da história, podendo se referir às relações sociais que envolvem família (PATEMAN, 1993), a questões que versam sobre o Estado, como leis (CASTRO e LAVINAS, 1992) e também como uma forma de ideologia (SAFFIOTI, 1992).

No discurso (com d minúsculo, GEE, 2001) de **José** (ainda no excerto 61), podemos dizer que homens também têm acesso a direitos relacionados ao que foi por ele pontuado. O último item, no entanto, é um que faz diferenciação entre homens e mulheres, nesse caso, “*privilegiando*” as mulheres e “*prejudicando*” os homens de serem obrigados a se alistarem e/ou terem pendências com o Estado caso não o façam. Todavia, essa lei foi criada no próprio sistema patriarcal, sendo uma decisão do Estado, que durante anos sustentou a ideia de que a mulher tem um lugar exclusivo na sociedade e tem papéis definidos (CISNE e SANTOS, 2018), sendo comumente colocada em posições de serviços domésticos e/ou lugares que requerem delicadeza, o que, inclusive, resulta na semotização de escalas que definem a mulher como “sexo frágil”. É interessante ressaltar, no entanto, que essas características que são popularmente associadas à mulher, por vezes, são seletivos, visto que para mulheres negras a escala “sexo frágil” nem sempre é associada, sendo

esta mulher comumente colocada em escalas como “guerreira”, “batalhadora”, “resiliente” (LÉLIA GONZALES, 2019). Retomando o comentário de **José**, vemos que a queixa feita por ele desalinha-se ao *footing* do próprio patriarcado.

Outro comentário selecionado foi o de **Alice** (excerto 62), no qual ela se alinha ao *footing* do homem do vídeo que defende os direitos dos homens, dizendo que “*gostou muito dos pensamentos dele*”. No vídeo, o homem dá sua percepção sobre o feminismo definindo-o como “*câncer*”, o que repercutiu bastante também nos comentários. Levando em conta esse contexto, inferimos que **Alice** se desalinha ao feminismo, embora complemente seu comentário dizendo que “*cada homem e mulher têm suas dificuldades*”. Nesse comentário de **Alice**, podemos ver o que elucida Lerner (2019) sobre o fato de que o sistema patriarcal só funciona em cooperação com as mulheres, ou seja, uma vez que elas são doutrinadas e se alinham ao *footing* desse sistema, reforçam o seu funcionamento.

Excerto 62 - “Cada homem e mulher tem suas dificuldades”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Alice</b>	(em resposta ao comentário de Neymar no excerto 52)	“Gostei muito dos pensamentos dele. Cada homem e mulher tem suas dificuldades”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 3 anos (editado)</li> <li>• 24 curtidas</li> </ul>

Da mesma forma que **Alice**, **Adriana** também fez um comentário (excerto 63) alinhando-se ao *footing* do homem do vídeo, escalonando-o como “*grande homem*”. **Adriana** associou essa escala indexando para uma pessoa que “*fala a realidade sem medos*” e “*conversa sem rodeios*”. A admiração de **Adriana** provavelmente é pautada na concepção de uma desconstrução do homem acerca de papéis impostos “*adequados*” a esse gênero socialmente (SCOTT, 1995), o qual, normalmente, coloca o homem em uma escala racional, diante da qual se mostrar “*sensível*” e “*sem medos*” é algo corajoso.

Excerto 63 - “Grande homem”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Adriana</b>	(em resposta ao comentário de Neymar no excerto 52)	“Grande homem. Falar a realidade sem medos! Parabéns pela conversa sem Rodeios. Gostei 🍷”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 1 mês</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

Por fim, selecionamos o comentário feito por **Queijo** (excerto 64), no qual ele expressa desesperança de que esse embate de ideologias tenha um fim. É interessante notarmos que ele nivela o machismo com o feminismo. No entanto, o machismo representa ideologias circunscritas em nossa sociedade, ou seja, que estão nas macroestruturas das relações de poder e que se materializam nas micro dinâmicas sociais gerando vulnerabilização à determinados corpos, enquanto o feminismo é um movimento teórico-prático que busca viabilizar uma sociedade mais justa e igualitária.

Excerto 64 - “Machismo e feminismo nunca vão acabar”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Queijo</b>	(em resposta ao comentário de Neymar no excerto 52)	“Resumindo tudo: machismo e feminismo nunca vão acabar e sempre terá essa richa (T-T”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 4 meses</li> <li>• 6 curtidas</li> </ul>

Desse modo, destacamos, mais uma vez, que o olhar para o feminismo precisa ser crítico (TITUBE, 2018) e colocado em pauta como uma questão social que busca a emancipação da mulher (GARCIA, 2015), mas não sua supremacia. Enquanto o machismo, expressa ser apenas um elemento impedor desse movimento, mantido por indivíduos que demonstram preferir a manutenção do patriarcado e, conseqüentemente, da dominação masculina (PATEMAN, 1993; CASTRO e LAVINAS, 1992; SAFFIOTI, 1992).

A problemática do nivelamento de machismo e do feminismo está relacionada com a estereotipação da “mulher feminista” (DIAS, 2004), que faz com que anos de luta sejam indexados para questões subjetivas e pessoais de grupos menores que não se alinham ao *footing* desse movimento.

## 6.2 A busca pela igualdade de gênero

Em outra sequência de comentários que separamos para análise vemos um debate que levanta questionamentos sobre a busca pela igualdade de gênero. Inicialmente, **Dizer** (excerto 65) faz um comentário se colocando sob um *footing* de que acha tendencioso um movimento que carrega no próprio nome “*um posicionamento de um dos grupos*”, referindo-se ao feminismo. **Dizer** conquista um público expressivo cujo *footing* alinha-se ao seu, tendo 77 curtidas em seu

comentário. Dentre essas pessoas, vemos que tem **Marlon** (ainda excerto 65), que respondeu à **Dizer** concordando e expressando “*nossa, vdd*”.

Excerto 65 - “Não consigo acreditar”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Dizer</b>	Comentário inicial feito em resposta ao vídeo	“Eu, particularmente, não consigo acreditar que algo busca igualdade, quando no próprio nome desse movimento carrega um posicionamento com um dos grupos”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 8 meses</li> <li>• 77 curtidas</li> <li>• 22 respostas</li> </ul>
<b>Marlon</b>	(em resposta ao comentário de Dizer acima)	“Nossa vdd”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 8 meses</li> <li>• 3 curtidas</li> </ul>
<b>Noah</b>	(em resposta ao comentário de Dizer acima)	“Esse tipo de comentário extremamente inteligente não se vê muitos likes. Pena rs”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 8 meses</li> <li>• 6 curtidas</li> </ul>

Também tem **Noah** (ainda excerto 65) que escalona o comentário de **Dizer** em um nível de “*extremamente inteligente*” e faz uma crítica à audiência dizendo que é uma pena que comentários com essa característica tenham poucas curtidas. Apesar de o comentário ter 77 curtidas no momento em que a transcrição foi feita, por causa do caráter não estático das redes, pode ser que até o momento em que **Noah** entrou em cena para participar da conversa houvesse poucas curtidas.

Em seguida, **Lilian** entra em cena (excerto 66) no fluxo conversacional discutindo sobre a temática e demonstrando como ela entende o mundo a partir de sua ação naquele momento (SACKS, 1992). **Lilian** formula um comentário refletindo sobre a motivação do desenvolvimento do feminismo e esclarecendo para **Dizer** que o feminismo começou “*pelos direitos iguais*” e pelo fato de “*mulheres sempre sofrerem com o sistema patriarcal*”. Nesse momento, compreendemos que o discurso (com d minúsculo, (GEE, 2001)) de **Lilian** indexa questões complexas pelas quais passaram as mulheres devido à desigualdade resultante de uma sociedade patriarcal, concluindo que a luta das mulheres é constante e que ainda “*vai demorar muitos anos para conseguirmos*”.

Excerto 66 - “Vai demorar muitos anos para conseguirmos”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
---------------	--	------------	------------------------



<b>Lilian</b>	(em resposta ao comentário de Dizer no excerto 65)	“Moço o nome é feminismo poisé uma luta que as mulheres começaram por direitos iguais. No mundo ocidental as mulheres sempre sofreram com o sistema patriarcal, tentamos até hoje buscar a igualdade de direitos para as mulheres e vai demorar muitos anos para conseguirmos”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses (editado)</li> <li>• 11 curtidas</li> </ul>
---------------	--	--	---

**Noah** (excerto 67) responde à **Lilian** em tom de ironia, elaborando um falso *footing* dizendo que onde ele trabalha está contratando e “convidando” **Lilian** para trabalhar com ele “*carregando uns saco de cimento*”. Nessa fala de **Noah** vemos que ele indexa um significado contextualmente recuperável (BLOMMAERT e MALY, 2014), o qual aponta para um momento na história que designou que há um lugar exclusivo e definido para a mulher (CISNE e SANTOS, 2018). Como exemplo, temos o marco histórico da revolução agrícola (IOP, 2009), que, a priori, deu espaço de trabalho para a mulher na promoção da alimentação. Todavia, posteriormente, essa capacidade da mulher, advinda da sutileza dos preparos da terra, foram análogos ao lugar da mulher nos processos de gestação (MUMFORD, 1998), o qual se estendeu para a ênfase do papel da mulher na maternidade e nos afazeres da casa. **Lilian** (ainda no excerto 67) não colabora para a continuidade do fluxo conversacional com **Noah** e finaliza sua interação com ele dizendo que ele “*procure estudar um pouco sobre a sociedade*” e esclarecendo que isso “*vai ajudá-lo a entender o mundo atual*”.

Excerto 67 - “Bora la carregar uns saco de cimento”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Noah</b>	(em resposta ao comentário de Lilian no excerto 66)	“Eu apoio, onde trabalho tá contratando, bora la carregar uns saco de cimento”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 9 curtidas</li> </ul>
<b>Lilian</b>	(em resposta ao comentário de Noah acima)	“Tudo bem amigo, procure estudar um pouco sobre sua sociedade. Vai te ajudar a entender o mundo atual. Abraços.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 7 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

Em contrapartida, **Código** entra em cena (excerto 68), trazendo **Lilian** de volta para a conversa. A postura de **Código** reflete sobre os ideais do movimento feminista, levantando questionamentos acerca da motivação dessa corrente teórica, perguntando-se ao que realmente se direciona a luta do feminismo, se seria por

igualdade ou por privilégios. É interessante que o *footing* desenvolvido por **Código** não generaliza o feminismo como um movimento único e, inclusive, cria um *account* para explicitar o porquê de seu questionamento inicial. Segundo **Código**, o tema é complexo e sensível, pois radicais “*mancham todo o contexto*” pelo desejo de poder. Essa descrição feita por **Código** elucida o que dizem Arruzza, Fraser e Bhattacharya (2019) acerca do feminismo liberal/radical ser um inconveniente para a luta das mulheres, pois, muitas vezes, o signo feminismo acaba sendo semiotizado de forma negativa associando-se ao radicalismo e à intolerância, conforme pontua **Código**.

Excerto 68 - “Direitos são uma coisa, privilégios ai é outra história”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Código</b>	(em resposta ao comentário de Lilian no excerto 66)	“Direitos são uma coisa, privilégios ai é outra história. Eu super apoio toda a luta feminista e as reivindicações que elas conseguiram, mas hoje em dia, a cada dia, tá se tornando mais uma luta por privilégios do que por direitos, e daí que se entra no questionamento, ainda é realmente sobre igualdade? Sempre foi sobre igualdade mesmo? É um tema complexo e muito mais profundo do que a maioria das pessoas procuram investigar e é por isso que se tornou um ponto tão sensível na qual radicais mancham todo um contexto e destroem tudo por conta de um desejo inerte de segregar por poder, e por fim, isto resulta nessa guerra eterna de intolerância e ódio gratuito, no qual nenhum lado tá certo e quem sofre é quem fica no meio e que é obrigado(a) a se adaptar, afogando assim a própria individualidade, em prol de 2 extremos fajutos.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 8 meses</li> <li>• 3 curtidas</li> </ul>

Na resposta de **Lilian** à **Código** (excerto 69), ela indexa a visão de feminismo de **Código** para questões históricas que se referem a protestos de anos atrás, provavelmente se referindo a movimentos rebeldes das mulheres que ocorreram antigamente e que deram início à luta desse grupo. **Lilian** esclarece para **Código** que “*não existe só um movimento feminista, existem várias vertentes*”, destacando o que Harding (2019) pontua sobre as teorias feministas não poderem ser vistas como um esquema singular. **Lilian** comenta, ainda, que a luta das

mulheres também envolve privilégios. No entanto, não fica claro o que ela quer dizer com isso, visto que, logo em seguida, apresenta como exemplos, aspectos que envolvem uma busca por direitos e pelo fato de que ao final de sua fala, ela escalona privilégios e direitos dos homens em um mesmo nível.

Excerto 69 - “você tem uma visão bem caricata sobre o feminismo”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Lilian</b>	(em resposta ao comentário de Código no excerto 68)	“Eu acho que você tem uma visão bem caricata sobre o feminismo, uma visão que muitas pessoas tem devido alguns protestos de alguns anos atrás. É importante entender que não existe só um movimento feminista, existem várias vertentes do feminismo que muitas vezes discordam entre si sobre diversos assuntos. E sim, existe uma luta por privilégios, os mesmos privilégio dos homens na sociedade. Exemplo: Salário maior pelas mesmas funções, violência sexual (estupro e assédio), a forma em que a sociedade vê as mulheres ( julgamentos pela roupa que uma mulher veste, suas crenças, seus valores, suas decisões, etc.) . Nós só queremos uma sociedade em que teremos os mesmos privilégios e direitos dos homens.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 8 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

**Código** volta a responder **Lilian** (excerto 70) levantando como ponto de discussão exatamente a diferença, que não fica clara no discurso (com d minúsculo, (GEE, 2001) de **Lilian** (enxerto 69), entre o que seriam privilégios e o que seriam direitos. **Código** enquadra questões referentes ao combate à violência sexual, citada por **Lilian** anteriormente, como um direito e a forma como a sociedade vê a mulher como algo que deveria ser respeitado por todos. Nesse cenário, reforçamos a ideia de que o patriarcado é um sistema que prevê dominação tanto no que diz respeito ao Estado (CASTRO e LAVINAS, 1992), conforme os direitos que são previstos por lei, como está sendo discutido por **Código** e **Lilian**, quanto às ideologias (SAFFIOTI, 1992) formadas diante dos signos mulher, homem, patriarcado, feminino, masculino e outros que são relacionados a esse mesmo campo semântico.

Excerto 70 - “Eu realmente não sei de tudo”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário

Código	(em resposta ao comentário de Lilian no excerto 69)	<p>“Eu não creio que homens no geral tenham tantos privilégios assim, eu acho que grande parte dos pedidos do movimento feminista, são pedidos óbvios que são direitos básicos de qualquer cidadão, tipo, ao meu ver tem uma grande diferença entre privilégio e direitos. Violência Sexual não deveria existir e entraria no lance da segurança e proteção que todo o cidadão tem o &gt;direito&lt; de ter, a forma que a sociedade vê a mulher também é um lance que é baseado meramente no respeito que todos os indivíduos em um sistema devem ter um pelos outros, entretanto, o meu problema principal é em estipular leis que privilegiem um grupo, ao invés de criar leis universais que englobem todos os gêneros, tipo, ao meu ver isto seria uma decisão de alguém que realmente busca por igualdade. No lance do salário eu não tenho mt o que falar, até pq, eu n tenho conhecimento de sobra sobre todas estas vertentes.</p> <p>RESUMINDO: O termo privilégio está mais ligado à está pirâmide social monetária e política, do que por conta dos indivíduos em si, privilégio de não sofrer abusos e assédio, isto não é privilégio e sim um direito básico para qualquer cidadão, e assim por diante.</p> <p>Eu realmente não sei de tudo, até pq estou ainda pesquisando sobre todas as vertentes do assunto, mas espero que tenha feito sentido o que eu disse.</p> <p>Bom dia, e feliz páscoa e bye, bye”</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 8 meses</li> <li>• 3 curtidas</li> </ul>
--------	---	--	--

O *footing* de **Código** (excerto 70) se alinha à igualdade de gênero, visto que ele expressa indignação com relação às desigualdades existentes na nossa sociedade. A performance de **Código** mostra ser construída preocupação na manutenção de sua face e no bom gerenciamento de sua impressão, o que pode ser notado nas falas “*eu não tenho muito o que falar, até porque, eu não tenho conhecimento de sobra sobre todas as vertentes*” e, em seguida, ele reforça “*eu realmente não sei tudo, até porque ainda estou pesquisando*”.

**Lilian** responde à **Código** (excerto 71), formulando um comentário que expressa que ela compreendeu os apontamentos feitos por **Código**. Porém, ela ressalta a importância de que existam leis que garantam os direitos das mulheres,

uma vez que elas são consideradas como “*minorias*” e que, por isso, precisam de movimentos que deem devida atenção a esse grupo.

Excerto 71 - “Eu realmente entendo o seu ponto”

Participantes		Comentário	Detalhes do comentário
<b>Lilian</b>	(em resposta ao comentário de Código no excerto 70)	“Eu realmente entendo seu ponto, a sociedade ideal deveria ser assim. Porém não é, feminicídio existe, Violência sexual existe e desigualdade salarial existe. Por isso precisamos dessas leis, para garantir que as pessoas pertencentes as minorias não sejam ainda mais hostilizadas pela sociedade”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 8 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>
<b>Código</b>	(em resposta ao comentário de Lilian acima)	“tlgd”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• há 8 meses</li> <li>• 0 curtidas</li> </ul>

Na interação de **Código** e **Lilian** percebemos que o debate de ambos se mostra complementar, não tendo sinais de que um quer destruir a face do outro e apresentando formulações pertinentes que demonstram que um está compreendendo o discurso do outro, embora não tenham *footings* completamente alinhados. A conversa é finalizada com uma formulação de **Código** (excerto 71) que diz “*tlgd*”, sigla para “*tô ligado*”, demonstrando compreender o que foi dito por **Lilian**.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Percurso Pessoal*

Aceitei. Entendi. Desacreditei. Paralisei. Reescrevi.

Cresci **aceitando** as amarras dessa vida  
Certo momento, me desentendi comigo mesma  
Foi quando me questioneei: quem deu essa causa como indeferida?  
Desde então, comecei a **entender** o mundo sob um outro prisma

Por vezes, acreditei no **desacreditar**  
Afinal, de tantos que me dizem, qual é o meu lugar?  
Certo momento, me vi **paralisada**  
Dei dois passos para trás, **reescrevi** e concluí  
Sou eu quem determina a minha caminhada

Gabriela Viol Valle

O percurso percorrido até aqui foi longo, mas a quilometragem ainda é alta. Comemoramos nossas vitórias, mas não podemos paralisar. Por muitos anos, fomos doutrinadas a pensar que estávamos escalonadas em um nível abaixo dos homens. O sistema patriarcal não é estático, isso quer dizer que ele foi moldado pela e durante a histórica (LERNER, 2019) e, naturalmente, pode ser remodelado, também pela história, mas da qual agora fazemos parte ativamente.

Crescer em uma sociedade patriarcal faz com que nos convençamos, por vezes, de que a nossa causa já se deu por vencida. Entretanto, o feminismo não só lutou como ainda luta para me dar este lugar que ocupo hoje, aqui e agora. Aproveitando a oportunidade, estou aqui para reescrever as epistemologias do sul (SANTOS, 2019), ser desobediente (MIGNOLO, 2008) e enfatizar a interseccionalidade (CRENSHAW, 2017) que é ser mulher.

Os discursos carregam, ainda, muitos nós que precisam ser desatados, a diferença é que antes os nós eram acorrentados a nós e agora nós é que os desatamos. E que não nos deixemos envenenar pela perversidade da supremacia. A nossa causa aqui é a favor (da gente) e não contra (os outros).

### 7.1 Em busca de entendimentos

Retomando aos nossos objetivos e trazendo pontuações sobre o que pudemos observar nas nossas análises, vemos que o acesso aos dados nos permitiu

perceber, sob uma perspectiva micro (RIBEIRO e PEREIRA, 2002), que os participantes performam, em grande parte, de maneira divergente, dicotomizando o feminismo e o que não está a ele alinhado, seja o machismo, o masculinismo e/ou os direitos dos homens. Nos cenários analisados, notamos que o meio termo dificilmente é alcançado pelos participantes em interação, havendo posturas de ataques e contra-ataques resultantes das respectivas lutas. As conversas mostraram-se carregadas de conflitos, mas com discussões rasas, sem muitos aprofundamentos, de fato, sobre as questões debatidas.

Alguns participantes conseguem performar de forma consistente, mantendo sua face e gerenciando bem sua impressão, como vimos na atuação de **Ana** no primeiro capítulo de análise. Outros, como **Julia**, têm mais dificuldade em manter uma postura homogênea a todo tempo, colocando em xeque um desempenho positivo de sua performance.

Parece haver uma preocupação maior dos participantes em dar os seus pontos de vista e argumentos do que ouvir os dos outros. Foi possível perceber, por exemplo, que ocorreram, algumas vezes, formulações por exclusão (HERITAGE e WATSON, 1979), o que expressa que os participantes comumente dão ênfase ao que lhes interessa e/ou têm argumentos contra para dar.

Em relação a elaboração das faces dos participantes, vemos que em certos momentos há situações que ameaçam a face. A participante que teve essa questão mais marcante foi **Julia** na interação com **Ana**, a qual, em determinados momentos, apresenta elementos contraditórios para embasar seus argumentos. Além de ter dificuldade de preservar a sua face, **Julia**, provavelmente como uma forma de defesa, também tenta destruir a face de **Ana**. Na maioria dos participantes, no entanto, podemos dizer que houve preservação de face, em que os participantes pareciam seguros de suas posturas, ainda que fossem contrários a quem com eles estava discutindo.

Consequentemente, temos também bons resultados no gerenciamento de impressão dos participantes. Esclarecemos que não estamos julgando as posturas dos indivíduos como adequada/inadequada, certa/errada, estamos apenas elucidando que a maioria dos participantes das interações selecionadas parecem seguros daquilo que defendem e dos *footings* aos quais se alinham. Assim, confirmamos o que salienta Serra (2006) acerca das concepções de autenticidade e de simulação nas redes sociais.

Na elaboração das conversas confirmamos também o que diz o autor sobre o ciberespaço ser um ambiente de liberdade, no qual os indivíduos expressam suas características pessoais que nem sempre seriam expostas em uma interação face a face (SERRA, 2006). Isso pode ser visto em comentários como “*vai estudar, pff??*”, “*a maioria de vocês são tóxicas*”, “*é pra não dizer machista*”, dentre outros.

Em relação às *accounts* apresentadas pelos participantes para justificar o porquê de se alinharem a determinados *footings* relacionados ao signo feminismo, observamos que ele foi colocado em escalas como “*luta das mulheres*”, “*câncer*”, “*tóxico*”, “*cherbonyl*”, “*privilégios da mulher*”, “*emancipação da mulher*”, “*luta apenas por mulheres cis*”, “*luta a favor dos dois gêneros*”, “*mistura de femismo com machismo*”.

As construções dos espaços conversacionais manifestaram, na maioria das interações, um bom desenvolvimento de fluxo conversacional, nos quais foram manifestadas co-construções nas interações sociais (OCHS e JACOBY, 1995); apesar disso, as conversas demonstraram, ter continuidade com predominância de desalinhamento de *footing* entre as falas dos participantes que estavam diretamente em discussão. Assim, é possível perceber que as conversas são elaboradas pelos sujeitos de modo a dar sequencialidade às conversas, além de apresentar algumas práticas existentes nesse processo, tal como projeção de ação, escolha de recursos linguísticos, organização lógica da estrutura da conversa, por exemplo (SCHEGLOFF, 2007), mas majoritariamente como forma de embate. No entanto, destacamos alguns momentos, como na fala de **Bravo** “*é importante ouvir os dois lados*” uma postura compreensiva diante da fala dos outros interactantes.

No que diz respeito a semiotizações que surgiram nas interações, destacamos o desalinhamento dos participantes quanto à significação dos signos que permeiam o feminismo e o seu campo semântico. Por exemplo, o signo feminismo foi tanto semiotizado como uma luta, quanto associado a algo negativo e radical que polariza ainda mais a questão de gênero. É possível dizer, ainda, que certas semiotizações acabam estereotipando e estigmatizando a causa feminista, seus públicos e suas ideologias. Desse modo, as estereotipações são recorrentes, sempre escalonando os participantes a adjetivações fixas e homogêneas, o que desconsidera a pluralidade do movimento feminista.

Em um contexto macro de análise (RIBEIRO e PEREIRA, 2002), observamos que os signos que surgiram nas interações indexam questões sociais



problemáticas relacionadas a gênero, como, por exemplo, a discussão sobre a inclusão ou não da mulher trans no movimento feminista. Outro aspecto que pôde ser percebido foi que eventualmente os participantes se utilizam da estratégia de relacionar seus enunciados a outros momentos, lugares, pessoas e circunstâncias (PONTES, 2009) como estratégia argumentativa. Com isso, percebemos determinados significados contextualmente recuperáveis (BLOMMAERT e MALY, 2014), bem como a visão acerca da mulher como “sexo frágil” e/ou como tendo papéis definido na sociedade e, ainda, a ideia binária de gênero, que determina adjetivações limitantes para os gêneros feminino e masculino.

Por fim, explicitamos que as perspectivas dicotômicas das conversas corroboraram para que muitas questões analíticas fossem colocadas em pauta nas discussões; esse fato justifica a utilização das variadas categorias analíticas utilizadas neste estudo. Todavia, destacamos que dentre todas elas - performance, face, gerenciamento de impressão e *footing*, formulação e *accounts* e indexicalidade e escalas - as que mais se mostraram presentes nas análises foram *footing* e escalas.

## 7.2 Contribuições da pesquisa

Esta pesquisa buscou levantar reflexões acerca de como as redes sociais estão presentes no nosso cotidiano e de que modo elas interferem na construção das relações no que se refere a aspectos de gênero. O nosso interesse em investigar no cenário virtual se deu a partir da perspectiva de que a internet, atualmente, não é apenas uma tecnologia, mas é, também, uma forma de se comunicar (CASTELLS, 2003). Assim, compreender como é desenvolvida a comunicação nesse ambiente interacional tornou-se algo substancial para (re)construir nossas relações sociais a partir deste novo formato social.

O uso das redes sociais faz parte do nosso dia a dia e das nossas vivências. Assim, buscamos estudar, questionar e compreender como esse sistema é desenvolvido para que criemos novas formas de nos relacionarmos (BLOMMAERT, 2010).

Entrelaçar áreas como a Antropologia Linguística, a Sociolinguística Interacional e a Análise da Conversa pode contribuir como uma forma de observar nas relações sociais os imbricamentos entre as dinâmicas micro e macro interacionais. Entendemos que esse é um compromisso importante para os Estudos

da Linguagem contemporâneos, os quais se preocupam com a possibilidade de mudança social.

Esperamos ter contribuído com reflexões que possam promover inteligibilidades acerca da temática do feminismo atrelada aos Estudos da Linguagem, ressaltando que a luta feminista parte de um processo reflexivo para, em seguida, ser potencializado na prática (TIBURI, 2018). Dessa forma, a linguagem é um mecanismo fundamental na construção de nossos mundos e realidades. E, a partir de um processo reflexivo sobre nossas práticas, podemos galgar uma sociedade mais justa e igualitária.

### 7.3 Continuando a escrever

Retomando a fala da nossa emblemática Clarice Lispector mencionada na dedicatória deste trabalho, concluímos que, apesar de termos encontrados respostas das quais nos propusemos inicialmente e dos resultados sob os quais nos deparamos comporem informações pertinentes para futuras reflexões e discussões, cabe a nós continuarmos a escrever.

A proposta desta pesquisa foi repercutir sobre como a temática do feminismo é disposta em uma rede social pertencente ao ciberespaço. Como mencionamos anteriormente, o feminismo e todos os seus desdobramentos são aspectos sociais complexos e a internet amplia as possibilidades de discussão e propagação desse movimento, ainda que nos deparemos com posturas que se colocam contra ele.

A forma como a polêmica do debate de gêneros e do feminismo é construída na internet é um passo importante para disseminar e até mesmo repensar, reconstruir e remodelar o feminismo. Dessa forma, entendemos que contextos interacionais polêmicos, sobretudo os que envolvem questões sociais têm uma função social de tratar os conflitos de opiniões (AMOSSY, 2017).

Embora nossa luta seja a favor do feminismo, reconhecemos que o sistema em que vivemos ainda é patriarcal. Então, deixamos claro que os debates selecionados como dados para esta pesquisa mostram a indispensabilidade de que ambientes de discussão sobre o tema sejam abertos e deem espaço para que a gente

possa discutir o feminismo, uma vez que ele advém de uma ideologia processual, a qual começa em debates teóricos.

## 8. REFERÊNCIAS

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. 6.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. Coord. de Trad. de Mônica Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.

ARRUZZA, C.; FRASER, N.; BHATTACHARYA, T. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo. 2019.

BARTON, D.; LEE, C. **Language online: investigating digital texts and practices**. New York, NY: Routledge, 2013.

BARRETT, F. J. The Organizational Construction of Hegemonic Masculinity: The Case of the US Navy. **Gender, Work & Organization**, v. 3, nº 3, 1996, p. 129–142. Disponível em: <10.1111/j.1468-0432.1996.tb00054.x>. Acesso em: 10 out. 2021.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. **Annual Review of Anthropology**, v. 19, p. 59-88, 1990.

BAYM, N. Internet Research as It Isn't, Is, Could Be, and Should Be. **The Information Society**, London, v. 21, nº 4, 2005, 229–232. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/01972240591007535>>. Acesso em: 10 out. 2021.

BAYM, N. **Personal Connections in the Digital Age**. Malden: Polity Press, 2010.

BEAUVOIR, S. **Le deuxième sexe**. Gallimard: Paris, 1949.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. 2 ed. Natal: EDUFRN, 2014.

BIAR, L.A.; PASCHOAL, F.V.C. “(Não) leia os comentários”: a disputa da notícia sobre o assassinato de marielle franco. **Trab. linguist. apl.** v. 59 nº 2, 2020, p. 1051-1069. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132020000201051&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132020000201051&tlng=pt)>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BIAR, L. Desvio e estigma: caminhos para uma análise discursiva. **Calidoscópio**. v. 13, n. 1, 2015, p. 113- 121. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2015.131.11>> Acesso em: 20 abr. 2021.

BLOMMAERT, J. **The Sociolinguistics of Globalization**. Cambridge: Cambridge University Press. 2010.

BLOMMAERT, J.; MALY, I. Ethnographic linguistic landscape analysis and social change: A case study. **Tilburg papers in culture studies**, Tilburg University, nº 100,, 2014, p.1-28. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/264992781\\_Ethnographic\\_Linguistic\\_Landscape\\_Analysis\\_and\\_social\\_change\\_A\\_case\\_study](https://www.researchgate.net/publication/264992781_Ethnographic_Linguistic_Landscape_Analysis_and_social_change_A_case_study)>. Acesso em: 20 set. 2021.

BLUMER, H. **El interaccionismo simbólico: perspectiva y metodo**. Barcelona: Hora, [1969], 1982.

BLUMSTEIN, P. W. *et al.*. The Honoring of Accounts. **American Sociological Review**, v. 39, nº 4, 1974, p. 551 -566. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/2094421>>. Acesso em: 20 set. 2021.

BRAGA, J. L. Midiatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, A. S.; ARAÚJO, D. C.; BRUNO, F. **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2006, p.141-168.

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio de 2016. Disponível em: <[https://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581](https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581)>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2016. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Identity and Interaction: a Sociocultural Linguistic approach. **Discourse Studies**, v. 7, nº 4–5, 2005, p. 585–614. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/237549760\\_Identity\\_and\\_Interaction\\_A\\_Sociocultural\\_Linguistic\\_Approach](https://www.researchgate.net/publication/237549760_Identity_and_Interaction_A_Sociocultural_Linguistic_Approach)>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BUTLER, J. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 356-377.

BUTLER, J. Críticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, R. M. **Sexualidades transgresoras**. Una antología de estudios queer. Barcelona, Icària editorial, 2002, p. 55-80.

BUTTNY, R.; MORRIS, G. Accounting. In ROBINSON, W.; GILES, H. (eds) **The New Handbook of Language and Social Psychology**. Chichester: Wiley and Sons, 2010, p. 258-301.

CABRAL, C. R. S. **A desconstrução do machismo pela linguagem**: ordens de indexicalidade e outscalings motivados pelo movimento feminista no Facebook. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós Graduação em Letras. Pelotas, 2018. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4067>>. Acesso em: 10 nov. 2021.

CAMERON, D. **Feminismo**. Traducción: María Enguix Tercero. Epublibre. 2018.

CARR, E.S.; LAMPERT, M. **Scale**: discourse and dimensions of social life. Oakland: University of California Press, 2016.

CARVALHO, M.L.; GRISCI, C.L.I. Gerenciamento de Impressões na Seleção de Pessoal: construindo estilos de vida contemporâneos. **Revista Eletrônica de administração**, Ed. 28 v.8 n.2. Porto Alegre, 2002, p. 1-23. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/read/article/view/44110>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CARRERA, F. Gerenciamento de impressões, música e sites de redes sociais: o self a partir do compartilhamento de letras e vídeos. **Contemporanea | comunicação e cultura**. v. 10, nº 1, 2012, p. 239-262. Disponível em: <[https://www.academia.edu/3119615/Gerenciamento\\_de\\_impress%C3%B5es\\_m%C3%BAsica\\_e\\_sites\\_de\\_redes\\_sociais\\_o\\_self\\_a\\_partir\\_do\\_compartilhamento\\_de\\_letras\\_e\\_v%C3%ADdeos](https://www.academia.edu/3119615/Gerenciamento_de_impress%C3%B5es_m%C3%BAsica_e_sites_de_redes_sociais_o_self_a_partir_do_compartilhamento_de_letras_e_v%C3%ADdeos)>. Acesso em 10 jul. 2021.

CASTELLS, M. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, D. (org.) **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 41-56.

CASTRO, M. G.; LAVINAS, L. Do feminino ao gênero: a construção de um objeto. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992, p. 216-251.

CAVALCANTE, M. M. Estratégias de persuasão: a contribuição da Linguística Textual para o ensino e para a pesquisa. In: **Conferência apresentada por ocasião do X Congresso Internacional da Abralín**. Niterói, 2017.

CISNE, M.; SANTOS, S. M. M. **Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2018.

CLIFTON, J. A conversation analytical approach to business communication: the case of leadership. **Journal of Business Communication**, v. 43, n. 3, 2006, p. 202-219. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/247762203\\_A\\_Conversation\\_Analytic](https://www.researchgate.net/publication/247762203_A_Conversation_Analytic)>

al\_Approach\_to\_Business\_CommunicationThe\_Case\_of\_Leadership>. Acesso em: 8 de out. 2021.

CONSTANTINO, F. A. Construção identitária e gerenciamento da impressão em espaços online de interação. **Comunicologia**, Brasília, UCB, v. 10, n. 1, 2017, p. 146 – 162. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/8116>>. Acesso em: 8 de out. 2021.

CRENSHAW, K. **On Intersectionality**: The Essential Writings of Kimberlé Crenshaw. New York: New Press, 2017.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. S. e colaboradores. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, [2003] 2006.

D'EAUBONNE, F. **As mulheres antes do patriarcado**. Lisboa: Editorial Vega, 1977.

DIAS, M. B. **Conversando sobre a mulher e seus direitos**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2004.

EDWARDS, D. Extreme case formulations: Softeners, investment, and doing nonliteral. **Research on Language and Social Interaction**, v. 33, nº 4, 2000, p. 347–373. Disponível em: <[https://doi.org/10.1207/S15327973RLSI3304\\_01](https://doi.org/10.1207/S15327973RLSI3304_01)>. Acesso em 15 set. 2021.

ESQUEDA, S. La Nueva Antropología en Internet. **Debates IESA**, v. 14, n. 2, 2009, p. 36-40.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma analítica da midiatização. **Matrizes**, v. 1, nº 2, abr., 2008, p. 89-105. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38194>>. Acesso em 15 set. 2021.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Artmed, 2009.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

GABRIEL, M. C. C. **Arte transmídia na era digital**. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde22092015-104912/>>. Acesso em: 20 set. 2021.

GAGO, P. C. **A relevância da convergência num contexto de negociação**: um estudo de caso de uma reunião empresarial na cultura portuguesa. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2002.

GARCEZ, P. M. A perspectiva da análise da conversa etnometodológica sobre o

uso da linguagem em interação social. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. **Fala-Em-Interação Social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p. 17-38.

GARCEZ, P. M.; BULLA, Gabriela da Silva; LODER, Letícia Ludwig. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. **D.E.L.T.A.**, n. 30, v. 2, 2014, p. 257-288. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/delta/v302/0102\\_4450-delta-30-02-0257.pdf](http://www.scielo.br/pdf/delta/v302/0102_4450-delta-30-02-0257.pdf)>. Acesso em: 17 dez 2021.

GARCIA, C.C. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2015.

GARFINKEL, H. **Studies in Ethnomethodology**. New Jersey: Englewood Cliffs, 1967.

GARFINKEL, H.; SACKS, H. On formal structures of practical actions. In: GARFINKEL, H. (Org.). **Ethnomethodological Studies of Work**. London: Routledge & Kegan Paul, 1986. p. 160-193. Tradução: Paulo Cortês Gago e Raul Francisco Magalhães. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25031>>. Acesso em: 10 out. 2021.

GASTALDO, E. Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 68, 2008, p. 149-153. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092008000300013>>. Acesso em: 10 out. 2021.

GEE, J. P. **An Introduction to Discourse Analysis: theory and Method**. London and New York: Routledge. [1999], 2002.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, [1985] 2002.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B.T. GARCEZ, P. M. **Sociolinguística Interacional**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p.107-148.

GOFFMAN, E. "Gender Display." **Studies in the Anthropology of Visual Communication**. v. 3, 1976, p. 69-77. Disponível em: <<http://www.csun.edu/~snk1966/Goffman%20Gender%20Display.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2021.

GOFFMAN, E. A Elaboração da Face - Uma análise dos elementos rituais da interação social. In.: FIGUEIRA, S. (Org). **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1980, p. 76-114.

GOFFMAN, E. The arrangement between the sexes. **Theory & Society**, v. 4, nº3, 1977, p. 301-31. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/656722>>. Acesso em: 7 ago. 2021.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis, RJ: Vozes, [1967] 2012.



GUILLAUMIN, C. Prática do poder e ideia de natureza. In: FERREIRA, V. *et al.* (Org.) **O patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas**. Recife: SOS Corpo, 2014, p. 27-100.

GUMPERZ, J. J. **Discourse Strategies**. Studies in Interactional Sociolinguistics 1. Cambridge: Cambridge University Press. ([1982], 2002).

GUMPERZ, J. Contextualization and understanding. In: DURANTI, A. E GOODWIN, C. (Eds.). **Rethinking context: language as an interactive phenomenon**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p.229-252.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu, Campinas, SP**, n. 5, 2009, p. 7-41. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 16 nov. 2021.

HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 356-377.

HERITAGE, J.C.; WATSON, R. Formulations as conversational objects. In: G. PSATHAS (org.), **Everyday Language**. New York, Irvington Press, 1979, p. 123-162.

HITA, G. Gênero, ação e sistema: a reinvenção dos sujeitos. **Lua Nova**, v. 43, 1998, p. 109- 220. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-64451998000100007>>. Acesso em: 5 set. 2021.

HJARVARD, S. Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, v. 5, n.2, 2012, p.53-91. Disponível em: : <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38327>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.

HOOKS, B. **Feminist theory: from margin to center**. Boston: South End, 1984.

IPO, E. Condição da mulher como propriedade em sociedades patriarcais. **Visão Global**, Joaçaba, v. 12, n. 2, 2009, p. 231-250. Disponível em: <<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/visaoglobal/article/view/623>>. Acesso em: 1 set. 2021.

JUCKER, A. Internet pragmatics and the fuzziness of analytical categories: A response to Francisco Yus. **Internet Pragmatics**, v. 2, nº1, 2019, p. 46 - 49.

KAFKA, F. **A metamorfose**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

KOZINETTS, R. Netnography 2.0. In: R. BELK, W. (eds). **Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing**. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 2007, p. 129-142.

LERNER, G. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix. 2019.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

MARQUES, Â. C. S.; GUIMARÃES, B. M. A. Conversações políticas e mediatização no Facebook: interações e conflitos a partir dos comentários sobre as ações da Frente Parlamentar Evangélica. **Revista Brasileira de Ciências Da Comunicação**, v. 41, nº 3, 2018, p. 87–103. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1809-5844201835>>. Acesso em: 25 mar.. 2021.

McKENNA, K.Y. A.; GREEN, A. S.; GLEASON, M. E. J.. Relationship Formation on the Internet: What's the Big Attraction? In: **Journal of Social Issues**, v. 58, n. 1, 2002, p. 9-31. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/1540-4560.00246>>. Acesso em: 6 set. 2021.

MCLUHAN, M. **The Medium is the Massage**. Harmondsworth: Penguin Books, 1967.

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, nº 34, 2008, p. 287-324. Disponível em: <[http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2021.

MIGUEL, L.P. BIROLI, F. **Feminismo e política**: uma introdução. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, nº 3, (2012, p. 621-626. Disponível em:<<https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>>. Acesso em 20 nov. 2021.

Moita Lopes, L, P. **Linguística Aplicada como Lugar de construir verdades contingentes** : sexualidades, ética e política 2009.

MOLYNEAUX, M. Movimento de Mulheres. In: OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. (Ed.). **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Tradução de Eduardo Francisco Alves e Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p. 493- 496.

MUNFORD, L. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

OCHS, E. Linguistic resources for socializing humanity. In GUMPERZ, J.; LEVINSON, S. (Eds.). **Rethinking linguistic relativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 406- 437.

OCHS, E.; JACOBY, S. Co-construction: an introduction. **Research on language and social interaction**, v. 3, nº 28, 1995, p. 171-183. Disponível em: <[https://doi.org/10.1207/s15327973rlsi2803\\_1](https://doi.org/10.1207/s15327973rlsi2803_1)>. Acesso em: 10 ago. 2021.

ORGADI, S. How can researchers make sense of the issues involved in collecting and interpreting online and offline data? In MARKHAM, A. N., BAYM, N. **Internet inquiry. Conversations about method**. Los Angeles: Sage, 2009, p. 33-53.

OSTERMANN, A. C. SILVA, C.R. A formulação em consultas médicas: para além da compreensão mútua entre os interagentes. **Calidoscópico**, v. 7, n. 2, 2009, p. 97-111. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/4862>>. Acesso em 20 ago. 2021.

OSTERMANN, A.C. KITZINGER, C. Feminist Conversation Analysis and Applied Conversation Analysis. **Calidoscópico**, vol. 10, n. 2, p. 239-244, 2012. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/281493163\\_Feminist\\_Conversation\\_Analysis\\_and\\_Applied\\_Conversation\\_Analysis](https://www.researchgate.net/publication/281493163_Feminist_Conversation_Analysis_and_Applied_Conversation_Analysis)>. Acesso em 20 ago. 2021.

PATEMAN, C. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PELEGRINI, D. P. REIS, D. D.; RAVEL OLIVEIRA, P. C. M. **YouTube. Uma nova fonte de discursos**. Universidade Estadual de Santa Cruz, 2009.

PEROBELLI, R. NOGUEIRA, M. O.; COUTO, C.S.L. Perspectiva dramatúrgica, gerenciamento de impressões e categorização de pertencimento: uma interseção entre Goffman e Sacks. Veredas – **Revista de Estudos Linguísticos**, v.25, n.1, 2021, p. 304-326. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/34137>>. Acesso em: ago. .

PINSKY, J.; PINSKY, C. B. (Org.). **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2010.

POMERANTZ, A.; Extreme case formulations: A way of legitimizing claims. **Human Studies**, v. 9, 1986, p. 219–229. Disponível em: <[https://scholarsarchive.library.albany.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1001&context=cas\\_communication\\_scholar](https://scholarsarchive.library.albany.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1001&context=cas_communication_scholar)>. Acesso em: 15 set. 2021.

PONTES, H. A indexicalidade na construção discursiva de identidades sociais. **Revista do Gelne**, Piauí, v.11, n.1, 2009, p. 27-40. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9071/6425>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

RABAÇA, C.; BARBOSA, G. G. **Dicionário de comunicação**. 2.ed. Rev. e atual. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

RECUERO, R. Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet. In PRIMO, A. (Orgs.) **Interações em Rede**, Porto Alegre: Sulina, 2013. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/rascunhoatosdeameaca.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020, s/p.

REGUANT, D. La mujer no existe. Bilbao: Maite Canal, 1996. In: VICTORIA, S. **Diccionario ideologicofeminista**, vol. 3. Barcelona: Icaria, 2001, p. 20.

RIBEIRO, B.T. GARCEZ, P.M. **Sociolinguística Interacional**. 2ª ed. Edições Layoala. São Paulo. 2013.

RIBEIRO, B.T.; PEREIRA, M.G.D.P. A noção de contexto na análise do discurso. **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**, v.6, nº2, 2002, p. 49-67. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25284>. Acesso em: 5 nov. 2021.

RIBEIRO J. C. S. Considerações sobre o processo de gerenciamento de aparências e de informações no ambiente da plataforma interacional on-line dos web-chats. In: **Anais do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação em Belo Horizonte**, São Paulo: Intercom, 2003, s/p. Disponível em: [http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP08\\_ribeiro.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP08_ribeiro.pdf). Acesso em: 12 out. 2021.

RIBEIRO, J.C. ; FALCÃO, T.; SILVA, T. Gerenciamento de Impressões Pessoais através de Aplicativos Sociais: Uma Proposta de Análise. In: **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM**, 2010. Caxias do Sul. **Anais...** São Paulo: INTERCOM, 2010, p. 1-15.

SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992, p. 183-2015.

SACKS, H. **Lectures on Conversation**. Oxford, Blackwell, 1992.

SANTAELLA, L. Intersubjetividade nas Redes Digitais: Repercussões na Educação. In PRIMO, A. (org.). **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2016, p. 33-47.

SANTIAGO, L.F.O.; PEREIRA, M.G.D. "É batalha de RAP ou discurso feminista?": construções metapragmáticas em rituais de batalhas femininas e de sua audiência no ciberespaço. **Percursos Linguísticos**, v. 10, n. 26, 2020, p. 151-173.

Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/32900>>. Acesso em: 17 nov. 2021.

SANTOS, B. S. Introdução: Por que as epistemologias do Sul? Caminhos artesanais para futuros artesanais. In SANTOS, B. S. (Ed.). **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. Autêntica, 2019, pp. 17-38.

SANTOS, V. M. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, 2018, p. 1-11. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30200112>>. Acesso em: 10 dez. 2020.

SARTI, C.A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, nº 2, 2004, 35-50. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/QVNKzsbHFngG9MbWCFFPPCv/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

SCHEGLOFF, E. A. **Sequence Organization in Interaction: a Primer in Conversation Analysis**, vol. 1. Cambridge University Press, Cambridge, 2007.

SIDNELL, J.; STIVERS, T. (Ed.). **The Handbook of Conversation Analysis**. Oxford: Willey-Blackwell, 2013.

SLATER, D. "Social Relationships and Identity Online and Offline". In LIEVROW, L.; LIVINGSTONE, S. (Org.), **The Handbook of New Media. Social Shapping and Consequences of ICTs**, Londres, Sage Publications, 2002, p. 536.

SERRA, P. **On-line e off-line: Concordâncias, oposições e complementaridades**. Universidade da Beira Interior, 2006, p. 1-33. Disponível em <<http://tinyurl.com/7hmokhh>>. Acesso em: 20 set. 2021.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: HOLLANDA, H.B. **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, s/p.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, nº 2, 1995, p. 71-99. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 20 set. 2021.

SCOTT, M.B. LYMAN, S.M. Accounts. **American Sociological Review**. v. 33, nº 1, 1968, p. 46-62. Disponível em: <<http://jthomasniu.org/class/Stuff/PDF/accounts.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SIDNELL, J.; STIVERS, T. (Ed.). **The Handbook of Conversation Analysis**. Oxford: Willey-Blackwell, 2013.

SILVA, A. E. F.; CORREDATO, K. P.; VERSA, C.R. O movimento feminista na pós-modernidade: dificuldades e controvérsias. **Revista Jornada Científica**. v. 13, 2015, p. 233-244.

SILVA, C. R. ANDRADE, D.N.P.; OSTERMANN, A.C. Análise da Conversa: uma breve introdução. **ReVEL**, v 7, nº 13, 2009, p. 1- 21. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_13\\_analise\\_da\\_conversa.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_analise_da_conversa.pdf)>. Acesso em: 5 ago. 2021.

SILVERSTEIN, M. “Shifters, Linguistic Categories, and Cultural Description.” In ed. BASSO, K.; H. SELBY, H. **Meaning in Anthropology**, Albuquerque: University of New Mexico Press, 1976, p. 11–55.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language e Communication**. v. 23, 2003, p. 193–229. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.696.9942&rep=rep1&type=pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

SZABLA, M.; BLOMMAERT, J. Does context really collapse in social media interaction?. **Tilburg Papers in cultural studies**, v. 201, 2017, p. 1-23. Disponível em: <[https://www.tilburguniversity.edu/sites/default/files/download/TPCS\\_201\\_Szabla-Blommaert\\_2.pdf](https://www.tilburguniversity.edu/sites/default/files/download/TPCS_201_Szabla-Blommaert_2.pdf)>. Acesso em: 5 jul. 2021.

THOMPSON, J. **A Mídia e a Modernidade**. Uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2011.

TIBURI, M. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. 1ª edição. Rio de janeiro: Rosa dos tempos. 2018.

VALLE, G. V. “Isso é assédio?”: análise de performances no twitter a partir de conceitos propostos por Goffman. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, v.25, n.1, 2021, p. 281 -303. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/33720>>. Acesso em: 10 out. 2021.

VIEIRA, L.; MACHADO, L. F.; SCHIMIDT, S. S.; CASARIN, S. Feminismo x femismo. **Anais Congrega Mic**. v. 11, 2016

WAPICHANA, J. Sobre Feminismo para os 99%. In: ARRUZZA, C.; FRASER, N.; BHATTACHARYA, T. **Feminismo para os 99%**: um manifesto. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo. 2019, s/p.

WITTING, M. Não se nasce mulher. In: HOLLANDA, H.B. (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 78 - 86.

YUS, F. An outline of some future research issues for internet pragmatics. *Internet Pragmatics* 2(1): 1-33, 2019.\_, F. Internet pragmatics and the future: A reply to Fetzer, Jucker and Page. **Internet Pragmatics**, v. 2, n° 1, 2019, p. 50-53.